

CAPÍTULO IV

ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA DE LAVRAS – EVIDÊNCIAS DA CULTURA ACADÊMICA NORTE- AMERICANA



Figura 24 - Primeira Exposição Agrícola em 1922
Fonte: Arquivo Museu Bi Moreira.



Figura 25 - Anos 1930, time de futebol da Associação Atlética do Instituto Gammon
Fonte: Arquivo Museu Bi Moreira.

CAPÍTULO IV

ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA DE LAVRAS – EVIDÊNCIAS DA CULTURA ACADÊMICA NORTE-AMERICANA

“Revejo sempre com prazer a minha casa onde formei meu espírito e parte do meu caráter, e noto satisfeito que ainda não desapareceu o amor à causa de Cristo, expandindo a ciência pela Escola de agricultura, dando trabalho e salvação aos povos”
(Benedicto de Oliveira Paiva, 1954 – Livro de Visitas).

Com essa última parte, almejamos ampliar a nossa análise sobre a Escola Superior de Agricultura de Lavras, buscando destacar alguns princípios e práticas adotadas da cultura acadêmica norte-americana. Assim, entenderemos alguns aspectos sobre inovações adotadas pela Escola para configurar o seu projeto de expansão frente à comunidade, utilizando periódicos, ensino ambulante, exposições. Do mesmo modo em que introduziu o esporte, aliando a este objetivo o civismo, amalgamado pelo amor à terra e à pátria. Tendo como ponto culminante a introdução do esporte na prática escolar, no qual a YMCA - Young Men's Christian Association (no Brasil chamou-se ACM – Associação Cristã de Moços), influenciou o processo de implantação, para adequar a escola dentro dos padrões do ensino superior. Ainda, apreender neste processo a participação ativa dos primeiros diretores brasileiros, ex-alunos, em momentos decisivos para a configuração da escola como ensino superior. Finalmente, entender, de uma forma geral, o que constituiu o “espírito gammonense”, como alunos e ex-alunos se envolveram com a instituição e subjetivaram esta prática, fazendo perpetuar este espírito por meio da Associação dos Ex-alunos.

Para atender nossos objetivos, utilizamos as seguintes fontes: os Prospectos da Escola; Regimentos da Associação Esportiva do Instituto Gammon; documentos; livros de registros de matrículas; cartas; jornais de época; boletins; revistas; e os periódicos “O Agricultor”, inaugurado em 1922, e “O Instituto”, ambos os órgãos de divulgação do trabalho educativo e agrícola do Instituto Gammon. As documentações particulares das famílias dos primeiros diretores brasileiros da Escola Superior de Agricultura de Lavras foram de extrema importância.

Quando consideramos os registros da vida escolar apresentados nos prospectos do Instituto Evangélico e, posteriormente, Instituto Gammon, é possível identificarmos a tentativa de ampliar, por meio daquele informativo, a comunicação entre a escola e o seu público. Estes boletins estenderam seus conceitos sobre a missão da escola, seu histórico e as normas do estabelecimento. A partir disto, é relevante considerarmos o conceito de educação adotado pela escola.

No campo pedagógico, Ramalho (1976) aponta algumas contribuições das escolas presbiterianas no período relacionado, das quais destacam-se:

1. Introdução de atitudes liberais, com respeito à raça, religião e ideias políticas;
2. Curso Geral Preparatório (1896), separado por áreas de interesse dos alunos, que mais tarde foi adotado no Brasil;
3. Adoção da co-educação desde o curso primário;
4. Instalação de curso não oficial de Ensino Superior no Brasil – A Escola de Engenharia do Mackenzie College em 1896;
5. Primeira Escola do Comércio (1890);
6. Introdução do curso de Química Industrial e de Eletrotécnica no ensino técnico no Brasil;
7. Organização do esporte em forma obrigatória e sistemática, da mesma forma que introduziu novas modalidades;
8. Desenvolvimento de Atividades extracurriculares, com o incentivo ao Departamento cultural, na Escola Agrícola, foi denominado como prática Social e Cultural desenvolvida pelos alunos.

Assim, a educação presbiteriana buscava enfatizar o desenvolvimento da inteligência sobre a memória, ressaltando a diferença entre educação e instrução nos prospectos da escola em Lavras. A metodologia adotada pela escola para o processo ensino-aprendizagem foi o “método intuitivo”, conforme declarava o Dr. Gammon sobre o curso de estudos do Instituto Evangélico, no qual a resposta e a experiência do aluno não deveriam ser dadas como prontas pelo professor, mas indagadas para que o aluno encontre, por meio de suas reflexões, a resposta necessária para a construção do seu conhecimento.

Ao estudar a pedagogia presbiteriana, Cândido (2007, p. 159; 176) argumenta que os princípios educacionais presbiterianos estavam imbuídos do modelo de vida e de educação norte-americano, assim esta educação valorizava a liberdade de consciência aliada ao individualismo, à superação do dualismo entre pensamento e ação, e desenvolver em seus alunos um estilo cristão de vida. A Educação Cristã estabelecida pelas escolas protestantes

colocava Jesus Cristo numa relação integral com o indivíduo, envolvendo todos os aspectos do aluno, intelectual, espiritual, emocional e social.

O método intuitivo foi bastante difundido no decorrer do século XIX, estando em circulação a partir da primeira exposição em Londres em 1851 e 1862. A partir daí aconteceu a Exposição da Filadélfia em 1876 e a Exposição de Paris em 1878. Foi a exposição da Filadélfia que mais influenciou os intelectuais brasileiros, como Benjamin Constant, Leôncio de Carvalho e Rui Barbosa. Assim, o método chegou ao Brasil tanto por meio destas exposições internacionais, como pelos congressos pedagógicos, relatórios oficiais, livros e manuais, a partir do ano 1879 e acentuadamente nos anos 1880 e 1890. As primeiras conferências pedagógicas brasileiras foram promovidas pelas Lojas Maçônicas, Clubes e Sociedades Literárias (SCHELBAUER, 2003, p. 8-10). O método intuitivo influenciou a reforma de Ensino no Estado de São Paulo para as Escolas Normais.

As escolas protestantes foram as primeiras experiências da introdução do método de ensino intuitivo no Brasil, resultado da influência educativa dos Estados Unidos, no qual esse método era aplicado em todos os níveis de ensino. Anaete Schelbauer (2003)¹ aponta as seguintes escolas protestantes: Escola Americana em São Paulo (1870); Colégio Internacional em Campinas (posteriormente Instituto Evangélico em Lavras); Colégio Morton (depois da saída do Rev. Morton do Colégio Internacional, ele abriu esta escola em São Paulo em 1880); Colégio Piracicabano (1882). Além de outras escolas: Colégio Culto à Ciência (1876); Liceu de Artes e Ofícios (1882); Escola Primária Neutralidade (1884). Para a autora, estes dados colocaram em evidência as iniciativas de particulares na apropriação do método intuitivo no contexto brasileiro.

O método intuitivo dava prioridade à observação e ao desenvolvimento de atividades concretas. Daí a valorização do diálogo como forma de orientar ou provocar a atividade intelectual, colocando o aluno numa experiência direta com o conhecimento, que deveria ser prático e útil para a vida em sociedade. Buscava valorizar a espontaneidade do aluno, partindo das ideias simples ou reais, desde que tivessem sentido para a vida do mesmo². Portanto, não dizer ao aluno nada do que ele pode descobrir por si mesmo, “desenvolver a idéia, depois a palavra, ir do conhecido para o desconhecido. Explicar a dificuldade de cada vez”

¹ Ver o trabalho sobre o método intuitivo na Província de São Paulo, SCHELBAUER (2003).

² É o ato mais natural e mais espontâneo da inteligência humana, aquele pelo qual o espírito apodera-se de uma realidade sem esforço, sem intermediário, sem hesitação [...] nós procedemos pela intuição todas as vezes que nosso espírito, seja pelos sentidos, seja pelos julgamentos, seja pela consciência, conhece as coisas com este grau de evidência e de facilidade que apresenta ao olho, a visão distinta de um objeto. Assim, a intuição não é uma faculdade a parte, não é algo de estranho e de novo na alma humana. É a própria alma humana percebendo espontaneamente o que existe nela ou em torno dela (BUISSION. Conference sur l'enseignement intuitif apud SCHELBAUER, 2003, p. 53).

(SCHELBAUER, 2003, p. 68).

Dentre as matrizes teóricas do método intuitivo destaca-se Rabelais, quando propôs a valorização da experiência do aluno pelas situações com as quais ele entra em contato. Prosseguiu com Comênios ao aplicar as leis naturais à educação – das coisas mais fáceis para as difíceis. Em Rousseau, valorizou a educação dos sentidos, exercendo influência em Pestalozzi, bem como posteriormente em Froebel ao empregar a introdução do canto, jogos, brincadeiras e da ginástica na educação infantil.

No aspecto educacional, as ideias de Pestalozzi³ estavam presentes nos prospectos do Instituto nos anos 1920. Este educador trouxe, de forma geral, experiências novas, como diferentes conceitos de espaço escolar, métodos e formas de organização. Pestalozzi é adotado pelo Instituto Evangélico de Lavras, segundo o seu conceito de educação. Assim dizia o diretor: “Entendemos como Pestalozzi, que a verdadeira educação não é a que procura tão somente a instrução do aluno, mas a que tem por fim desenvolver-lhe harmoniosamente todos os poderes de que o Creador o dotou” (INSTITUTO EVANGÉLICO. Prospecto do Instituto Evangélico, 1925, p. 8). O que o capacitaria a viver de forma útil para a família e para a pátria e capaz de governar sua própria vida.

Para Pestalozzi, a escola deveria ser o espaço onde o aluno encontraria um conhecimento útil para a vida, por isso o ensino deveria facilitar o desenvolvimento espontâneo e natural da criança: “as coisas antes das palavras, a educação pelas coisas e não pelas palavras” (SCHELBAUER, 2003, p. 53). Criticava a educação de sua época: acadêmica e considerada inútil, com uma formação livresca. Assim, escreveu sobre a família, a escola, e os problemas da vida social. Afirmava em seus escritos sobre a educação cujo “fim último da educação não está no aperfeiçoamento dos conhecimentos escolares, mas na eficiência para a vida” (PESTALOZZI, 1988, p. XXI).

Ao escrever **Cómo Gertrudis enseña a sus hijos** (PESTALOZZI, [19--]), composto de várias cartas dirigidas ao amigo Gessner, expressou suas inquietações em relação à educação do povo: “Me fale que já é a hora de expor publicamente minhas idéias sobre a instrução do povo. Quero fazer agora, explicando-lhe o modo mais claro e possível em uma série de cartas [...]” (PESTALOZZI, [19--], p. 19). Esse tema organizou o pensamento de Pestalozzi, revolvendo a importância da inclusão, devido às condições nas quais esta população se encontrava. A importância do lar na formação da criança ou do jovem, trazia à

³ Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827), filho de pastor protestante, nascido em Zurique, não deixou de ser influenciado pelas ideias de Rousseau, pois o Emílio foi fonte principal neste período para a educação infantil.

tona a sua preocupação com o desenvolvimento infantil e da formação útil de todo o educando, caracterizando a educação como harmoniosa e completa.

O respeito quanto à individualidade do aluno, em Pestalozzi, estava sob o princípio do ensino processual, o desenvolvimento é orgânico, sendo que a criança se desenvolve por leis definidas; a gradação deve ser respeitada; o método deve seguir a natureza; a impressão sensorial é fundamental e os sentidos devem estar em contato direto com os objetos; a mente é ativa; o professor é comparado ao jardineiro que providencia as condições propícias para o crescimento das plantas. Para ele, a educação é desenvolvida seguindo os princípios fundamentais: a) educação como o meio supremo para o aperfeiçoamento individual e social; b) a educação, mais que transmissão de ideias memorizáveis; c) o conhecimento é uma aquisição gradativa, cada forma de instrução deve progredir de modo lento e gradativo; d) disciplina baseada na cooperação entre aluno e professor; e) introdução de novos recursos metodológicos.

Para Pestalozzi, todo homem deveria adquirir autonomia intelectual para poder desenvolver uma atividade produtiva e autônoma. O ensino escolar deveria propiciar o desenvolvimento de cada um em três campos: o da faculdade de conhecer, de desenvolver habilidades manuais e o de desenvolver atitudes e valores morais⁴. Assim, a escolarização tradicional foi muito criticada por esta corrente, por ser uma pedagogia intelectualista, voltada primordialmente para a transmissão dos conhecimentos sistematizados.

De fato, para o projeto educacional agrícola desenvolvido pelo Instituto Gammon, há indícios da presença significativa do pensamento de Pestalozzi. Como exemplo, a ênfase dada à experiência, como fator central da aprendizagem prática desenvolvida pelos alunos, quer no campo ou nos laboratórios. Consequentemente, este princípio atribuiu autoridade às atividades manuais, pois apresentavam aos alunos situações problemas concretas para serem resolvidas. O Instituto Evangélico, influenciado pelos ideais de Pestalozzi, buscava ampliar as potencialidades de cada aluno, tornando-o capaz de governo próprio, ressaltando seu esforço, a sua independência e o respeito à individualidade. Além disso, a principal característica do ensino intuitivo adotada pelo Instituto Evangélico, tendo como base a sua gênese em Campinas, era “[...] oferecer um ensino cuja base era a prática, a observação e a

⁴ Como afirma Libâneo, Rousseau, na realidade, não colocou em prática suas ideias e nem elaborou uma teoria de ensino. Essa tarefa coube ao pedagogo suíço Johann Heinrich Pestalozzi, que, lendo a obra *Emile* de Rousseau sem interesse apostólico, procurou divulgá-la e aplicá-la na instrução das crianças pobres. Ele deu uma grande importância ao ensino como meio de educação e desenvolvimento das capacidades humanas (LIBÂNEO, 1994, p. 60).

concretização, vinculado ao conceito de realidade, ensino e utilidade (SCHELBAUER, 2003, p. 127).

A grande inovação da Escola Agrícola de Lavras, no que tange ao ensino agrícola, caracterizou-se com a aprovação, por parte de seu corpo docente, das modernas técnicas pedagógicas. Dentre elas, merece ênfase o emprego de filmes, que produzidos nos Estados Unidos, eram previamente traduzidos e adaptados à realidade brasileira, o método foi revolucionário e constituiu em valioso utensílio de publicidade e de aprendizagem agrícola (O CINEMATÓGRAFO..., fev. 1929, p. 53-59).

A Educação moderna, assim chamada pelo Instituto Gammon, visava três elevados fins: “informar, preparar devidamente para os exigentes encargos da vida e descobrir as fontes profundas da personalidade do estudante, libertá-las e encaminhá-las” (INSTITUTO GAMMON. Prospecto do Instituto Gammon, 1937, p. 3), cujo alvo era atingir o jovem em suas múltiplas competências, tornando-o forte e digno, despertando o prazer pelo aprender e um ensino voltado para a vida, requisitos estes indispensáveis para o que eles chamavam de formação integral do aluno. A partir destes pressupostos, verificaremos a vida escolar, considerando como estes ideais foram incorporados no discurso da instituição e as principais inovações daquele período para a Escola Agrícola de Lavras.

4.1 A extensão na ESAL

A extensão universitária é uma criação inglesa, como consequência das mudanças sociais e econômicas acontecidas na Europa: a reorganização do trabalho e da produção. De acordo com Ovídio Correia (2000, p. 19-21), embora a historiografia aponte a sua origem no século XVIII, a sua divulgação, sistematização e expansão aconteceram na segunda metade do século XIX. A Revolução Industrial exigiu formação geral de técnicos e artesãos, daí a preocupação do governo no investimento de escolas elementares e na criação de *workhouses*, institutos mecânicos para proporcionar tal formação. Neste período, a universidade sofreu críticas pelo seu caráter aristocrático. Assim, a *University College* em Londres introduziu a ideia de uma universidade que propiciasse preparo específico para as profissões.

A extensão universitária brotou em plena burguesia. Em seu início foi vista como uma transferência e expansão da cultura superior às massas, o que a diferenciou de debate ou solução de problemas sociais. Consequentemente, teve como resultado: “[...] a admiração pela cultura superior, superioridade do trabalho intelectual, ascensão social para o operário, alienação do cotidiano e dos problemas sociais” (CORREIA, 2000, p. 49).

A visão norte-americana de universidade sofreu influência de diferentes vertentes: a influência da educação liberal do *College* inglês, do ideal científico da universidade alemã (valorizava a pesquisa científica e o uso de laboratórios, daí a valorização do conhecimento geral e profissional), e a orientação pragmática de treinamento técnico-profissional dos *Land Grant Colleges*.

Os *Land Grant Colleges*, criados no século XIX, foram exemplos deste vínculo entre teoria e prática e do modelo de expansão agrícola nos Estados Unidos para o contexto econômico e social do Brasil. Em 1862, o Presidente Lincoln assinou o *Morril Act* que deu origem aos *Land Grant Colleges*. A estrutura do ensino superior, até então, estava estabelecida e o país contava com um número significativo de *colleges*, inspirados nas universidades de Oxford e Cambridge, os quais estavam voltados, de um lado, para a formação dos futuros pregadores e, de outro, para o conhecimento clássico dos jovens *gentlemen*. Os que buscavam uma educação mais erudita iam para a Europa, em especial, para a Alemanha.

Os *Land Grant Colleges* foram o resultado da reivindicação dos agricultores que buscavam uma educação democrática e aplicada à realidade por eles vivida, pois, nos Estados Unidos, até o final da primeira metade do século XIX, o ensino superior oferecido era quase

exclusivamente de orientação clássica e havia muitas críticas às limitações do currículo, que apontavam a necessidade de uma educação mais técnica, voltada ao desenvolvimento do país. Eram grandes as dificuldades iniciais para por em prática tal objetivo: baixo prestígio dos cursos, alunos com pouca base de estudos, professores mal preparados e sem dispor de material didático apropriado. Logo, o estabelecimento de estações experimentais de agronomia favoreceu o conhecimento que passou a ser ministrado nos *colleges*.

Essa mesma demanda levou alguns *colleges* a oferecerem cursos rápidos para *farmers*, o que deu origem às atividades de extensão, uma contribuição tipicamente norte-americana à concepção de universidade.

A Lei Smith Lever, criada em 1914 nos Estados Unidos, estabeleceu a organização formal da extensão cooperativa, aliada ao já existente *Morril Act* de 1862, que deu origem aos colégios estaduais de agricultura, favoreceram a realização de treinamentos e a difusão de pesquisas colocados ao alcance do agricultor e suas famílias, com programas de formação técnica, economia doméstica e de organização da juventude (GURGEL, 1986, p. 60-86). Em 1914, trinta universidades haviam organizado a extensão geral e 25 *colleges* agrícolas (CORREIA, 2000, p. 86).

Esta aproximação escola-comunidade foi o fundamento para a extensão desenvolvida na escola de Lavras, sendo um meio de divulgação das práticas agrícolas modernas e da utilização do maquinário. O que reforça a utilidade do pensamento prático ao aliar conhecimento e necessidades sociais emergentes, nas quais a escola estava inserida. O modelo de universidade moderna passa, portanto, pela introdução da extensão, seja pelo serviço de extensão geral ou o serviço de extensão cooperativa (ação conjunta do Governo Federal por meio do seu departamento de agricultura e do governo estadual) como aconteceu com os *Land Grant Colleges*.

No Brasil, a atividade extensionista aconteceu sem a presença da universidade. Para Correia (2000, p. 131), as primeiras experiências estiveram no contexto da Universidade Popular, o Rio de Janeiro foi “onde primeiro medrou a preocupação de levar a universidade ao povo” e registra que em 1902 já eram dadas aulas na Universidade Popular Livre, mantida por associação ou por proletários.

A experiência e estrutura da Universidade Popular vinculada ao sistema superior apareceu no Brasil com a criação da Universidade Livre de São Paulo em 1912, funcionando até 1917. Outros exemplos de Universidade Popular foram desenvolvidos pela iniciativa de setores da sociedade, coexistindo assim com a Extensão Universitária, mas sem a oficialização do Governo Federal.

Nos anos 1920, a extensão universitária se destacou no âmbito da Associação Brasileira de Educação – ABE, criada em 1924, foi a principal promotora de debates educacionais deste período: já em 1925 desenvolvia conferências sobre o Método da Escola Ativa, e cursos de “alta cultura e especialização”, realizando em 1926, 54 conferências. Nos anos 1920, destacou-se a Universidade de Minas Gerais em 1928, na promoção de eventos extensionistas, como cursos e palestras (CORREIA, 2000, p. 168).

A partir da Reforma do Ensino Superior em 1931, é que a Extensão Universitária vai, de fato, ser institucionalizada pelo Governo Federal pelo Estatuto – Dec. nº 19.851 de 11 de abril de 1931, como fundamental para a vida social universitária, vinculando-se à sociedade. No artigo 109, fixa a sua função: “a Extensão Universitária destina-se à difusão de conhecimentos filosóficos, artísticos, literários e científicos, em benefícios do aperfeiçoamento individual e coletivo” (BRASIL, 1931, p. 5.830-9). No entanto, a extensão universitária desenvolveu-se sem a plenitude de autonomia e reforçativa do sistema social vigente.

A maioria das instituições de ensino superior existentes no Brasil adotou a tradição francesa para o ensino superior, sendo estes modelos constituídos de escolas isoladas e de um ensino especializado de elevado nível teórico. A primeira instituição de educação superior com forte marca do modelo norte-americano foi a Escola de Engenharia do Mackenzie College, criada em 1896 pela missão presbiteriana. Para a autora Maria das Graças Ribeiro (2004, p. 3), este modelo foi mais absorvido na ESAV, contudo consideramos que o modelo norte-americano foi absorvido na EAL, afinal, seus promotores eram norte-americanos. Talvez os seus resultados tenham inspirado o Governo de Minas a buscar um profissional, também norte-americano, para instalar a escola de Viçosa. Diferente de medidas anteriores, quando contratou o francês Gorceix para instalar a Escola de Minas de Ouro Preto no período Imperial ou estruturar o ensino agrícola no final do século XX. O projeto elaborado pelo francês foi a primeira tentativa do Governo de Minas Gerais para o estabelecimento do ensino profissionalizante.

Estudos sobre o trabalho de extensão da Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Viçosa - ESAV apontam esta instituição como pioneira do projeto de extensão universitária no Brasil (cf. SILVA, 1995). O trabalho desenvolvido por Roberto Gurgel (1986) sobre a extensão universitária no Brasil apresenta a ESAV como a instituição que adotou o padrão extensionista americano como uma alternativa válida para a realidade brasileira. Cita a criação da extensão rural no Brasil, em 1930, por ocasião da 1ª Semana do Fazendeiro na escola de Viçosa. No entanto, entendemos que, mesmo antes, a Escola Agrícola

de Lavras, como ensino superior já inaugurava o seu projeto de extensão por meio das exposições, periódicos e do ensino ambulante sob o padrão extensionista americano. O ponto culminante deste projeto aconteceu no início dos anos 1920, com a introdução das exposições e periódicos, tendo como objetivo aproximar-se da comunidade. Diferente da exposição, que exigia dos agricultores o deslocamento até a Fazenda Modelo, com o *Serviço de Propaganda Agrícola*, adotado pela EAL, ou com a utilização do Ensino Ambulante, a escola vai até a fazenda orientar os agricultores a que solicitassem qualquer ajuda ou orientação, seja por meio de boletins e revistas ou pela participação ativa dos alunos e professores.

Não localizamos registros mais amplos quanto à relevância alcançada pela EAL por meio do ensino ambulante, faz-se necessário destacar que a Lei nº 690 de 1910 sobre o regulamento do ensino agrícola já declarava a importância do ensino ambulante nas escolas oficiais. O Estado de Minas Gerais em seu Regulamento Geral do Ensino Agrícola afirmava em 1911 sobre o ensino ambulante:

O ensino agrícola, que terá feição mais prática do que teórica, será ministrado no estado aos menores de dezoito anos que freqüentarem ou não as escolas públicas sob a forma elementar, nos grupos escolares, escolas rurais, aprendizados agrícolas e nos institutos mantidos ou subvencionados pelo Estado; aos lavradores (maiores de dezoito anos) por meio dos professores ambulantes e também nas fazendas modelos, fazendas subvencionadas e campos de demonstração. E – aos moços que queiram se dedicar à vida agrícola, nos estabelecimentos particulares existentes ou que se fundarem nos estados, subvencionados para o ensino médio ou teórico-prático de agricultura (MINAS GERAIS. Decreto... 1911, p. 586).

O ensino ambulante estava sob supervisão da Secretaria de Agricultura, que delimitou o Estado em sete zonas de atendimento (Centro, Norte, Sul, Leste, Oeste, Triângulo e Zona da Mata. Sua extinção só ocorreu no final da década de vinte). Em 1915, 308 proprietários foram beneficiados por ele (FARIA, 1992, p. 272).

A Escola Agrícola, por meio do *Serviço de Propaganda Agrícola*, oferecia, às pessoas que solicitassem, folhetos explicativos, boletins e cartazes para orientação, com distribuição gratuita: um cartaz em cinco cores; Boletins I ao V – Cultura do Milho; Boletim nº VI – Criação Lucrativa de Suínos; Boletim nº VII – As Moléstias que Ameaçam a Criação Lucrativa de Suínos. Este recurso foi divulgado em várias edições da revista **O Agricultor** (ano VI, n. 5, set. 1927, p. 45). Coordenados pelo Dr. Hunnicutt, estes serviços foram custeados por firmas comerciais que se interessavam pelo desenvolvimento agrícola. No entanto, no final dos anos 1920, estes recursos foram reduzidos ao âmbito do município de Lavras devido à falta de apoio oficial.

A introdução do trabalho de extensão na Escola Agrícola de Lavras foi um projeto que envolveu várias atividades tentando integrar a escola com as necessidades básicas dos agricultores da região. A escola introduziu a utilização de periódicos e revistas, exposições e o ensino ambulante, Serviço de Propaganda Agrícola, além dos cursos rápidos de um ano e cursos livres, conforme vimos anteriormente, para atender de uma forma imediata as carências do ramo da agricultura, utilizando estratégias de auxílios técnicos e teóricos para o atendimento a consultas solicitadas.

4.1.1 Propaganda Agrícola

A cultura protestante, por valorizar a leitura e a participação ativa de seus membros no culto, priorizou em muitos momentos na realidade brasileira a introdução de periódicos para a divulgação de seus ideais. Quando a Escola Internacional foi transferida para Lavras, levou consigo a primeira imprensa presbiteriana, onde a Igreja Presbiteriana iniciou suas publicações nesta região de Minas Gerais. Por isto, por muito tempo, a Imprensa Gammon foi a responsável em fazer circular as notícias do Instituto Evangélico, da Federação Evangélica (o Estatuto foi publicado pela Imprensa Gammon), e de outras publicações oficiais da Igreja. A imprensa assumiu, portanto, a sua contribuição na difusão ideológica.

As tecnologias midiáticas⁵ aparecem com a criação da escrita, sendo sua principal particularidade o rompimento com o tempo e espaço, uma vez que as informações não estavam mais restritas ao meio oral, no qual o emissor e o receptor estavam inseridos no mesmo ambiente, havendo uma interação entre as partes. As informações e o conhecimento necessitavam de um círculo oral, para não cair no esquecimento. Já as tecnologias midiáticas alcançam melhor difusão no tempo e no espaço, as mensagens continuam a ser emitidas na ausência do corpo vivo dos destinatários. Portanto, fixam e reproduzem as mensagens, pois a escrita fixa a informação no papel e esta não fica presa nem a questões geográficas ou temporais, podendo chegar a qualquer lugar do mundo, universalizando a mensagem.

Nesta perspectiva, analisar o discurso apresentado pela Imprensa se faz importante enquanto prática social e legitimadora de ideias e costumes. Aqui enfatizamos a Revista de

⁵ A imprensa na esfera das telecomunicações e da informática designa imediatez da transmissão, do cálculo e da resposta, o tratamento e a apresentação instantânea das informações.

divulgação da Escola Agrícola, especificamente do Grêmio Agrícola, **O Agricultor**⁶, a qual constituiu-se como significativo dispositivo para a divulgação da educação agrícola e das práticas modernas utilizadas no campo. Desde a sua fundação, em junho de 1922, o objetivo da revista era divulgar

[...] ao longe os principios que aqui se aprendem, pondo em auxilio das classes productora do paiz a penna do mestre e do estudante, e que, juntas, corroborasse, ainda que modestamente, nessa cruzada de ensino que constitue o alevantamento da agricultura nacional (RELATÓRIO. **O Agricultor**, ano I, n. 5, nov. 1922, “não paginado”).

Conforme relata o próprio periódico, os objetivos foram alcançados ao descrever os pedidos enviados por várias partes do país solicitando informação e a assinatura de **O Agricultor**. A revista foi uma iniciativa dos moços do Grêmio Agrícola da Escola Agrícola de Lavras, criado a 29 de agosto de 1921, e tinha como objetivo promover sessões públicas e particulares, nas quais discutiam temas agrícolas.

Assim, ficava estabelecida a função do grêmio: manter órgão de publicação; organizar uma biblioteca agrícola na sede social, para uso dos sócios e demais pessoas interessadas; fornecer informações aos agricultores consultando pessoas de autoridade, caso fosse necessário; manter contato com associações congêneres do país, a fim de por em comum as ideias e experiências; fornecer, quando possível, semente aos associados pelo respectivo custo; apresentar, aos poderes públicos, medidas necessárias para facilitar a resolução do problema agrícola no País. O Grêmio divulgou o programa das reuniões particulares na Revista **O Agricultor** para o segundo semestre de 1922:

Para o dia 17 de junho está organizado o programma seguinte:
 I – O problema das estradas de rodagem no Brazil – Prof. Dr. Aristides Oliveira.
 II – Como melhorar as propredades phisicas do solo – Tancredo Paranaguá.
 III – Leitura – Lauro Correia
 IV – Qual a tração que mais nos convem – Floriano Bottrel
 V – A mulher na agricultura – Isaias Cavalcanti.
 VI – O valor da horticultura – Sinval Silva (REUNIÕES... **O Agricultor**, anno I, n. 1, jun. 1922, “não paginado”).

Com a necessidade de incrementar as atividades culturais produzidas pelos alunos, o Grêmio Agrícola passou a se chamar “Centro Líteo-Agrícola”, a partir de 22 de março de 1926. O seu estatuto tinha os mesmos objetivos descritos do Grêmio Agrícola, depois de revisto foi aprovado pela Assembléia Geral em 14 de setembro de 1932. Com o reconhecimento da Escola Agrícola de Lavras pelo Governo Federal, o “Centro Líteo-

⁶ Em 1943, por motivos financeiros da Escola, a revista parou de circular.

Agrícola” passou a se chamar “Centro Acadêmico de Agronomia, em 20 de julho de 1936”. Os objetivos foram os mesmos, com poucas mudanças no estatuto: a consagração do dia 21 de setembro para plantio de árvores dos Agronomandos do ano Letivo, e a comemoração do aniversário do Centro Acadêmico no dia 22 de março (Arquivo do Museu Bi Moreira, A História da EAL, [199-]).

O Agricultor, de acordo com os ideais do Grêmio Agrícola adotou a missão de alfabetizador do campo, pois buscava diagnosticar a “única” doença ou “incúria do povo pela agricultura: a ignorância”, consequência do senso comum pelo qual o próprio brasileiro via a agricultura no Brasil: a) a desvalorização da carreira agrícola (oficializada nos anos 1930); b) a impossibilidade de concorrer com o mercado econômico; c) a insuficiência da safra do país; finalmente, d) a ignorância que o povo tem das suas próprias possibilidades. Daí a missão alfabetizadora e necessária assumida pelo Grêmio da Escola Agrícola, por meio da revista, na divulgação do conhecimento científico e prático. O sentimento nacionalista, vivido pelo primeiro período republicano, enaltecia a terra, e enfatizava o significado de ser brasileiro, como sinônimo de ser agricultor (APRESENTANDO-NOS. **O Agricultor**, n. 1, jun. 1922, “não paginado”).

O Grêmio Agrícola reconhecia o poder de legitimar significados que a própria imprensa assumiu diante da comunicação escrita: “arma poderosa de que dispomos para levar por todos os recantos do paiz, aos nossos patrícios, tudo quanto a pratica e a sciencia modernas nos apresentam” (ALVARENGA, **O Agricultor**, n. 1, jun. 1922, “não paginado”).

Os alunos, por meio da revista **O Agricultor**, incorporaram o discurso dominante daquele contexto, não somente ao que era ensinado ou problematizado em sala de aula, mas em relação ao discurso oficial, que enfatizava o progresso via ensino e agricultura moderna. Podemos dizer, num primeiro momento, que um dos principais meios de divulgação da Escola Agrícola, foi de iniciativa estudantil, tutelada pelos professores. De acordo com o primeiro número, assim ficava estabelecido a primeira Diretoria do Jornal **O Agricultor**: Diretor – Prof. Emanuel Deslandes; Redatores – Othoniel Riberio e I. Correia; Thesoureiro – Erasmo Maciel; Secretário – José Alvarenga; Gerente – Ulderico Luz.

O periódico procurou problematizar diversas realidades do contexto rural e dos principais problemas da agricultura e, conseqüentemente, do agricultor. O Secretário José Alvarenga já apresentava as queixas sobre a assistência educativa e condições de saúde e trabalho do homem do campo:

E o nosso homem da fazenda, o sertanejo, sem meios de transporte, longe dos centros consumidores, vivendo num meio isolado, chicoteado de um lado pelas moléstias palustres, de outro pela moléstia do analfabetismo, este heroe das selvas brasileiras, poderá dizer, alto e bom som, que esta attitude tem sido até agora, theorica, burocrática e nada mais (ALVARENGA, **O Agricultor**, anno I, n. 4, out. 1922, “não paginado”).

Nesta perspectiva, *O Agricultor* assumiu um caráter militante, apontando as fragilidades da política nacional voltada para o desenvolvimento do campo, a assistência ao trabalhador do campo e as condições reais em que viviam, sem o acesso aos grandes centros, dificultado pela carência das estradas, deixando apenas no papel as iniciativas do Governo.

Para o secretário de **O Agricultor**, embora o governo reconhecesse as fragilidades do ensino no Brasil, era chegado o momento de investir na educação agrícola, “por meio da criação de novas escolas agrícolas, patronatos, campos experimentaes, fazendas modelos”, da mesma forma criticava as propostas do governo que não foram efetivadas: “explorar as minas de ferro, saneamento e água”. A solução apresentada estava na busca pelas luzes da ciência moderna, com o fim de compreender o significado do trabalho inteligente e racional (ALVARENGA, **O Agricultor**, anno I, n. 4, out. 1922). O número seguinte do periódico ainda apontava a problemática da vida no campo sob o seguinte tema: *Principaes causas do atrazo da vida rural*:

1. Falta de conhecimento por parte dos fazendeiros, das condições e possibilidades das zonas em que residem.
2. Falta de organização social e comercial entre os fazendeiros.
3. Falta de vias de comunicação.
4. Diminuição da fertilidade do solo, devido à má exploração.
5. Falta de learders.
6. Falta de crédito Agricola.
7. Falta de braços para o trabalho.
8. Falta de insentivo que prenam o trabalhador no solo.
9. Falta de hygiene rural (PRINCIPAES causas do atrazo da vida rural. **O Agricultor**, n. 5, nov. 1922, “não paginado”).

As reflexões apresentadas pelos alunos não eram um conjunto de discursos particulares da própria escola, mas constituíram uma queixa geral dos diversos setores do contexto mineiro: “Organização do mercado de trabalho, crédito agrícola e construção de estradas compusera, quase como refrão, a pauta de reivindicações das classes conservadoras ao longo de todo o período e com maior ênfase a partir de 1914” (FARIA, 1992, p. 333).

Ainda em relação à construção de estrada, em número posterior datado de dezembro de 1923 (Anno II, n. 10), o professor de Engenharia Agrícola da EAL, C. Knight, já indicava alternativas para melhorar a locomoção entre o meio rural e urbano. As estradas eram meios

eficientes para a comunicação do agricultor com a cidade e com a informação, possibilitando assim a locomoção dos meios de transportes. Estas estradas deveriam ser lisas, rijas, considerando os custos não apenas pelos quilômetros construídos, mas o seu tráfego, incluindo o peso das cargas (KNIGHT, **O Agricultor**, anno II, n. 10, dez. 1923, “não paginado”). No entanto, somente um ano depois o governo mineiro traçou um plano rodoviário que articulava, “por sistema radial, todas as regiões do Estado à capital e esta, com os principais centros do país (este plano só foi concretizado com JK), persistiu neste período a questão das estradas como obstáculo ao desenvolvimento” (FARIA, 1992, p. 348).

Foi possível identificar vários volumes da revista no período entre 1922 a 1939⁷. As informações apresentadas em seus diversos números buscavam, de forma prática e didática, apresentar aos seus leitores recomendações, avisos e dicas sobre plantações, reflexões sobre as condições reais do campo e as iniciativas e omissões do Governo. Bem como as realizações no Estado de Minas Gerais, no País e/ou no exterior, tais como: métodos de plantio; o investimento na agricultura e na educação agrícola; outros ramos da economia do campo como a avicultura e pecuária. Como exemplo, o Dr. Hunnicutt, compartilha na revista a experiência da educação agrícola em Nova York, na perspectiva do *College of Agriculture – A Escola Agrícola de “Cornell”*:

Tivemos ha pouco o privilegio, ha muito desejado de visitar o afamado “State College of Agriculture” de Nova York [...]. Esta Escola Agrícola faz parte da Universidade de Cornell fundada em 1865. É a escola official do Estado de Nova York, mas a universidade deve sua origem a generosidade da Sra. Cornel, de quem tomou o nome.

O systema de educação no Estado de Nova York differe um pouco dos outros estados. De momento não nos lembramos de caso algum, onde, em outro Estado, a Escola Agrícola esteja ligada a uma universidade de character mais ou menos particular.

Nem por isso a Escola Agrícola tem soffrido, porquanto, é uma das melhores nos Estados Unidos. Os dinheiros para a manutenção da Escola veem de cinco fontes: do governo Federal, do governo do Estado, da Universidade de Cornell, de suas própria rendas e do dinheiro do Governo Federal para as estações experimentaes.

Si não nos enganamos, a verba, total, só da Escola Agrícola, anda em dois milhões de dólares (dezesseis mil contos de reais) [...] Um dos departamentos de Cornell fez uma combinação com a Universidade [...] na China, afim de levar a effeito um trabalho de melhoramentos das plantas ou culturas chinezas.

Cada ano uns dos professores de Cornell passa um anno na China (O doutor visitou esta escola por três dias) (HUNNICUTT, **O Agricultor**, ano VI, n. 5, 1927, p. 16-17).

⁷ As Revistas estão arquivadas no arquivo da Universidade Federal de Lavras: Museu Bi Moreira.

Do ponto de vista editorial, a revista foi coordenada pelo grêmio agrícola e por professores que eram membros do grêmio. Os artigos publicados eram de professores do estabelecimento e de autores convidados como o Prof. Peter Rolfs, diretor da Escola de Agricultura de Viçosa, que escreveu o artigo *Algumas considerações sobre o ensino agrícola no Estado de Minas Geraes* (**O Agricultor**, anno VIII, n. 1, jan. 1929, p. 7-8). O que evidenciava a aproximação dos discursos dos dois estabelecimentos sobre a causa da educação agrícola no Estado. Além deste artigo, o Prof. Peter Rolfs contribuiu com a revista escrevendo sobre outros assuntos em edições diferentes, como exemplo: o tema *O Pomar da Família*, publicado na revista em 1926 (ROLFS, **O Agricultor**, anno V, n. 2, mar. 1926).

No artigo referido, o autor descreveu a Escola Agrícola de Viçosa apresentando suas ideias e propósitos quanto à educação. Para ele, a inauguração da escola significou o interesse do Governo pelo investimento de profissionais qualificados, sendo necessária a inserção da educação agrícola em todos os níveis de ensino e tipos de escola. Valorizou a Indústria da Agricultura como incomparável a qualquer outro ramo, “[...] pela riqueza de matéria ilustrativa, e pela oportunidade de desenvolver a instrução em todos os graus de Educação”. Neste sentido, houve uma semelhança dos discursos presentes nas duas instituições.

Outro ponto a destacar é que o periódico já tentava manter contato direto com os seus leitores, inaugurando a sessão de consulta, a qual publicava as cartas dos leitores solicitando orientação, juntamente com a resposta do profissional da agricultura, destacamos uma das indagações:

Consulta do Sr. Sebastião Lutterbach Sobrinho: “Desejo que o amigo me informe a direcção do Centro de Criadores de Cabras nos Estados Unidos, pois o meu pae tenciona importar de lá cabras ‘mambrinas’

Resposta: Em resposta à vossa consulta dou-vos os seguintes endereços [...] Acho mais acertado escreverdes ao Director of the Bureau of Animal Industry, Department of Agriculture, Whashington D. C. dizendo o que desejas, pois o Governo mandará saber tudo direitinho e evitará explorações. Elles tem um technico que só trata de guiar os estrangeiros nas suas compras. B.H.H. (HUNNICUTT, **O Agricultor**, anno II, n. 10, dez. 1923).

Envolvendo a relação entre imprensa e história da instituição escolar, a revista tornou-se um veículo de comunicação rápido, prático e educativo. Elementos importantes para configurarmos a relação da escola com o contexto extramuros, pois este periódico circulava entre os interessados pela agricultura, do mesmo modo como foi portador de uma cultura científica e moderna, a qual a escola amalgamou-se e foi ao mesmo tempo, formadora do ideal que pretendia divulgar. Em um contexto maior, a escola buscou implantar o pensamento dominante do contexto mineiro: o progresso, representado pela racionalização da agricultura, via educação.

É de se imaginar que o impresso apresentado alcançou a sua relevância social no sentido de procurar relacionar-se de forma mais direta com o leitor e atender suas necessidades imediatas, alcançando assim uma confiabilidade entre leitores e autores. Seu objetivo principal foi o de ser um suporte para a formação do homem do campo comunicando a maneira de fazer e agir frente a tais problemáticas. Desde os anos 1920, a revista já apresentava questões sobre a importância da utilização do álcool industrial, no sentido de diversificar a economia brasileira explorando os seus recursos naturais:

De ha muito problema de magna importancia vem revolucionando diversos paizes e ultimamente chegou até a nós, para ser resolvido é o uso do alcool como combustivel, succedaneo da gazolina.

Não temos petroleo, ou si o temos está ainda em minas theoricas insufficiente para o nosso consumo, por outro lado a nossa agricultura evolue e espera de mãos dadas com a mechanica, o estímulo para um rapido progredir [...] o alcool é chamado a representar um papel mais digno-preechendo nossas faltas, satisfazendo nossas nessecidades. Será elle, sem contestação nenhuma, o substituto da gazolina (**O Agricultor**, anno II, n. 9, nov. 1923).

A revista passou a promover a divulgação de prêmios para os agricultores assinantes, com o objetivo de ampliar seus leitores. Além das contribuições teóricas, os editores investiram na divulgação de outros folhetos, estimulando, ainda, o conhecimento da ciência. A estratégia dos prêmios e as repostas publicadas nos volumes buscavam aproximar o leitor da própria produção da revista.

Muitos outros assuntos foram discutidos na revista agrícola: comunicação de eventos como as formaturas do Instituto Evangélico, exposições agrícolas, homenagens a alunos e professores e vários outros artigos sobre inovações para a agricultura: Agricultura extensiva, Hybridação de plantas, Avicultura, Higiene Rural, Moléstias. Em alguns números foram divulgados os livros escritos por Benjamin Hunnicutt: uma edição especial para “O Milho” e “O Algodão”, procurando problematizar a questão da agricultura no contexto mineiro e brasileiro. A revista foi um importante veículo de marketing tanto para as empresas do ramo como para bancos e fábricas. Como exemplo, destacamos o comercial da empresa de maquinário agrícola John Deer e a empresa Ford.

Para Gonçalves Neto (2002, p.223), se os jornais e aqui incluímos os periódicos, “divulgam determinados conceitos, visões de mundo etc., é porque normalmente ou comungam com essas idéias ou necessitam do apoio daqueles que as professam”. A Revista **O Agricultor** utilizou deste veículo de comunicação para divulgar o ideal da agricultura moderna, problematizando realidades encontradas no campo, tão distante de contextos

urbanos e iniciativas governamentais. Por isto, verificamos que estes periódicos visaram apresentar e legitimar a tríade educação agrícola – ciência – progresso, no imaginário mineiro, atendendo a demanda de divulgação das ciências agrícolas e o uso do maquinário. Por sua vez, esta leitura contribuiu para o trabalho de extensão agrícola realizado pela Escola Agrícola de Lavras, ao divulgar novas práticas para o trabalho no campo.

4.1.2 As Exposições

Além deste recurso, a escola investiu na promoção de exposições agrícolas em seus recintos. Como trabalho de extensão, estes eventos permitiram o intercâmbio entre a sociedade e a instituição, divulgando os produtos da Escola, ao mesmo tempo, envolvendo todos aqueles comprometidos com o investimento na agricultura.

Benjamin Hunnicutt teve importante papel no envolvimento da escola nos trabalhos de exposições agrícolas. A começar pela 1ª Exposição Nacional do Milho em 1915, no recinto da escola, atividade esta que se repetiu em vários outros estados, ainda sob a sua direção⁸. A escola também sediou e organizou com o auxílio do Ministério da Agricultura a 5ª Exposição Nacional de Milho, de 13 a 17 de julho de 1926.

O marco da escola quanto à promoção de exposição aconteceu em 1922, no ano da inauguração dos prédios no campus da Escola Agrícola de Lavras. O desenvolvimento da exposição de Lavras obteve representantes de diversas cidades do Estado, o que fez a escola apresentar variedade das amostras de gado bovino, suínos, equinos, caprinos, galináceos, implementos agrícolas, trabalhos manuais (bordados, pinturas, etc), produtos hortigranjeiros e promoveu-se concurso de culinária, o que de fato, evidenciava a influência norte-americana nestas feiras e exposições, pois desde 1914, já *Farmer's Weeks*, criadas nos *Land Grant Colleges* por volta de 1914, reuniam nos campus os agricultores e suas famílias (RIBEIRO, 2004).

A Revista **O Agricultor** divulgou o evento promovido pela Escola Agrícola de Lavras:

⁸ O seu envolvimento com a agricultura repercutiu em várias palestras e conferências realizadas no país. Uma delas foi tema de seu artigo publicado na revista *O Agricultor: Duas Décadas do Desenvolvimento Agrícola no Brasil* – Conferência realizada na Sociedade Nacional de Agricultura em 30 de setembro de 1926 por Benjamin Hunnicutt (**O Agricultor**, anno VI, n. 1, jan. 1927).

Dos municípios de Lavras, Monte Carmello, Patrocínio, Araxá, Patos, Carmo Do Paranahyba, S. Gothardo, Bambuhy, Piumhy, Santo Antonio do Monte, Formiga, Campo Bello, Villa de Perdões, Villa Nepomuceno, Dores da Boa Esperança, Turvo e Rio Preto.

Nenhuma iniciativa até aqui principiou com tão grande successo como a Exposição Agro-Pecuaria de Lavras, levada a effeito nos dias 4 a 9 de setembro, nos terrenos da Escola Agrícola deste Municipio e debaixo da direcção experimentada do dr. B. Hunnicutt.

A solenidade de abertura compareceram numerosas pessoas deste Municipio e dos visinhos.

O importante certamente veio patentear aos olhos dos que tiveram a oportunidade de examinar os productos expostos, o muito que já progredimos em agricultura e pecuária e o muitíssimo que ainda temos de melhorar e desenvolver para atingirmos o grão de aperfeiçoamento compativel com a nossa condição de “paiz essencialmente agricola.”

Alem dos productos agrícolas e da pecuária, foram também expostos bellos trabalhos manuaes, caprichosamente elaborados pelas alumnas do Collégio Carlota Kemper e pelas digníssimas irmãs do Collegio de Lourdes.

Dado o grande êxito alcançado neste anno, é de se esperar que em annos vindouros a Exposição Agro-Pecuaria de venha a constituir um poderoso factor de desenvolvimento agricola neste prospero Município (EXPOSIÇÃO... **O Agricultor**, anno I, n. 3, set. 1922, “não paginado”).

A novidade da exposição estava na participação democrática das irmãs do Collegio de Lourdes, uma instituição católica, o que evidenciava a ausência de rivalidade por parte do Instituto Evangélico. A inovação estava também na mostra de filmes sobre os assuntos agrícolas, para isso foi colocado um telão em frente ao prédio Álvaro Botelho. De fato, a utilização do recurso de filmes já era uma prática na pedagogia da escola, influenciada pelo método intuitivo. Até 1939 registra-se que a Escola sediou, desde 1922 com a “Primeira Exposição Agro-Pecuária”, a 12ª Exposição Agro-Pecuária de Lavras (12ª EXPOSIÇÃO... **O Instituto**, ano IX, n. 61-62, jul./ago. 1939, p. 1).

A dinâmica da relação entre estas exposições e o público participante visava atender as necessidades emergentes dos grandes e pequenos agricultores, como também compartilhar as inovações da agricultura por meio da utilização do maquinário agrícola, sementes, adubos, etc. Segundo o boletim informativo da 10ª Exposição Regional Agro-Pecuária de Lavras, o programa da exposição abrangia gados de todas as espécies, produtos da lavoura, horticultura e pecuária, indústria e comércio, máquinas agrícolas, trabalhos escolares e domésticos. A exposição estimulou produtores, fazendeiros e agricultores apresentarem o melhor de sua produção. Os produtos inscritos eram julgados por um júri e a premiação estava dividida entre a entrega de fitas: fita roxa para o grande campeão; primeiro prêmio – fita amarela; segundo prêmio – fita verde; terceiro prêmio – fita branca e menção honrosa – fita azul. Por último, a premiação em dinheiro, por classe de acordo com a subvenção (ESCOLA AGRÍCOLA DE LAVRAS. Boletim da 10ª Exposição... 1937, p. 2-4).

Ainda sobre esta exposição, o Diretor da Escola Agrícola de Lavras, Dr. Benedicto de Oliveira Paiva apresentou ao Jornal “Gazeta” os objetivos deste evento para Lavras e para a instituição:

A directoria da Escola Agrícola de Lavra promoverá, na ultima semana de junho próximo, a 10ª Exposição Regional Agro-Pecuaria de Lavras, inaugurando, assim, solenne e brilhantemente, o Pavilhão “Odilon Braga”, edifício construído sob os auspícios do Exmo. Sr. Ministro da Agricultura para servir ao ensino agrônômico do País, no qual serão expostos os principaes productos agrícolas da região.

O nosso certame, como sempre, constituirá grande e marcavel acontecimento, pois conta com o apoio integral do Exmo. SR. Dr. Israel Pinheiro, D.D. Secretario da Agricultura do Estado, profundo conhecedor das coisas ruraes mineiras, cujas realizações são o attestado de capacidade e efficiencia technica e administrativa para solucionar satisfactoriamente os problemas agrícolas do nosso Estado, podendo citar como testemunho do que affirmo o interesse de S. Excia. Pelo ensino agrônômico e, em particular, pela Escola Agrícola de Lavras. A exposição se realizará com todo o apoio do Governo Municipal de Lavras [...]

Como condição determinante tambem, do successo do próximo certame, temos a representação do Serviço Technico do Café de Minas Geraes, chefiado pelo engenheiro-agronomo e technico cafeicultor, dr. Dirceu Duarte Braga, nome este que honra sobremaneira a Escola Agricola de Lavras pelos relevantes serviços prestados ao País, quer no magistério, quer nas operações technicas do Ministerio da Agricultura.

Prestará o seu valioso concurso o Serviço de Plantas Texteis do Ministerio da Agricultura, orientado neste Estado pelo engenheiro-agronomo, dr. Jayme Ferreira de Britto, cuja operosidade conhecimento technicos muito teem contribuído para a melhoria qualitativa e quantitativa da lavoura algodoeira em Minas Geraes.

O dr. Jayme Ferreira de Britto, como o dr. Dirceu Duarte Braga, representam de modo dignificante a Escola Agricola de Lavras, pela qual se diplomaram [...]

Será uma festa extraordinária. Farta messe de premios em dinheiro. Todos os municípios do oeste e do sul de Minas estão e são confidados a concorrer, devendo os interessados reservar, com antecedencia, o espaço de que precisarem.

Diversas commissões de technicos estarão à disposição dos interessados para prestar quaesquer informações sobre assumptos de agricultura (10ª EXPOSIÇÃO... **A Gazeta**, anno VII, n. 323, 25 abr. 1937, p. 1).

Percebe-se o caráter comercial e educativo quanto à divulgação das práticas modernas que envolvem a agricultura naquele período, mas ao mesmo tempo, estes eventos carregavam consigo o papel político, afirmando tanto a legitimidade do evento para o Estado, como a legitimidade da Escola Agrícola de Lavras diante da sociedade ou das autoridades políticas, função esta tão aclamada diante do período vivenciado abrangendo o reconhecimento oficial do governo federal e o regime autoritário de Vargas. Evidenciando não somente o objetivo

comercial e educativo destas exposições, mas o seu papel político e, conseqüentemente, ideológico.

Em julho de 1933, a escola iniciou em seu estabelecimento a Semana do Fazendeiro, este evento foi patrocinado pela escola e auxiliado pelo Instituto Mineiro do Café. O público alvo eram os fazendeiros, chacareiros, cafeicultores do oeste do Estado e das zonas sul. Juntamente com a Semana do Fazendeiro foi promovida a 9ª Exposição Agropecuária de Lavras.

A Semana do Fazendeiro promoveu diversas palestras envolvendo diferentes assuntos: a parte técnica sobre cafeicultura foi administrada pelos técnicos do Departamento Nacional do Café; as palestras sobre adubação do cafeeiro e das demais culturas foram realizadas pelo diretor da Escola John Wheelock; o professor Benjamin Hunnicutt também ministrou outros estudos agrônômicos, juntamente com outras autoridades do assunto; Sr. Constantino Fernandes (enxertia e práticas de lavoura mecânica); Prof. Oswaldo Emrich (criação de animais); Dr. Antonio Nogueira, veterinário Federal (moléstias); o Prof. J. Ferreira de Castro falou sobre profilaxia vegetal; o Dr. Fernando Camargo apresentou o tema divisas e mediações de terrenos e o D. Palhano sobre Direito Rural (1ª SEMANA... **O Instituto**, ano IV, n. 25, set. 1933, p. 2).

Já no período de 1 a 6 de julho de 1935 a escola promoveu e organizou a Primeira Semana Ruralista de Lavras, patrocinada pela Sociedade dos Amigos de Alberto Torres. A sociedade promoveu este evento em diferentes contextos do país. A Semana Ruralista aconteceu juntamente com a Exposição Agropecuária de Lavras. Durante os eventos da Semana Ruralista foram realizados cursos, todos de interesse e aplicação imediata na difusão de novas técnicas para o meio rural.

Não foi possível identificar as diferenças entre estes eventos, pois todos procuraram apresentar cursos práticos aos agricultores, como o enleiramento permanente de café, utilização de adubos, e outras práticas. Há indicações que as exposições assumiram caráter mais comercial que educativo em relação à Semana Ruralista e à Semana do Fazendeiro. Com este mesmo termo, já era utilizada desde 1929, em Viçosa a Semana do Fazendeiro. O Jornal "O Instituto" ilustra bem este exemplo: "Se a Semana Ruralista instrue o lavrador e o criador, a Exposição premêa aquelles que se mostram cuidadosos com as suas culturas e dispensam carinho e atenção ás suas criações" (SEMANA RURALISTA... **O Instituto**, anno VI, n. 33, jun. 1935, p. 2). A Semana Ruralista, de acordo com o quadro abaixo, apresentou os seus temas por meio de aulas e conferências, o que permitiu um aprofundamento maior na aprendizagem de seus ouvintes.

Vale destacar que todos esses eventos contaram com a participação de autoridades políticas do Estado. A Semana do Fazendeiro já era utilizada desde 1929, em Viçosa.



Figura 26 - 1923, Exposição Agropecuária realizada na EAL, amostra de hortaliças e frutas
Fonte Arquivo Museu Bi Moreira.



Figura 27 - Anos 1930 - Exposição Agropecuária realizada no campus da EAL, amostra de Laticínios
Fonte Arquivo Museu Bi Moreira.

SEMANA RURALISTA DA ESCOLA AGRÍCOLA DE LAVRAS - 1936⁹

Dia / hora	Evento
Dia 24 – Segunda-feira	
8:00 horas	Inscrições e visitas
20:00 horas	Abertura dos trabalhos da Semana Ruralista com a presença dos senhores: Dr. Odilon Braga (Ministro Da Agricultura). Dr. Israel Pinheiro, Secretário Da Agricultura. Dr. Raul De Paula, Secretário Da Sociedade Dos Amigos De Alberto Torres; Dr. Horácio Bueno, Prefeito Municipal; Dr. J. Victor Barbosa, Inspetor Regional; Dr. Jayme De Brito, Inspector chefe das Plantas Têxteis; Dr. Dirceu Duarte Braga, Assistente chefe do S.T. do café; Dr. Oswaldo Emerich, Inspector da Pecuária; Dr. José Cavalcanti, Inspetor da Agronomia; Dr. Amilcar Savassim, Inspetor chefe da Sericultura; Dr. Josué Deslandes, Phytopathologista – S.S.V. Dr. Teixeira de Freitas, Diretor da Estatística – Minas Gerais e demais membros do corpo docente da SEMANA RURALISTA;
Dia 25 – Terça-feira	
8:00 horas	Estudo sobre o município de Lavras e seus problemas; Dr. Horácio Bueno, Prefeito Municipal
9:00 horas	Palestra: Lavoura mecanica; Dr. Klaus Fest, Professor na Escola Agrícola de Lavras.
10:30 as 13 horas	Almoço
13:00 horas	Palestra: Fumo; Dr. Abelardo Sarmento, Director do campo de Semente – Maria ..., Em seguida Inauguração Oficial da Exposição Agro-Pecuária e Industrial nos terrenos da Escola Agrícola de Lavras.
20:00 horas	Conferência – Café
Dia 26 – Quarta-feira	
8:00 horas	Palestra: Agricultura Racional. Dr. J. Victor Barbosa, Inspector Regional
9:00 horas	Palestra: Café.
10:30 as 13 horas	Almoço
13:00 horas	Aula: Solos e Adubos. Dr. Walter Wolf Saur, Sub-assistente S.T. Café. Professor
14:00 horas	Aula de Mechanica Agrícola. Dr. Klaus Fest, Professor na Escola Agrícola de Lavras. Aula - Diretor Rural. Dr. J. Martins Palhano. Aula – Fumo. Dr. Abelardo Sarmento, Diretor do Campo de Sementes. Maria.. Dr. José Mendes, Professor na Escola Agrícola de Lavras.
20:00 horas	Conferência: Sericultura - Dr. Amilcar Savassim Inspector Chefe de Sericultura. Cinema Educativo

Quadro 23 - Semana Ruralista - 1936

Fonte: Livro de Atas da Comissão técnica da EAL.

⁹ Estamos apresentando o programa correspondente aos três primeiros dias do evento.

4.2 O Esporte: Civismo, Higiene e Educação

“O nosso pessoal é louco por esporte”
(Jornal **O Instituto**, jun. 1932, p. 3-4).

O método de ensino intuitivo, visto como o método do ensino natural ou do ensino dos sentidos, buscava elevar a espontaneidade da criança não somente na sala de aula, mas a partir desta. Assim, priorizava a questão da higiene pelo desenvolvimento físico, moral e intelectual do aluno. Para Schelbauer (2003), as escolas que adotaram o método de ensino intuitivo valorizaram a conservação da saúde moral e física, valorizando a construção salubre dos seus prédios, os passeios, o trabalho ao ar livre, os banhos e, conseqüentemente, a introdução do esporte.

O primeiro jogo público na cidade de Lavras foi promovido pelo Instituto, entre um time do Clube Agrícola e o outro do Clube do Gymnásio. Lavras foi uma das primeiras cidades do Brasil a presenciar a prática do basquetebol e do volley o que evidencia a influência protestante na organização do esporte na cidade (INSTITUTO GAMMON. Arquivo).

O discurso entre civilidade, higiene e educação, amalgamava o projeto educativo do Instituto Evangélico em todos os departamentos de ensino. O Prospecto do Instituto Evangélico (1920, p. 27 e 28) já orientava aos pais quanto às condições dos Internatos e a extensão de seus espaços físicos, no sentido de proporcionar uma educação salubre para a mente e corpo do aluno. Assim, a chácara com espaços amplos, procurava oferecer “cuidado especial ao desenvolvimento physico dos alumnos, por meio de exercícios gymnasticos e jogos escolares. Existem terreiros próprios para foot Ball e outros jogos athleticos”.

A Revista **O Agricultor** foi um canal para a divulgação da saúde e das condições sanitárias em que vivia o meio rural, o Dr. Paulo Menicucci¹⁰ em 1922, escreveu o artigo sobre o vínculo entre a “Instrucção e Hygiene”:

Enquanto não diffundirmos a instrucção primária de modo a tornar o alfabeto accessivel ao filho do mais rude habitante da zona rural, ao infeliz, lavrador que vive continuamente açoitado pela miseria e pela molestia, não teremos realizado serviço ponderavel, no tocante ao desenvolvimento da agricultura em nosso Paiz.

Até aqui os poderes publicos somente têm cogitado de valorizar os produtos da lavoura, esquecendo-se porém de que o homem, miseravel páira, por ahi vive arrastando as suas misérias, sem coragem de enfrentar a luta estafante

¹⁰ Paulo Menicucci foi médico cirurgião, autor de várias obras em Lavras e prefeito da cidade.

entre o seu braço e a terra resequida que lhe deve fornecer o sustento para família. São infelizes predestinados que a ignorancia abateu, amesquinhou, reduziu a simples figuras humanas. [...] Estes humanos a que a molestia e a má alimentação reduziram á mais extrema miséria, vivem por ahi. Feias cabanas de sopé a custo levantados á beira de corregos infectos e pantanaes pestilentos, esqualidos e androjosos, acorados a um canto, tiritantes de frio, sem uma cobertura que lhes traga um pouco de conforto.

É doloroso constatar-se semelhantes fatos, porem, longe de esmorecermos na luta contra a ignorancia, o analphabetismo, este quadro dantesco serve de incentivo para a campanha de saneamento rural que vimos fazendo pelas columnas desta Revista. A oppilação, a tuberculose, a syphilis, o alcoolismo ceifam vidas preciosas que muito e muito poderiam cooperar para a consolidação da nossa nacionalidade.

Ainda agora, no nosso municipio de Lavras, tivemos a desventura de ver surgir uma epidemia de febre palustre nas margens dos rios Grande, Capivary e pequenos afluentes, justamente nas regiões mais fertes do territorio lavrense e nada se tem feito em beneficios das infelizes populações ribeirinhas, que de há muito vêm sendo acabrunhados e minados pela oppilação, pelas verminoses em geral e pelo pauperismo.

Com todas as nossas forças iremos prosseguindo na campanha contra o analphabetismo, factor principal da nossa decadência no meio rural. Enquanto o agricultor não comprehender que a terra não lhe fornece as suas riquezas senão pelo trabalho intelligente e continuo, veremos a mesma miseria abatendo todas as energias e desdenhando de todo o esforço do homem. Viver todos vivem, saber viver e consequentemente saber trabalhar são fructos da instrucção e da educação no povo (MENICUCCI, Instrucção e Higiene, **O Agricultor**, n. 2, ago. 1922, “não paginado”).

O Dr. Paulo Menicucci, já apontava naquele momento o desprezo vivenciado pelos trabalhadores rurais juntamente com as suas famílias e crianças, pela falta de cuidados educacionais e higiênicos; jaziam doentes e sem capacidade de trabalho físico e mental. Então, via no discurso médico o meio para promover a independência econômica do país pela valorização da saúde e da força do trabalhador. Daí a ênfase na instrução como forma de educar o trabalhador para apresentar-se sóbrio, forte e útil para a lavoura.

Anos mais tarde, em 1928, a Revista publicou outra matéria sobre a educação e higiene, dando dicas práticas sobre o comportamento do jovem ou do trabalhador rural, denominada “Pequenos ensinamentos de higiene” por Mário Vilhena, Agrônomo da Escola de Agricultura e Pecuária de Passa-Quatro, sobre Higiene Individual:

- Esforça-se por levantar as 6 horas da manhã. Após a higiene matinal deve-se fazer um pouco de ginástica notadamente a respiratória. Acostuma-se a tomar, em jejum, todas as manhãs um copo d’água.
- Evacuar diariamente, esforçando-se por fazê-lo pela manhã.
- Estar, andar, sentar, e deitar em posição correcta, acostumando o corpo a estar sempre erecto e firme.
- Manter a todo transe espírito alegre e sereno. Não deixar que se formem rugas na testa.

- Ao adoecer recuse toda e qualquer medicação caseira. Mande chamar o médico e cumpra cegamente as suas ordens.
- Não aproximar das pessoas portadoras de moléstias contagiosas (VILHENA, *O Agricultor*, anno VII, n. 3, maio 1928, p. 12).

Desenvolveu-se a partir das primeiras décadas do século XX, o conceito de educação atrelado à obra de saneamento do meio ambiente e do homem. Por isto, a educação fundada nos conhecimentos científicos levava em conta a salubridade de seus espaços físicos, a didática utilizada pelos professores, os conteúdos e técnicas de ensino, etc., buscando alcançar a educação integral, que levasse em consideração a saúde física, mental, moral e intelectual dos alunos.

José Veríssimo no final do século XIX, em sua obra **A Educação Nacional**, mencionou tais modificações ao apresentar as disciplinas Geografia, História e Educação Física como integrantes para a configuração da identidade nacional, pela valorização da terra, do passado, e pela purificação e fortalecimento do povo brasileiro, no sentido de desenvolver a unidade nacional e a afeição à Pátria, a partir da contribuição escolar. Por outro lado, a introdução da Educação Física foi uma forma de preparar o trabalhador para a indústria e para a agricultura, diante nos novos papéis econômicos e sociais. Para Veríssimo (1985), é a Educação Física, portanto, responsável pela regeneração do brasileiro, por meio da força, da higiene e da luta material. Para isto, esta educação precisava estar vinculada à Educação Moral e Cívica:

A Educação Física que, regenerando a nossa raça, nos dará, com o vigor necessário para a luta material da existência, a consciência do nosso valor pessoal, do qual se formará, a consciência do nosso valor pessoal, do qual se formará o nosso valor coletivo e se alentarão as nossas energias morais.

Educação Moral, educação do caráter, pelo combate a todos os vícios que nos minam e deprimem e, sobretudo, pela educação do sentimento do dever, mais necessário e, ousado dizer, mais nobre que a indisciplina reclamação dos direitos. Porque a liberdade é menos o exercício dos direitos que o cumprimento dos deveres, do qual nascem os sentimentos da responsabilidade e da solidariedade humana.

Educação Intelectual, por último, que nos dará os elementos indispensáveis ao progresso, à civilização e à grandeza das nações [...].

A Educação Nacional, que resumindo todas estas, fá-las servir ao bem, à prosperidade, à glória e a felicidade da Pátria, para que esta não seja apenas um nome na geografia, mas tenha papel (VERÍSSIMO, 1985, p. 145).

José Veríssimo escreveu sobre o exemplo dos Estados Unidos, como diversos outros países, na inserção da Educação Física dentro das escolas primárias, ginásios e universidades para a promoção de uma educação útil e modeladora do bom caráter e da moral dos jovens. A História do esporte no Instituto Gammon e, conseqüentemente, na Escola Agrícola foi uma herança norte-americana.

A introdução dos esportes estrangeiros em Lavras aconteceu de forma semelhante em São Paulo, pela influência protestante, quando o Mackenzie College organizou entre os alunos os primeiros jogos de *foot-ball* e de *lawn-tennis* e introduziu o esporte no currículo escolar.

Em 1918 a educação física passou a fazer parte da estrutura curricular do Instituto Evangélico, por meio do Estatuto da Associação Atlética¹¹. Tal procedimento não significava ausência de esportes e outras atividades físicas no estabelecimento até esta data, pois a partir de 1908 muitos clubes foram se organizando dentro da instituição.

Em 1916, a “Directoria do Instituto conseguiu a fusão de todos os clubs que existiam neste estabelecimento, nascendo d’ahi a Associação Atlética”. Assim relatou o Professor Emanuel Deslandes, na introdução do Estatuto, que na época participou ativo, como aluno, na concretização do club da Escola Agrícola. É ele quem descreveu os primeiros tempos da Escola na utilização do esporte:

Aqui, no meu tempo de rapaz, quando alumno interno no Instituto Evangélico, até 1908, limitavamo-nos a “schootar” uma fructa das auranciaceas, a Zambóa, e nisto consistia a realização do sport bretão entre nós. Mas d’ahi há pouco, por uma subscrição entre os alumnos, obtivemos uma bolla, e este facto enthusiasinou tanto a rapaziada, que um club foi organizado, com um programma desenvolvido, onde a aquisição de um campo figurava como assumpto mais importante (INSTITUTO EVANGÉLICO. Estatuto da Associação Athletica, 1919, p. 5).

Outras atividades físicas eram praticadas pelo Instituto Evangélico, além da ginástica, jogos e brinquedos, tais como saltos, corridas, agarra bandeira, o pega-pega, a peteca e a equitação, faziam parte da recreação dos alunos. Segundo o Estatuto, com a recreação “obtinha-se o desenvolvimento do corpo e a resistência orgânica que dão saúde moral e physica”. Assim, a mocidade já cultivava os músculos pelo exercício. Ficava a representação de que na força dos jovens, pelo músculo, “pelo intellecto e pelo coração, estavam concentradas as esperanças da Pátria”. Uma espécie de exaltação ao esporte pelos pressupostos da higiene, do trabalho e, conseqüentemente, do ensino escolar. Segundo o Prof. Emmanuel Deslandes:

D’ahi a razão de adoptarmos com enthusiasmo e amor os sports ingleses e americanos, introduzidos então no nosso meio, porque vimos na pratica desses exercícios artificiaes a “realização methodica de um conjuncto de praticas que, pondo todos os grupos de músculos em acção, concorrem para o desenvolvimento uniforme, regular e proporcional de todo o corpo” (INSTITUTO EVANGÉLICO. Estatuto da Associação Athletica, 1919, p. 4).

¹¹ Estatutos da Associação Athletica do Instituto Evangélico – Aprovados em Assembléa Geral de setembro de 1918. Lavras: Imprensa Gammon, 1919.

O esporte assumiu o caráter científico, pelo desenvolvimento metódico e simétrico de suas atividades, como importante instrumento do processo de civilização.

Para Gondra (2000), a prática esportiva fez parte do discurso médico na educação escolar, tendo como principal função trabalhar o corpo, o que exigia diminuição do tempo livre, gastando as energias de forma útil. Igualmente, o projeto educativo da EAL assumiu o compromisso para a formação deste cidadão, de forma integral: forte, cristão, inteligente e patriota. Deste modo, a formação religiosa e, conseqüentemente a moral, a cívica e a higiênica, amalgamaram-se às práticas escolares da instituição. Vale ressaltar que de acordo com o *Manual de Hygiene dos Moços*, apresentado aos alunos pela Escola, o conceito de higiene não estava limitado à limpeza corporal, mas englobava toda a conduta do moço, envolvendo o seu comportamento em questões moral, sexual, física e intelectual.

Portanto, o pensamento de civilidade e modernidade, embora de forma tardia no contexto brasileiro, influenciou o modelo educacional. Desde os primórdios da modernidade o vínculo existente entre educação e higiene já estavam descritos, como exemplo, o trabalho de Erasmo de Rotterdam (ROTerdão, 1978), com a obra **A Civilidade Pueril**, apresentou a sua concepção de educação e civilidade. Como “Livro escolar, nele a civilidade tornou-se então, de novo o que nunca deixara de ser: uma compilação de regras de comportamento, cujo respeito era indispensável à vida pacata de uma pequena comunidade”¹² (ARIÈS, 1978, p. 15). Assim seu conteúdo constituiu-se importante para a convivência em lugares onde a cordialidade era essencial para a boa conduta. Estende os cuidados para com o comportamento em diversos momentos: ao vestir, ao andar, ao sentar-se à mesa, ao cumprimentar, entre outros. Estas características são bem minuciosas e detalhistas nas descrições de Erasmo.

Pensando no Instituto Gammon, especificamente na Escola Agrícola, verificamos a partir dos anos 1920, um conjunto de intensas atividades para engajar a instituição na prática esportiva, envolvendo os alunos em competições com outras escolas¹³. A primeira competição seriada de que se tem registro foi o Campeonato Inter-Colegial, cuja disputa se iniciou em 1928. Dela participaram, além do Gammon, o Colégio Batista do Rio de Janeiro e o Instituto

¹² Erasmo escreveu seu livro ao muito-nobre Henri de Bourgogne, filho de Adolphe, príncipe de Veere Criança (ROTerdão, 1978, p. 67). Para ele, era importante ter um nobre como modelo de procedimento para outras crianças. Daí a sua convicção ao dizer: “no entanto as crianças aceitarão mais facilmente os preceitos dedicados a um jovem de elevada posição e com um grande futuro”. Este exemplo seria um encorajamento para os filhos nobres, como para todas as outras crianças no que diz respeito ao comportamento e ao relacionamento.

¹³ Não quer dizer que antes desta data não aconteceram esforços, a ênfase está na intensidade das atividades esportivas encontradas a partir deste período.

Metodista Grambery de Juiz de Fora. A primeira edição do campeonato foi realizada em Juiz de Fora em 1928, e teve o Gammon como vencedor. A segunda foi realizada no Rio de Janeiro em 1929 e foi vencido pelo Colégio Batista. Já Lavras sediou o terceiro campeonato em 1930, e teve o Grambery como vencedor.

Aconteceu em 1931 o IV Campeonato Inter-Colegial, realizado em Juiz de Fora e o Gammon foi campeão. Ao chegarem a Lavras foram recebidos com festa, com um banquete comemorativo e pronunciamento proferido pelo Prof. Vittorio e pelo Dr. Knight. (ASSOCIAÇÃO... **O Instituto**, anno II, n. 5, jul. 1931, p. 3).

A última edição deste campeonato foi em 1933 – VI Campeonato Inter-Collegial de Atletismo, realizado em Lavras, com o seguinte resultado final: primeiro lugar, o Gammon (42 pontos); segundo lugar, o Grambery (27 pontos); e em terceiro lugar, Colégio Batista com 17 pontos.

Em 1932, há o registro no Jornal **O Instituto**, de competições entre a Associação Athletica do Instituto Gammon e o quadro de Futebol do “Campo Bello Sport Club”, da cidade de Campo Belo, com o objetivo de realizar um jogo amistoso contra o time do Instituto Gammon. O objetivo do amistoso era preparar a equipe de Lavras para o “Inter-Collegial” de 1932. (O 2 DE JUNHO... **O Instituto**, anno III, n. 13, jun. 1932, p. 3-4). Ainda em 1933 foram introduzidos no estabelecimento os campeonatos internos do Instituto Gammon, para que os atletas se mantivessem em atividades durante os intervalos das competições, com o fim de manter o condicionamento físico e o trabalho de equipe (INSTITUTO GAMMON. História das Competições, [199-], p. 10).

Neste período o Instituto já apresentava os alunos de destaques na prática esportiva, ao estabelecerem recordes: José Mendes, salto em altura – 1,61m; Euclides Franco, salto com vara – 2,93m; e Walter Shimidt, arremesso de disco – 34,09m (INSTITUTO GAMMON. História das Competições, [199-], p. 9-10).

Registra-se no jornal **O Instituto**, pelo secretário do Instituto Gammon, Sílvio Moreira, a matéria denominada: *Os treze bravos*:

A proesa magnífica dos treze moços que encarregaram de defender a tradição esportiva do Instituto Gammon [...] O Instituto Gammon é uma glória da Instrução lavrense [...] dessa forma Lavras não pode deixar de cumprimentar, calorosamente, esses treze bravos que foram defender a pujança esportiva de uma glória que é sua (MOREIRA, Os treze bravos. **O Instituto**, anno V, n. 31/32, nov./dez. 1934, p. 6).

A notícia apresentava a trajetória dos treze alunos que participaram ativamente, em Viçosa, no maior campeonato intercolegial realizado em Minas Gerais, representado por

quatro cidades: Viçosa, com mais de trinta defensores das suas cores esportivas; Juiz de Fora, representada pelo Grambery, com 35 atletas; o América Universitário de Belo Horizonte, contou com quase vinte atletas. Já a Escola Agrícola de Lavras, mandou nove atletas e o Ginásio quatro, treze atletas ao todo.

A surpresa do noticiário é justamente devido ao número tão pequeno apresentado pelo Instituto Gammon, em relação às outras delegações e este obteve o segundo lugar do campeonato geral. Em primeiro lugar ficou a equipe de Viçosa.

O entusiasmo dos alunos pelo esporte foi um desafio para os professores do estabelecimento, sempre provocados pelos alunos para uma competição. O Instituto registrava estes dados em outubro de 1932, comentando em **O Instituto**, *O Volley-Ball dos Professores*, cujo desafio já se tornava tradição entre eles pelo prazer de ter os mestres na mesma competição: “as terças, quintas e sabbados, desde cedo, movimentava-se o magistério gammonense para a luta que, às 3 horas da tarde, deverá ser travada [...] e ninguém pode negar que os professores estão jogando bem direitinho”. Assim descreviam os alunos sobre as habilidades esportivas dos professores:

[...] do Sr. Sinval, que, por signal, é um optimo ageitador. O Sr. Walter então é um colosso. E o melhor cortador da turma guapa dos “magisters” (também, pudera! Com toda aquella altura). Outro elemento que muito se vem destacando é o Dr. Palhano. Quer pela assiduidade aos treinos, quer pela sua ferrea vontade de vencer [...] sua especialidade é aproveitar os cochilos do adversario [...] o prof. Vittorio, sendo a calma o seu traço dominante, prefere o jogo technico [...] O professor Camargo joga bem, mas tem um defeito, que, penso, deve ser enorme. Quasi todos temem jogar do seu lado [...] como todos nós sabemos, o cavalheirismo caracteriza um cidadão *yankee*. Talvez por essa razão, Mr. Baker e Mr. Wheelock mostram-se verdadeiros *gentlemen* nos treinos de volley. De quando em quando vêm umas bolas de defesa um pouquinho difficil. Mr. Baker tem vontade de defender, mas, vendo ao seu lado Mr. Wheelock, deixa por gentileza, que este faça a defesa; Wheelock, para mostrar que também é americano, notando que o Sr. Ezechias se acha proximo, offerece-lhe os louros da victoria; porém o nosso jovem professor, para fazer ver que já visitou a Norte-América e que é também um *gentlemen*, deixa a bola ir ao chão [...] (O VOLLEY-BALL... **O Instituto**, out. 1932, p. 4).

O relato brincalhão dos alunos, descrevendo o nível técnico de seus professores, demonstrava o ambiente de amizade presente na relação professor-aluno, mas ao mesmo tempo, a presença do esporte envolvendo o dinamismo do dia a dia dos alunos e o incentivo da Escola em proporcioná-los à prática do esporte.

Para este fim, a YMCA – Young Men’s Christian Association (ACM – Associação Cristã de Moços), teve relevante papel, principalmente no sentido de equiparar a instituição

para a atividade esportiva, a qual era fundamental para as Escolas Superiores pertencentes à Universidade Evangélica (GAMMON, 2003, p. 148). A ACM foi fundada em um contexto britânico, a 6 de junho de 1844, por George Williams, um jovem preocupado com o bem-estar e o futuro de sua geração quando eclodia a Revolução Industrial, devido às condições de vida precárias, jornadas de trabalho extensas e opções de lazer inexistentes. O trabalho teve início a partir da leitura de textos bíblicos, a fim de levar uma mensagem positiva aos jovens que se aglomeravam na cidade em busca de trabalho, além de proporcionar integração, “buscar a cooperação dos jovens cristãos para difundir o Reino de Deus entre os outros jovens” e “promover reuniões espirituais entre os demais estabelecimentos de Londres” (ACM, 2007a)

A ACM sofreu modificações quando em 1851 chegou aos Estados Unidos¹⁴. Os jovens ganharam um incentivo ainda maior, já que a instituição uniu os benefícios da prática esportiva ao desenvolvimento de valores do caráter e do espírito¹⁵. Em 1891, o professor James Naismith, instrutor da YMCA Springfield College, inventou o Basquetebol para ser praticado como esporte de inverno. No ano de 1892, Naismith publicou pela primeira vez as regras oficiais do esporte que passou, no ano de 1936, a ser modalidade olímpica.

No Brasil, as modificações americanas foram apresentadas para o trabalho esportivo com os jovens, o primeiro estado brasileiro a conhecer os ideais “acemistas” foi o Rio de Janeiro, em 1893. Em 1901 surge a ACM Rio Grande do Sul e um ano mais tarde a ACM São Paulo, esta surge em 23 de dezembro de 1902, sob o comando de Myron Augusto Clark.

Portanto, para o Instituto Evangélico, a ACM do Rio de Janeiro, teve papel importante pelo apoio concedido ao departamento esportivo, para que o Instituto de Lavras viesse a fazer boa figura na projetada Universidade Evangélica. No período, vários secretários da ACM visitaram Lavras, nesse tempo, chegou a organizar uma Associação de Moços e outra de Moças no Instituto.

¹⁴ Em 1856, a ACM cumpriu um importante papel no auxílio aos soldados durante a guerra civil nos Estados Unidos. A ACM teve participação importante na Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Logo após a deflagração dos combates, a ACM mobilizou seus voluntários em todo o mundo. As ações desenvolvidas pelos jovens pertencentes a associação incluíram arrecadação de fundos de guerra, distribuição de alimentos para populações atingidas e trabalhos de recreação e lazer com prisioneiros (ACM, 2007b)

¹⁵ Em agosto de 1855, resolveu-se realizar a Primeira Conferência Mundial, dela participaram as ACM da Inglaterra, Holanda, Estados Unidos, França, Canadá, Bélgica e Alemanha. Durante o encontro, precisamente no dia 22 de agosto, é aprovada a “Base de Paris”, linha filosófica das ACM em todo o mundo. “A Associação Cristã de Moços procurava unir os jovens que, considerando a Jesus Cristo como seu Deus e Salvador, segundo as Sagradas Escrituras, desejavam em sua fé e em sua vida ser seus discípulos e juntos trabalhar para estender entre os jovens o Reino de seu Mestre.” (Base de Paris. Paris, 22 de agosto de 1855) a ACM chegou a marca de mais de 12 mil sedes construídas, se faz presente em mais de 125 países e são 40 milhões de pessoas que vêem no esporte e no clima de amizade que a ACM proporciona. Os dados apresentados estão disponíveis no site da ACM, no Brasil: <<http://www.acmsp.com.br/novo%5Facm/historia.asp>>.

Não encontramos repercussões mais amplas sobre a presença da ACM em Lavras, mas é evidente que os ideais do Instituto corresponderam aos princípios educativos, morais e esportivos proporcionados pela ACM, até mesmo porque esta foi uma associação evangélica que procurava, por meio do esporte, influenciar a formação de pessoas. De acordo com o Estatuto da Associação Atlética do Instituto Evangélico, a ACM era uma das instituições a qual os alunos associados do Instituto poderiam pertencer.

Para além da educação física e da higiene, a educação cívica completou a tríade do processo formativo da EAL. De uma forma direta, o próprio Instituto Gammon, devido o número significativo de alunos internos, tinha em seu estabelecimento o Tiro de Guerra, comandado pelo Sargento Francisco Albuquerque Castelo Branco (Sargento do Tiro de Guerra), quando este se localizava no Instituto Gammon. Como prática obrigatória para todos os alunos acima de dezesseis anos, que não cumpriram com o serviço militar, exigia-se destes alunos o uso de uniformes, que era adquirido com o pagamento antecipado na tesouraria do Instituto. O batalhão acadêmico estava sob a “direcção de instructor competente do Exército Nacional, e obedecia aos dispositivos do Decreto do Ministério da guerra, nº 23.126 de 21 de agosto de 1933.” A partir desta data, poderia ser utilizado o uniforme do *Gymnásio* (INSTITUTO GAMMON. Prospecto do Instituto Gammon, 1936, p. 8-9).

A partir dos anos 1930, com o Governo Vargas, muitas exigências foram feitas à escola para enquadrar-se às exigências militares, agora mais rígidas. Foram suspensas, de acordo com o Livro de Atas, por um período curto, as atividades militares. Percebe-se, a partir de 1937, a existência de um outro Tiro de Guerra na cidade de Lavras. O que parece é que até então, o único oferecido na cidade era o que funcionava nas dependências do Instituto Gammon, desde 1910 (cf. INSTITUTO GAMMON. Prospecto do Instituto Gammon, 1937, p. 9).

O ponto alto do civismo no Instituto Gammon foi justamente a partir de 1938, inaugurado a solenidade da *Assembléia Escolar*, atividade esta, realizada no salão nobre de cada departamento, com a presença obrigatória dos alunos. Esta assembléia estava dividida em três partes principais:

- a) Devocional: que consiste em invocação a Deus e leitura de um texto bíblico, como fundamento da moral cristã;
- b) Cívica: em que se rememoram episódios da nossa história e se entoam hinos patrióticos;
- c) lítero-científica: na qual se efetuam conferências instrutivas. Publicam-se ainda, nessa ocasião, avisos e notícias referentes à vida do estabelecimento (INSTITUTO GAMMON. Prospecto do Instituto Gammon, 1938, p. 5).

Ao lado destas atividades, havia a convocação de alunos para comunicações científicas, apresentadas pela associação literária da Escola Agrícola, cujo objetivo era despertar nos alunos a pesquisa, a comunicação e vida em sociabilidade.

Dentre os hinos patrióticos, é interessante destacar que o Instituto Evangélico publicou, em 1933, *Hinos Patrióticos e Cânticos Escolares*, pela Imprensa Gammon: um hinário de cânticos escolares e hinos patrióticos, compostos pelo Hino Nacional, Hino da Proclamação da República dos Estados Unidos do Brasil, Hino à Bandeira Nacional, etc. Dentre os cânticos escolares estavam: *Hino do Instituto Gammon*, *Hino da Associação Atlética*, *Hino Nós somos da Associação* (Associação Atlética do Instituto Evangélico), um total de 32 hinos apresentados aos alunos.

Para José Murilo de Carvalho (1990), as estratégias utilizadas a partir do período republicano no Brasil, seja pela utilização de Hinos Patrióticos ou pela reverência concedida à bandeira nacional, buscavam desenvolver no brasileiro o sentimento de patriotismo, caracterizando assim, a solidificação de uma identidade nacional, ou seja, republicana e liberal, alvos estes que serão perseguidos na Primeira República e exigidos na Ditadura Vargas.

Em relação à Escola Agrícola de Lavras há uma exaltação da Pátria pelo amor à terra. Em várias turmas formadas a partir de 1920, encontramos “chavões” que ressaltam este patriotismo, revelados no amor à ciência, à terra e à pátria, como pressupostos para o progresso. Formandos de 1932: “O solo é a Pátria, cultival-o é engrandecel-a”; Já a turma de 1934: “O trabalho produz; a ciência aperfeiçoa”. Para os formandos de 1935: “A mão que cultiva o solo é a mesma que defende a Pátria”. Os formandos de 1938, em sua placa de formatura, dedicam homenagem ao Estado Novo, na pessoa do Presidente Getúlio Vargas.

Há evidências de um ambiente escolar, cuja exaltação e amor pela Pátria consistem na valorização do labor da terra pela ciência, ideário este subjetivado na formação de seus alunos. Devido à pressão sofrida, estas características foram acentuadas a partir dos anos 1930.

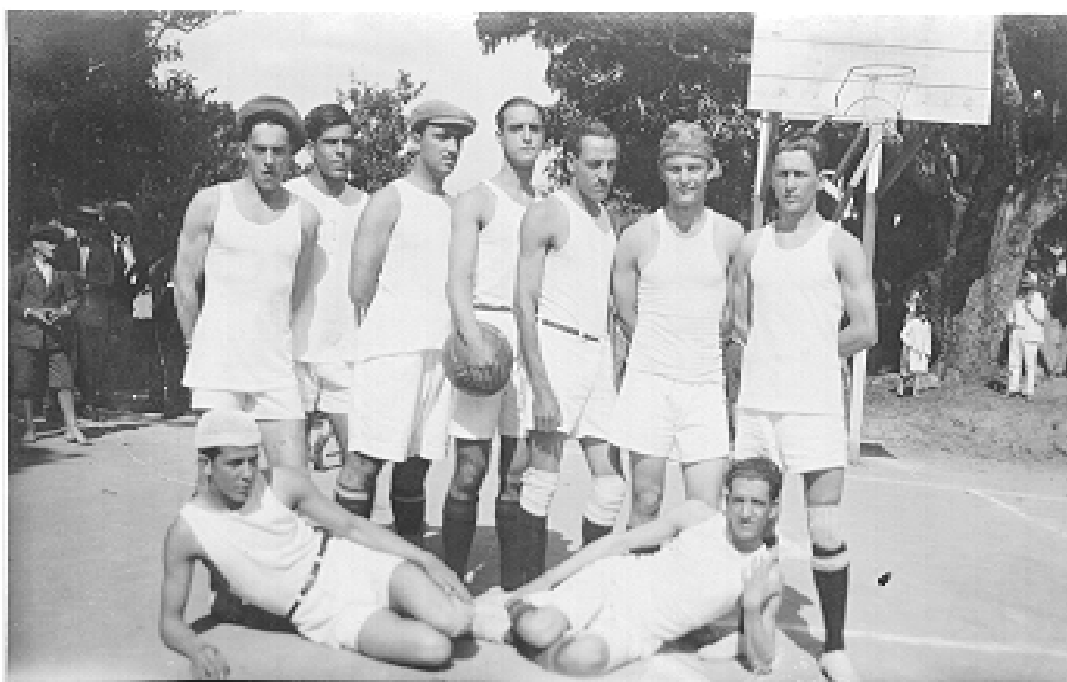


Figura 28 - Anos 1930: Jogo de Basquete no campo do Instituto Gammon
Arquivo Museu Bi Moreira.

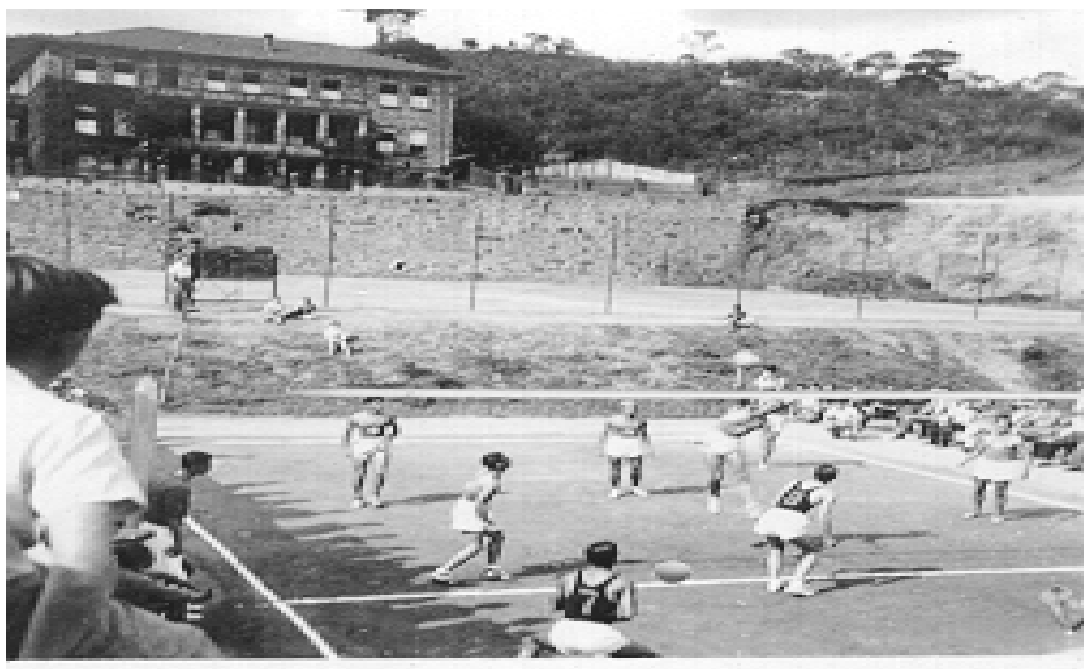


Figura 29 - Década de 30: Jogo do Time de Volley do Instituto Gammon
Arquivo Museu Bi Moreira.

Hino do Instituto Gammon

Jenny Gomes

Oh! salve, salve, berço amado
 Da instrução sublime e do saber;
 Que a todos nós tens ensinado
 A longa via do dever,
 E com prazer
 Ao teu pendão cheio de glórias
 Vimos prestar leal tributo,
 Para depois de mil vitórias
 Te darmos vivas, oh! Instituto!

Em cada filho tu verás
 Recompensado o teu grande labor,
 E em cada alma encontrarás
 Sincero preito de amor,
 Pois com valor,
 Vamos lutar em prol do bem,
 Levar a todos teus ensinamentos
 E difundir do mar além
 Com todo ardor os nossos hinos.

Figura 30 - Hino do Instituto Gammon

Fonte: Arquivo do Instituto Presbiteriano Gammon.

Hino da Associação Atlética

Isaias Cavalcanti

Associação, Associação, clube adorado,
 Entre risos de alegria cantaremos;
 E o teu nome, o teu nome sublimado,
 Assim cantando, assim cantando exaltaremos.
 Das risonhas coleguinhas "torcedoras"
 Tu tens louvores mil de coração,
 Tão lindas, tão gentis, tão sedutoras
 Hão de fazer-te o mais forte campeão.

Oh! clube amado, clube amado,
 Eleva teu pendão verde fulgente;
 De louros tu verás constantemente
 O teu nome, o teu nome sublimado.

Figura 31 - Hino da Associação Atlética

Fonte: Arquivo do Instituto Presbiteriano Gammon.

4.3 Um Projeto Social: Fundo Hunnicutt

As Escolas das missões, chamadas por Hunnicutt de missões modernas, embora atendessem os filhos da elite, que certamente podiam oferecer as melhores condições de estudos para seus filhos, assistiram alunos que não tinham condições para pagar os seus estudos. Em vista disso, o assunto sobre bolsas de estudos foi constantemente divulgado pelo diretor para ajudar o aluno pobre a alcançar níveis maiores de instrução. A seu ver, a fazenda modelo, especialmente com a escola agrícola, oferecia uma oportunidade excelente para o auxílio-próprio (HUNNICUTT, [191-?], p. 7-8), nela os alunos dedicavam tempo de trabalho para suprir os seus estudos. Por outro lado, os subsídios recebidos pelos Governos Estadual, Municipal e Federal, não foram suficientes e certos para manter os próprios gastos da Escola, daí a fazenda ser vista como uma forma de manutenção, principalmente devido aos produtos de laticínios¹⁶.

Não podemos nos esquecer que a educação assumiu no projeto de qualquer departamento do Instituto Gammon um caráter de evangelização indireta (protestantismo de influência), buscando atender, diretamente, aos jovens da Igreja Presbiteriana. Portanto, era muito comum alunos que passaram pelo Instituto serem candidatos ao Sagrado Ministério. No boletim *Agriculture in the Programm of Modern Missions* (HUNNICUTT, [191-?], p. 7) Hunnicutt apresentava as possibilidades de estudos para estes alunos por meio do Departamento de Auxílio Próprio e, mais tarde, pelo funcionamento do chamado “Fundo Hunnicutt”, para dedicarem-se ao ministério ou serviço cristão.

Este projeto buscava “treinar o ministério nativo e fornecer ao líder brasileiro uma educação que o habilitasse ao sustento melhor, principalmente para lhes dar maior eficiência como trabalhador Cristão” (GAMMON, 2003, p. 139; 154). Estes objetivos foram claros, quando por meio desta publicidade o Diretor estava convocando outros missionários, dentro do movimento de estudantes voluntários, para a obra missionária no Brasil. Os muitos benefícios de missões agrícolas justificavam, a partir da perspectiva do Diretor, a existência destes estabelecimentos de ensino.

Embora não tenha sido possível encontrar uma data definitiva quanto à organização do Departamento de Auxílio próprio, sua organização foi possível com a chegada do genro do

¹⁶ Em 13/01/1921, o Jornal **O Município** divulgou que é sancionada a lei municipal número 737 que autorizava ao Agente Executivo repassar para a Escola Agrícola de Lavras uma verba anual no valor de um conto de réis, no sentido de ajudar o Instituto Evangélico a tornar realidade o sonho de Gammon e Hunnicutt: a implantação do Campus Universitário.

Dr. Gammon, Rev. Davis, enquanto estava em Lavras se preparando para o campo missionário. O Dr. Gammon colocou em prática seus planos, utilizando uma velha casa da fazenda anexa à Escola Agrícola. Nestas oficinas os alunos que não tinham condições de pagar, recebiam bolsas de estudos e ofereciam horas diárias de serviço na plantação da horta e do pomar. Os próprios estudantes denominaram “Independência”, pois por meio deste serviço alcançavam a independência financeira e seu próprio sustento para os estudos. É a esposa do Dr. Gammon quem comenta este projeto em biografia sobre seu esposo:

Até o fim de sua vida o Dr. Gammon dedicou grande interesse a esse departamento do Instituto, o de “auxílio próprio”, convencido de que era um método excelente para facilitar a educação de moços pobres, particularmente de jovens desejosos por se prepararem para o sagrado ministério (GAMMON, 2003, p. 155).

Para atender a este programa, a escola iniciou primeiramente uma oficina de carpinteiro, seguida de uma sapataria, selaria, tipografia e encadernação, etc. O que parece é que o projeto envolvendo o trabalho com a horta e o pomar foi iniciado posteriormente, mas ambos foram para que os alunos encontrassem forma de custear seus estudos. Logo depois, quem chefiou a casa da “Independência” foi o casal Emrich.

Em 1926, a Imprensa Gammon publicou o Boletim *Auxilio-Proprio no Instituto Evangélico*, apresentando os resultados eficientes oferecidos pelo Departamento:

[...] mais de vinte ministros ocupam os púlpitos das Igrejas Evangélicas do Brazil hoje que receberam seu preparo propedêutico acadêmico nas aulas do Gymnasio de Lavras, e a quase totalidades destes ministros teriam encontrado difficuldades insuperáveis, si não fossem auxiliados pelos recursos que offerece o Departamento de Auxilio-Proprio [...] Pelo pulpito e pela imprensa, na Igreja e na tribuna, como pregadores e pastores na Igreja e como patriotas nas lides da vida civil estes vinte pugnam pelas causas boas e santas (INSTITUTO EVANGÉLICO. Auxílio-próprio..., 1926, p. 1-2)

O objetivo maior da divulgação do Boletim era levantar novos mantenedores da causa educativa e evangélica na educação dos jovens. Assim, o Instituto apresentava três formas de contribuição ao programa: a) forma de patrimônio perpétuo, o qual o contribuinte assumiria uma responsabilidade permanente; b) forma de patrimônio provisório, caracterizada por contribuições determinadas por um período de tempo; c) e contribuição para o fundo de empréstimo. Os resultados dos benefícios do projeto alcançavam a Escola Agrícola de Lavras, cujos ex-alunos, envolvidos no Departamento de Auxílio-Próprio – Independência, prestaram serviços à pátria ocupando lugares de responsabilidade na direção e desenvolvimento de

estabelecimentos do Governo da União, outros aos serviços Técnicos dos Governos dos Estados.

De acordo com o Regimento Interno da Escola Agrícola de Lavras em 1927, em seu Artigo 43º dizia: “Existe na Escola um ‘Fundo de Empréstimo’ para auxiliar alumnos necessitados e há logares de ‘sustento próprio’ onde o alumno pode trabalhar para ajudar a saldar os seus compromissos com o estabelecimento”. O Fundo de Empréstimo, pelo menos no período analisado, também foi denominado “Fundo Hunnicutt”. As condições para empréstimo fornecido aos alunos eram as seguintes:

1. Este fundo tem por fim fazer empréstimos aos alumnos das Escolas do Instituto Evangélico.
2. Os empréstimos serão feitos a alumnos aos quaes falem apenas 4 annos para completar o seu curso, a não ser em casos especiaes.
3. Os empréstimos serão feitos de preferênciã: a) aos candidatos ao Ministério; b) aos crentes; c) aos alumnos da Escola Agrícola.
4. Durante o tempo em que o alumno estiver estudando no Instituto Evangélico ou nalgum Seminário Teológico não serão cobrados juros, depois disto vencerão juros de 6% (seis por cento)
5. Os empréstimos pagos integralmente, até um anno depois do alumno sahir do Instituto ou do Seminário, não vencerão juros.
6. o máximo de empréstimo a cada alumno, por anno, é de 250\$000.
7. Ao passo que os empréstimos forem sendo pagos o dinheiro será novamente emprestado a outros alumnos.
8. O Fundo é administrado por uma commissão nomeada pela Mesa de Curadores do Instituto Evangélico (ESCOLA AGRÍCOLA DE LAVRAS. Formulário de Pedido de Empréstimo).

O aluno assumia o termo de compromisso, cuja apresentação de um Ministro do Evangelho era fundamental para a aprovação, seguida da recomendação do diretor da Escola ou Reitor do Instituto. Dentre as perguntas que deveriam ser respondidas no pedido de empréstimo, preenchiam os seguintes dados: endereço, filiação, idade e curso matriculado no estabelecimento. Qual carreira pretendia seguir, se o Ministério, a Agricultura, como Normalista ou especificar outros cursos; de que Igreja era membro, quanto tempo era crente e se recebia algum auxílio de outra procedência para os estudos. Desta forma, o aluno assumia o seguinte compromisso:

Acceitando um auxilio deste Fundo por empréstimo declaro que não procuro unicamente a minha própria vantagem, como também desejo me preparar melhor para algum ramo do trabalho evangélico, no ministério, no magistério ou em alguma outra profissão. Comprometto-me ainda mais, a applicar este dinheiro exclusivamente nas despezas com a minha instrucção e estadia no Instituto Evangélico. Prometto, em boa fé, pagar a somma recebida bem como os juros especificados na nota promissória que assignarei. Prometto tomar nota das quantias recebidas e dar aviso ao thesoureiro deste Fundo sobre qualquer mudança de residência que eu faça, até a quantia total estar saldada (ESCOLA AGRÍCOLA DE LAVRAS.

Termo de Compromisso de Empréstimo; Formulário de Pedido de Empréstimo).

Não foi possível identificar a quantidade exata de alunos que se beneficiaram do Fundo de empréstimo, mas encontramos nos arquivos do Instituto Gammon, vários contratos de empréstimos assinados pelos alunos. Por outro lado, foi possível verificar correspondências entre o tesoureiro do Fundo com os alunos que assumiram o compromisso, depois de formados, para fazer o pagamento total da dívida. Em alguns casos, o tesoureiro encontrou dificuldades para receber o dinheiro.

Verifica-se, portanto, que o Instituto Evangélico iniciou em seu estabelecimento a proposta de financiamento estudantil, seja pelos bolsistas que ofereciam serviços para custearem suas despesas com o estabelecimento ou pelo próprio Fundo Hunnicutt. De uma forma geral, estes benefícios ofereciam aos alunos oportunidades para aqueles que encontraram dificuldades na manutenção dos estudos. Os filhos de Ministros Evangélicos (Pastores) recebiam 25% de desconto sobre o valor das mensalidades (INSTITUTO GAMMON. Prospecto do Instituto Gammon, 1930, p. 51).

TABELA DE PREÇOS DA ESCOLA AGRÍCOLA DE LAVRAS

	Interno		Externo	
	1935	1938	1935	1938
Escola Agrícola	930\$000	1:780\$000	430\$000	680\$000
Escola Agrícola (Superior)	-----	2:050\$000	-----	950\$000
Jóia de Entrada	50\$000	50\$000	25\$000	25\$000
Exame Médico	(para calouros) 10\$000	10\$000	(para calouros) 10\$000	-----
Pensão durante as férias de junho	50\$000	-----	-----	-----
Diplomas	-----	Guarda-Livros: 25\$000; Curso Médio de Agricultura: 50\$000 Agronomia: 100\$000	-----	Guarda-Livros: 25\$000; Curso Médio de Agricultura: 50\$000 Agronomia: 100\$000

Quadro 24 - Custos da Escola Agrícola de Lavras

Fonte: INSTITUTO GAMMON. Prospecto do Instituto Gammon, 1935 e 1938.

Os alunos da Escola Agrícola assumiam muitas despesas para o cumprimento dos créditos escolares¹⁷. Além do pagamento das mensalidades, de acordo com a categoria do

¹⁷ A partir de 1927 a coordenação do Instituto Evangélico faz a seguinte observação: Quem não estiver em dia com o pagamento “não será admitido aos exames de promoção nem podera obter atestados de exames feitos” (INSTITUTO EVANGÉLICO. Prospecto do Instituto Evangélico, 1927, p. 32).

aluno, se externo ou interno, os alunos mantinham as despesas da taxa de exames médicos, cobrada para admissão; além da taxa Athletica. Acrescida das Taxas de Laboratório, cuja finalidade era “o pagamento de materiaes consumidos no laboratório e não incluem os pagamentos de aparelhos quebrados ou perdidos, que serão a parte” (INSTITUTO GAMMON. Prospecto do Instituto Gammon, 1929, p. 38). Essa taxa não apareceu a partir do ano 1935, mas a partir desta data é exigido dos alunos o pagamento da Taxa de Inspeção no valor de 150\$000.

De fato, a escola realizou esforços para que o aluno trabalhasse pela sua própria educação, ao mesmo tempo em que proporcionou oportunidade para atender a um número de alunos pobres pelo Departamento de auxílio-próprio. Este foi o meio que a Escola encontrou para oferecer o ensino cristão ao alcance da mocidade da Igreja Presbiteriana do Brasil. Por outro lado, não havia condições de manter uma Escola Agrícola, sem o sustento oficial. Assim, o auxílio próprio foi a única solução possível oferecida a muitos jovens que passaram pela escola.

É possível que o Dr. Gammon tenha se inspirado para o seu projeto no trabalho desenvolvido por *Colleges* nos Estados Unidos, onde centenas de jovens foram beneficiados pelo financiamento próprio oferecido aos alunos, que proporcionavam seus serviços ao estabelecimento de ensino para manter as suas despesas escolares. Como exemplo, ele cita as experiências das instituições *Miller School* – Albemarle County, Va. e *Park College* – Mo, pelo sucesso do projeto de auxílio próprio oferecido aos alunos (INSTITUTO EVANGÉLICO. **The Lavras Schools**, [191-?], p. 4). Para a Escola Agrícola, a solução estava nas várias atividades da Fazenda Modelo.

Nota-se a influência do liberalismo nos princípios educacionais da escola. O Fundo Hunnicutt ou “Independência”, como os alunos costumavam chamar, foi o exemplo das oportunidades que deveriam ser oferecidas aos alunos e estes deveriam aproveitá-las para desenvolver suas próprias habilidades. No entanto, os alunos beneficiados eram os filhos de famílias crentes, o que apontava para o caráter seletivo deste programa. Vale destacar, que o Sr. Jonas Veiga, crente de Nepomuceno, em muitos momentos, deu muito apoio acompanhando o Dr. Gammon em suas viagens e oferecendo bolsas ou pagamento de estudos a muitos estudantes da região.

4.4 De alunos a Diretores: Os Brasileiros

As exigências oficiais acentuaram-se e, assim, tornaram-se mais severas no Governo Vargas, devido ao controle maior do Estado sobre o ensino e os diversos âmbitos da vida em sociedade. O período Vargas, ou Segunda República Brasileira e, posteriormente, Ditadura Vargas, buscou a consolidação de um projeto nacional sob o poder e a centralização da União.

O ponto culminante do projeto educativo em Lavras verifica-se neste período, tanto pela concretização do reconhecimento oficial como Escola Superior de Agricultura, quanto pela participação ativa dos brasileiros na direção do estabelecimento. Esta relevância reside justamente na consideração de que estes diretores foram ex-alunos e professores da Escola Agrícola de Lavras. O que é possível observar como a escola alcançou seus objetivos confessionais, educacionais e profissionais na formação de seus alunos. Desta forma, entendemos que as biografias dos alunos são evidências significativas para apreendermos a história de vida deles, os sucessos e a subjetivação dos valores transmitidos pela Escola.

Em 1931 é estabelecido o Estatuto da Universidade brasileira e, de acordo com a própria política, apresentou características centralizadoras e autoritárias. O Estatuto estabeleceu duas formas de organização do ensino superior: a universidade oficial e livre e os institutos isolados. Esta política centralizadora do Governo Vargas sobrecarregou as direções das diferentes Escolas Superiores no país, como exemplo, o próprio Mackenzie, que sofreu as perseguições por pertencer à Universidade de Nova York, um estabelecimento estrangeiro. Segundo Hack (2002, p. 185), o Decreto nº 21.519 de 13 de junho de 1932, instalou a maior crise da história do Mackenzie, pois a Lei não reconheceu válidos os diplomas expedidos pela Escola de Engenharia Mackenzie College de São Paulo.

O Estatuto concedia seis meses para que os institutos de ensino superior, mantidos por associações privadas e oficializados em virtude de leis especiais, se adaptassem à organização e ao regime de institutos livres. No caso dos cursos agrícolas, somente a partir de 1934, exigia-se de todos os estabelecimentos de ensino agrícola a equiparação de suas escolas, moldados com o Regulamento da Escola Nacional de Agronomia.

Em 1933, devido à crise, o Mackenzie encaminhou ao Ministro da Educação um requerimento solicitando inspeção preliminar, com o objetivo de reverter a situação. Em 1934 o Governo concedia ao Mackenzie novas oportunidades para a continuidade dos cursos de Engenharia Civil, Elétrica, Industrial e Arquitetura. Portanto, “O Mackenzie passou por inspeção federal desde seu descredenciamento, em 1932, até o momento de seu

credenciamento em 1938” (HACK, 2002, p. 187), cujo objetivo foi retirar do Mackenzie qualquer subordinação acadêmica ou administrativa à entidade norte-americana.

Para o ensino agrícola, Capdeville (1991, p. 161) afirmou que “o rigor da fiscalização que ‘moralizou’ o ensino superior agrícola durante o período de Vargas, valendo-se das ‘virtudes’ do Estado Novo, contabilizou mais perdas do que ganhos”. Assim, calcada numa política nacionalista, estabeleceu maiores critérios para as escolhas dos dirigentes das Escolas Superiores, fossem elas particulares ou oficiais. Foram tais medidas que impulsionaram a opção por professores brasileiros para assumirem a direção da Escola Agrícola de Lavras.

4.4.1 Benedicto de Oliveira Paiva (1935-1936)

O primeiro diretor brasileiro do estabelecimento foi o ex-aluno Benedicto de Oliveira Paiva, estudante no período 1912-1914. Sua turma foi composta apenas por quatro alunos, destes apenas três concluíram seus cursos.

Nasceu em 12 de novembro de 1889, em Sant’Ana de Pirapetinga-MG, filho de Augusto de Oliveira Paiva, ferroviário, e de Beliza Fontes Paiva. Apenas Benedicto Paiva cursou o Ensino Superior, dos vários filhos do Sr. Augusto. Este se converteu ao protestantismo depois de se iludir com a Igreja Católica Romana. Na época, era sacristão e ficou indignado com as atitudes dos padres, que diziam para os fiéis não comerem carne na Semana Santa, mas eles mesmos não seguiam as regras. O Dr. Gammon em suas viagens, ficou sabendo do acontecido, pregou o evangelho e o Sr. Paiva tornou-se protestante¹⁸.

Quando moço, aos dezoito anos, Benedicto foi para o Rio de Janeiro conversar com o Rev. Américo de Menezes para arranjar-lhe um emprego que lhe oferecesse maiores oportunidades. Foi admitido no Jornal “O Puritano”. Em seguida, o Rev. Américo de Menezes o encaminhou para estudar em Lavras, pois seus pais não tiveram condições de custear seus estudos. Chegou a Lavras apenas com uma muda de roupa. Suas filhas compartilharam que em muitos momentos, esperava a doação dos tocos dos lápis dos colegas para utilizá-los em seus trabalhos.

¹⁸ A Biografia do Professor Benedicto de Oliveira Paiva foi apresentada pela sua família. Sua filha Izabel (residente em Porto Alegre-RS), Beliza (professora aposentada do Gammon) e seu neto Júlio Romeiro (ex-diretor do Instituto Gammon), ambos residentes em Lavras, depoimentos apresentados em setembro de 2007. Agradeço imensamente a sua filha Izabel pelos documentos apresentados para a elaboração desta pesquisa, principalmente pela disposição em preservar no arquivo pessoal da “Família Paiva”, dados tão importantes e significativos para a história da educação.

Como aluno, Benedicto de Oliveira Paiva mostrou-se interessado e ativo nos estudos, pelos resultados das suas notas, a maioria qualificadas com “Distinção e Plenamente”. Logo que se formou permaneceu na Escola de março de 1915 até 1924, como professor das disciplinas Genética e Agrologia. Foi um dos bolsistas para o curso no exterior, indo aos Estados Unidos no período entre 1918 e 1919, desenvolver seus estudos no Iowa State College, Ames - Iowa, retornando ao Brasil em 1920. Durante os seus estudos nos Estados Unidos deixou a sua família no Brasil, pois já estava casado com Maria Fernandes¹⁹ e tinha filhos. Com o primeiro casamento, Benedicto teve oito filhos: Augusto, Belisa, Daniel, Esther, Jorge, César, Letícia e Paulo (faleceu antes de completar um ano).

Ao retornar, continuou como professor da Escola Agrícola. Em 1922, registrou-se o contrato para prestação de serviço ao Estado de Minas Gerais a partir de 1º de janeiro de 1923. Entrando em Licença como professor da EAL (INSTITUTO EVANGÉLICO. Prospecto do Instituto Evangélico, 1926). Em outubro de 1925, recebeu a nomeação do cargo federal para chefe de seção de Química da Estação Experimental de Ponta Grossa, Paraná. No entanto, já em novembro do mesmo ano, foi transferido pelo Ministério da Agricultura para a Estação Experimental do Rio Grande do Sul²⁰, estado onde passou a maior parte da sua vida desempenhando a carreira de Agronomia. Em 1930, ficou viúvo, casando-se mais tarde, por procuração, com Hortência Canini Paiva. O casal teve dois filhos: Izabel e Júlio.

Durante o período de 1929 até fevereiro de 1936, antes de assumir a direção da EAL, Benedicto de Oliveira Paiva exerceu o cargo de diretor da Estação Experimental das Colônias, Veranópolis-RS (na época chamava-se Alfredo Chaves). Depois do período em Lavras, foi nomeado pelo próprio Presidente Getúlio Vargas para o cargo de assistente biólogo da Estação Experimental de Café em Minas Gerais. Em 1939, foi designado para o serviço federal junto à Estação Experimental de Trigo de Passo Fundo-RS, sendo transferido de Coronel Pacheco-MG, onde atuava como agrônomo cafeicultor, em vista do resultado do concurso federal. Foi a Caminho de Passo Fundo que recebeu o convite do governo do Rio Grande do Sul e retomou o serviço público deste Estado, estabelecendo residência em Júlio de Castilhos, onde se aposentou por motivo de saúde. Em 1958 transferiu residência para Porto Alegre e ali morou até a data de seu falecimento em 26 de março de 1974.

¹⁹ Maria Fernandes era filha de Daniel Fernandes. O seu lar era local de repouso para o Dr. Gammon quando viajava para a região. Logo depois, o Dr. Gammon o convidou para trabalhar na Chácara do Instituto Gammon, sua esposa foi copeira por muitos anos na casa do Dr. Gammon.

²⁰ De acordo com a emissão do documento em 10 de novembro de 1925.

Em artigo escrito no jornal *O Nacional*²¹, de Passo Fundo-RS, sua neta Marília Caleffi Paiva, na época bolsista do CNPq-RHAE, EMBRAPA Trigo²², descreveu as especialidades agronômicas de se avô, sob o título: *O Pão nosso com trigo nosso, ensinou Benedito Paiva*. Seu trabalho científico iniciou-se ainda quando Professor da Escola Agrícola de Lavras, ao retornar de seus estudos em Química, Bacteriologia e em Genética nos Estados Unidos, “a partir de 1919, com mais força nos anos 1920 e começo dos anos 1930, voltou-se para o trabalho de melhoramento genético do trigo”. Conforme afirma Marília Paiva, embora a história da genética do Brasil aponte Carlos A. Krug como pioneiro deste ramo de pesquisa sobre a genética a partir de 1933, com a cultura do café.

O Escritor Francisco M. Salzano afirma que por volta dos anos 1920, os trabalhos realizados por Benedito de Oliveira Paiva e Carlos Gayer de Iwar Beckman, “foram revolucionários na genética e melhoramento do Trigo” e resultaram na “seleção e criação de várias cultivares adaptadas às condições de solos ácidos, cujos desdobramentos se estendem até os dias atuais, sendo por isto reconhecidos internacionalmente” (CUNHA; PAIVA, 2000).

Os estudos de Benedito de Oliveira Paiva foram ampliados durante a sua primeira estada no Rio Grande do Sul, entre 1927 e 1936, quando se dedicou à experimentação e seleção de cereais, como o trigo e o milho, sendo que destas atividades resultaram as cultivares:

Trigo Novosurto e Riosulino, obtidas por seleção em linhas puras, além de Farrapo e Trintecinco, obtidas via cruzamentos. Também selecionou o milho Quarentão, criou a cultivar de aveia Moravia 2, fixou as características do centeio Moravia e iniciou um serviço sericícola e a multiplicação de porta-enxertos de videiras resistentes à filoxera, entre outras coisas (CUNHA; PAIVA, 2000).

Benedito de Oliveira Paiva preocupou-se com o melhoramento do trigo, por isso dedicou-se por muito tempo à pesquisa, apresentando palestras e escrevendo sobre o assunto, abordando igualmente sobre o problema do crestamento em trigo²³. Ele deixou o trabalho de pesquisa em 1954, por motivo de doença e aposentou-se. No entanto, deixou registradas publicações científicas importantes na sua área de estudos, como exemplo, a publicação do seu trabalho *Seleção e adubo*, pelo reconhecimento de sua veracidade, foi publicado sob o título *Selection and Fertilization*, nos anais da reunião de trabalho *Plant Adptation to Mineral*

²¹ Publicado no Jornal *O Nacional*, na segunda-feira, 19 de junho de 2000, p. 17.

²² Artigo elaborado em co-autoria do pesquisador Carlos Cunha, da EMBRAPA Trigo – Passo Fundo.

²³ Há, segundo Cunha e Paiva (2000), a atribuição de denominação deste mal, feita pelo Professor Benedito. Em 1944, ele escreveu sobre isto: “Observa-se o crestamento nos dias luminosos e secos, quente em se vêm, lado a lado, variedades insensíveis em pleno viço vegetativo perto de outras, crestadas, quase mortas, e por assim dizer soltas na terra”.

Stress in Problem Soils, realizadas em Beltsville, Maryland, USA²⁴. E, ainda em 1925 publicou a obra “Apontamentos de Genética: Elementar e Aplicada”, na qual discute a Hibridação de plantas, mendelismos, genes, o Darwinismo, a eugenia e o melhoramento da raça.

Verifica-se a preocupação do professor com o desenvolvimento de uma cultura do trigo, adaptável ao Brasil, constituindo-se assim, uma economia de produção brasileira. O que atende ao mesmo pensamento desenvolvido desde a fundação da EAL, pelos professores Dr. Gammon e Hunnicutt, exploração das riquezas naturais do Brasil e a valorização da produção interna. Dr. Paiva foi o responsável pela produção do primeiro milho híbrido nas estações experimentais da Secretaria da Agricultura do Rio Grande do Sul²⁵.

O convite para retornar à Escola Agrícola de Lavras como diretor aconteceu em 1935. Naquela ocasião o estabelecimento estava atravessando uma crise, tanto financeira, como política, devido à pressão da política centralizadora da União, num período em que poucas escolas foram reconhecidas. Além do mais, a Escola Agrícola de Lavras era dirigida por estrangeiros.

A ida do professor Benedicto para Lavras justifica-se devido à experiência e especialização no ramo da Agronomia, até então desenvolvidos pelo geneticista. Mas, principalmente, pela influência política que, como diretor, poderia beneficiar a própria Escola Agrícola. Quando se mudou para o Rio Grande do Sul, pertenceu ao mesmo partido de Getúlio Vargas, que chegou a frequentar a casa do professor para reuniões do partido²⁶. Assim, Benedicto de Oliveira Paiva, por meio de suas atividades, sejam elas políticas ou educacionais, aproximou-se das diferentes autoridades, o que o fez conhecido em vários contextos no Rio Grande do Sul e em Minas Gerais²⁷.

No livro de Atas do Conselho Técnico da Escola Agrícola de Lavras registrou-se, a partir do dia 28 de abril de 1937, a assinatura do Professor Benedicto como diretor da EAL. No entanto, de acordo com o documento de nomeação do cargo, autenticado em cartório, há o registro no dia 15 de agosto de 1936.

²⁴ A Enciclopédia Barsa, volume 13, página 338, linha 10, edição de 1970, faz citação do trabalho desenvolvido por Benedicto.

²⁵ Em 1940 recebeu o convite para o cargo de Geneticista Classe Q, da Secretaria da Agricultura do Rio Grande do Sul e foi professor catedrático do ensino secundário de Inglês, no Ginásio Estadual de Júlio de Castilho (Cf. arquivo particular da Família Paiva).

²⁶ De acordo com o registro particular da família.

²⁷ Em 9 de dezembro de 1932, consta no registro da Família a carta enviada pela Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Viçosa, enviando o convite para a direção do Departamento de Biologia. É possível que não tenha aceitado, pois a família não sabe confirmar se atendeu ao pedido.

Para facilitar a sua ida para Lavras, o Ministério da Agricultura, por meio do *Departamento Nacional da Produção Vegetal*, o designou Assistente do Serviço Técnico do Café, para a cidade de Lavras, “sendo-vos facultado dirigir a Escola Agrícola da mesma cidade, sem outra vantagem para este Ministério além dos vencimentos de vosso cargo”. Outra carta com o mesmo fim é escrita um mês depois pelo mesmo Departamento, para notificá-lo da designação dada pelo Ministério (MINISTÉRIO DA AGRICULTURA. [Carta]. Rio de Janeiro, 30.11.1936). Nota-se a disposição do professor para atender ao pedido da Escola Agrícola, mesmo exercendo outras funções.

Com a chegada do Professor Benedicto de Oliveira Paiva, em 1936, ampliou-se, de forma mais efetiva, o plano de equiparação da Escola. O plano não englobava tão somente questões físicas e metodológicas, pois a escola sempre procurou se enquadrar às Leis Federais e Estaduais, mas exercer certa influência política. Daí a escolha de um brasileiro na direção da escola que fosse conhecido e capacitado para tal responsabilidade.

A crise financeira pela qual passava a Escola Agrícola de Lavras exigiu de seus dirigentes ação decisiva para o reconhecimento oficial e no sentido de receber subsídios do Governo. O Jornal **A Gazeta** já declarava em 16 de agosto de 1936 as faltas do Governo Federal:

E se destacam porque a Escola Agrícola de Lavras, apesar de pobre, apesar de afastada dos carinhos officiaes, está intellectualmente aparelhada para prestar ao país ainda mais serviços que as congêneres do Estado, aquellas que bem, cedo souberam abeirar-se dos detentores da cornucópia das graças [...] É de estranhar-se, pois, o alheamento do governo federal, que se tem feito surdo á razoável solicitação, dos directores da nossa Escola, que merecem, incontestavelmente, mais atenção e mais carinho. Se de todo o país, mesmo do extremo norte, affluem para esta cidade tantos moços desejosos de aqui se instruírem e se formarem, ao menos este fato deveria impressionar o governo e móvel-o a uma attitude de justiça, que seria o reconhecimento, sem mais demora, de um estabelecimento cujo nome vem sendo firmado pelos technicos e verdadeiros scientistas que sahem dos seus bancos para o grande scenario onde se vem fazendo o Brasil. Que o ministro Odilon Braga considere estas palavras, não como um grito de natural revolta, mas como um pedido de justiça (ESCOLA... **A Gazeta**, anno VI, n. 289, 16 ago. 1936).

A luta da escola pelo reconhecimento passou a ser não somente a luta dos seus professores, alunos e diretor, mas da própria comunidade em que ela estava inserida. Assim, o reconhecimento foi motivo de muitas festas realizadas pelos alunos e professores, como por todos os envolvidos com a causa educacional de Lavras. O Jornal **O Instituto**, em seu número correspondente aos meses agosto-setembro de 1936, já anunciava com entusiasmo a conquista da Escola e declarava sobre o seu Diretor: “Dr. Benedicto Paiva, actual director, cuja

competência profissional é proclamada em todo o país em virtude dos largos e proveitosos serviços por elle prestados à agronomia nacional”. Ainda em 1936 foram iniciadas as obras do novo pavilhão da Escola, o prédio chamado *Odilon Braga*, em homenagem ao Ministro da Agricultura naquele contexto de oficialização, cuja verba foi solicitada e liberada pelo Governo Federal.

Como Diretor, Benedicto de Oliveira Paiva, ficou apenas dois anos em Lavras, mas a sua contribuição foi além deste período. Em 1939, o Reitor do Instituto Gammon, Frank F. Baker, escreveu solicitando orientação e ajuda quanto aos subsídios do governo, que até então não estavam sendo cumpridos de acordo com o estabelecido:

Março, 31 de 1939.

De Dr. José Castro que eu soube que você não irá para o Rio Grande por várias semanas ainda. Eu desejo pedir um favor.

Ficou claro que a Escola Agrícola não continuará por muito tempo sem ajuda significativa do Governo. Sua renda natural é muito pequena para dar continuidade ao trabalho. Assim parece que nós precisamos apresentar este assunto às autoridades do Governo, e se eles não concordarem em fazer alguma coisa, nós teremos que tomar algumas decisões definitivas. A escola desfruta a estima de muitos, e deveria ser ajudada pelo Estado e o Governo Federal.

Eu desejo saber se você pode encontrar-me no Rio durante um ou dois dias antes de você ir para o Rio Grande, para que você me ajude sobre este assunto vital antes das próprias autoridades. Eu não conheço ninguém que saiba ver isto melhor que você [...] Eu pedi para o Castro que revise o assunto com você, quando voltar a Juiz de Fora. Mas eu quis adiantar-lhe escrevendo.

Eu apreciaria uma palavra sua sobre este assunto.

Agradeço-lhe a bondade, cordialmente, Frank Baker (BAKER. [Carta]. Lavras, 31.03.1939).

A partir do relato, percebe-se as dificuldades enfrentadas pela ESAL quanto à assistência financeira, bem como o envolvimento importante do ex-diretor na causa da instituição.

Benedicto, a 31 de abril de 1954, escreveu no livro de registro de visitas da ESAL: “Revejo sempre com prazer a minha casa onde formei meu espírito e parte do meu caráter, e noto satisfeito que ainda não desapareceu o amor à causa de Cristo, expandindo a ciência pela Escola de agricultura, dando trabalho e salvação aos povos” (ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA DE LAVRAS. Livro de Visitas, 1954-1958). O ideário educativo transmitido pela Escola Superior de Agricultura de Lavras ficou claro na formação dos seus alunos. Como aluno bolsista, Benedicto se formou como agrônomo, ciente da sua missão: disseminação do trabalho da terra e da divulgação da fé protestante, pois comungava do mesmo ideário religioso da instituição.

4.4.2 Jaziel Rezende (1938...)

Jaziel Rezende fez parte do corpo discente da Escola Agrícola de Lavras a partir de 1931, formando-se em 1933. Filho de Rodolfo Rezende e Lazarina Rezende morava na Fazenda Rio Grande, no município de Nepomuceno-MG (nasceu em 29 de janeiro de 1909 e faleceu em 1975).

Tanto a fazenda do seu pai como a do seu avô eram vizinhas e frequentemente visitadas pelos missionários americanos, que até passavam férias ali. A comunidade era presbiteriana, o que a diferenciava em muito, numa região tipicamente católica. Segundo o relato de seu filho Carlos Alberto Rezende²⁸: “Acredito que o contato com a cultura americana criou uma preocupação com educação e estar bem informado (meu avô recebia e lia diariamente jornal; ainda que com vários dias de atraso)”. Assim, a influência do Instituto Gammon na família Rezende aconteceu desde cedo, a mãe e tio de Jaziel Rezende foram educados anteriormente no Instituto, conforme afirma Carlos Alberto, “recebendo educação formal e desenvolvendo habilidades em outras áreas, como por exemplo, sua mãe tocava piano, e possuíam um na fazenda dela”.

Jaziel Rezende e sua irmã foram educados no Gammon, é possível que fossem alunos externos, pois a família tinha uma casa em Lavras. No entanto, alguns contratempos, como a morte de sua irmã, quando ele ainda tinha dezessete anos, próximo de iniciar o curso superior, fez com que seu pai não concordasse que ficasse mais em Lavras. No entanto, decidido a continuar os seus estudos, Jaziel Rezende “assumiu a responsabilidade de sua educação, trabalhando como bolsista na Escola Agrícola (executava tarefas de campo, regente de turma de estudantes, etc.)”. Nesta época já havia uma forte amizade entre ele e os missionários e professores Dr. John Wellock e Dr. Hunnicutt.

Ao terminar sua graduação foi convidado a permanecer como professor e secretário da instituição. Recebeu um convite para fazer pós-graduação nos Estados Unidos logo após sua contratação, que seria financiada pela instituição. Entretanto, por razões familiares, teve de desistir. Trabalhou durante quarenta anos ininterruptos como professor da disciplina

²⁸ A Biografia de Jaziel Rezende foi enviada pelo seu filho Carlos Alberto Pereira Rezende, via e-mail em dezembro de 2007.

Agricultura Geral, secretário, vice-diretor e diretor por vários períodos (Jaziel Rezende foi diretor durante os anos 1938-1944; 1951-1952; em 1957, em 1962 e 1965).

Com menos de trinta anos, Jaziel Rezende assumiu a direção da Escola Agrícola de Lavras, logo após a saída de Benedicto de Oliveira Paiva, durante o Estado Novo, devido à imposição de lei não permitir dirigente estrangeiro. “Em algumas situações chegou a colocar dinheiro do próprio bolso para dar continuidade ao funcionamento de certos setores no decorrer de seus 40 anos na Escola”. Por influência de sua formação na Instituição, depois pelo desenvolvimento do seu próprio trabalho e direção, conforme afirma seu filho,

Meu pai era por excelência um humanista (sempre admirado pelos colegas, alunos; respeitado na comunidade local; recebeu homenagens de associação de classe em vida e póstumas) e sua visão da produção agropecuária sempre foi dentro de uma perspectiva holística (a pesquisa ganha peso na instituição a partir dos anos 70, portanto quase não publicou seus ensaios; ele os fazia).

A vida profissional do professor Jaziel Rezende foi dedicada ao projeto educativo da Escola Agrícola de Lavras, o que não mediu esforços para dar continuidade aos planos para a Escola Agrícola.



Figura 32 - Benedicto de Oliveira Paiva no campo de Trigo
Fonte: Acervo da Família.



Instituto Evangélico
 (FUNDADO EM 1893)
Lavras - Estado de Minas Gerais
Escola Agrícola de Lavras
 Fundada Em 1908

*Tendo Benedicto de Oliveira Paiva natural de Sant'Anna do Pirapetinga, Minas
 filho de Augusto de Oliveira Paiva, nascido em 12 do mez de Novembro do anno 1889.
 concluido o Curso de Estudos prescripto pelo Governo Federal para as Escolas Theorico-Praticas,
 segundo o Decreto n. 8.319 de 20 de Outubro de 1910, como provam os termos de exame presentes,
 a Directoria do Instituto Evangelico e a Congregação da Escola Agrícola de Lavras conferem-
 lhe o titulo de agronomo, e em testemunho deste facto, mandam passar-lhe este Diploma.*

Lavras, em 25 de Novembro de 1914.

Pela Directoria Do Instituto Evangelico,

O. Acilay, Samuel R. Gaimon

Pela Congregação Da Escola Agrícola De Lavras,

O. Director, Benjamin H. Henriques

O. Diplomado, Benedicto de Oliveira Paiva

Figura 33 - Benedicto de Oliveira Paiva – Diploma de Agrônomo - EAL - 1914
 Fonte: Acervo da Família.



Figura 34 - Jaziel Rezende, Secretário do Instituto Gammon, Professor e Diretor da EAL
Fonte: Arquivo Museu Bi Moreira.

4.5 O Espírito “Gammonense”: Uma Identidade

A História das Instituições educativas povoa-se de memórias e representações (Justino Magalhães)

No estudo da História das Instituições é possível observar a *estrutura física, administrativa*, que envolve regulamento, disciplina, hierarquia e diversidade de funções, organização do espaço; mas também, *a dimensão sócio-cultural*, que pode abranger ordem de classes, organização do tempo, relação professor-aluno. Entre essas peculiaridades de análise de uma instituição, é evidente que há uma relação de poder ou hierarquia onde alunos, professores e funcionários exercem suas atividades correspondentes. Do mesmo modo que há uma relação extraescolar abrangendo todo relacionamento da instituição e sua legitimidade pela comunidade, pois as instituições educativas desenvolvem uma identidade baseada na sua relação com o contexto.

Tomando como foco a cidade de Lavras-MG, sede do Instituto Presbiteriano Gammon, vê-se que é possível constatar em uma comunidade características da influência da cultura protestante norte-americana, nas práticas habituais dos missionários. Conforme afirma Delva Emerick Oliveira, ex-aluna:

Falar na influência da cultura americana na vida lavrense é falar da própria história de Lavras. [...] havia cuidado em se ensinar às moças as prendas domésticas (*Home Economics*) como se fazia lá, e aos rapazes, os mais variados esportes e técnicas industriais [...] conforme se encontra registrado no Anuário de Minas Gerais, de 1909, - e do qual extraímos o seguinte: “Instrução – Lavras é um verdadeiro centro de instrução... O Instituto Evangélico, fundado em 1893, possui uma secção de ensino tecnico representado por oficinas de sapateiro e selleiro, de marceneiro e carpinteiro, de typografia e encadernação.” [...] Na quinta série (1ª série ginásial na época) as moças aprendiam a costurar [...] Na sexta série estudavam nutrição. O interessante é que as jovens aprendiam a fazer só pratos de origem americana [...] biscuit (pão americano) [...] fudge (doce de chocolate) [...] bread pudding (angu de macaco). E até os nossos dias usa-se, em comemorações especiais, nos clubes ou nas casas particulares, o mesmo ‘menu’ tradicional que ex-alunos da escola americana adotaram: Risotto de frango, pernil, maionese, tutu de feijão, empadinha, [...] Na sétima série ginásial a moça aprendia a decoração da casa com especialistas do assunto, vindas dos *States* [...] Nos esportes, seus alunos sempre se destacaram, fornecendo ao Brasil e à América do Sul, vários campeões em muitas modalidades: atletismo, basquete, voleibol, futebol e tênis [...] A escola americana já possuía estádio, pistas, campos de esportes e promovia

competições esportivas anuais [...] Nos dias de hoje as universidades estão criando seus “campus”. O de Lavras precede todos os demais. A escola americana se localizou em uma chácara, onde prédios, casas de alunos e mestres se dispunham lindamente, entre arvoredos, em lugar aprazível e aconchegante como nas suas universidades. [...] As casas particulares [...] em estilo neo-clássico [...] aquela gente também era ecologista: preservaram as árvores existentes no seu *campus* e plantaram muitas outras [...] preocupados com o problema de ser o Brasil um país essencialmente agrícola, fundaram a ESAL, uma das primeiras escolas do gênero do país. Já naquele tempo havia zelo em se formar técnicos nos diversos setores de agricultura. Periodicamente enviavam professores brasileiros aos EEUU para cursos de aperfeiçoamento. E a escola era na verdade um centro de propagação de métodos, sistemas e processos que se estendiam a toda a região [...] trouxeram para cá a primeira bola de futebol, o jogo de basquete e a árvore de natal decorada [...] O elemento feminino, numa época em que a educação da mulher era considerada supérflua, recebeu forte incentivo para os estudos [...] Até os dias de hoje, a única escola de música existente na cidade é aquela fundada pelos norte-americanos. Só que no tempo deles havia curso de canto, violino, harmonia, piano, solfejo e composição, além dos corais. Para regê-los vinham maestrinas formadas por escolas de canto coral dos EEUU, ou contratavam competentes professores brasileiros [...] O aspecto emocional da presença deles em nossa terra não poderia ser esquecido. Inspirados na amizade que os pais lhes dedicavam, muitas crianças brasileiras ganharam nomes, sobrenomes e apelidos americanos: Kate, Baby (Beibe, Babi), Mary (Meire Meirinha), Allyn, Jack (Jaque) Black, Kemper, Tnnehill [...] A história de Lavras jamais foi desvinculada dos nomes de Samuel Gammon, Carlota Kemper e Hunnicutt e todas as gerações de missionários que, sustentados pela Missão Norte-Americana, perpetuaram a obra por eles iniciada. Eles vieram. Deixaram marcas. Eles mesmos se tornaram marcos da cultura lavrense. Hoje em dia, graças aos meios de comunicação e ao capitalismo, a influência americana se faz sentir no mundo inteiro, renovando, alterando e, infelizmente, até massificando a cultura dos demais povos [...] (OLIVEIRA, 1979, p. 3-8).

As descrições encontradas de ex-alunos sobre as experiências vividas em Lavras sempre foram cheias de certo saudosismo e até mesmo por uma admiração fora do comum demonstrada por aqueles que passaram por ali. A partir destas observações, verifica-se que a Escola Agrícola desenvolveu uma série de valores que foram, no decorrer do tempo, consolidando-se em seu interior.

As instituições se constituem como este banco de relatos de experiências vivenciadas, construídas e legitimadas por determinado grupo, que por sua vez, não estão isoladas de um contexto mais amplo, ou seja, da comunidade envolvida.

Perceber a instituição escolar como instância educativa total, é considerar não somente o seu conjunto material: prédio, móveis, dispositivos escolares, organização, mas os próprios fatores “de integração e de acompanhamento; analisar as instâncias de socialização, alteridade, autonomização, mobilização; reconsiderar os conceitos de aprendizagem, ativismo pedagógico, experiência emocional”. Por isso, as diversas relações construídas no ambiente

escolar são fundamentais para compreendermos como acontece esta dinâmica, tão complexa e interessante, da prática educativa (cf. MAGALHÃES, 2004, p. 116).

A compreensão da dinâmica de uma instituição analisa não somente as pessoas envolvidas diretamente neste processo enquanto estudam ou pertencem à instituição, mas aquelas que depois de passarem por ali, desenvolveram uma identidade histórica com a instituição. Esta relação é o que se denomina “O espírito Gammonense”²⁹. Ou seja, uma identidade comum desenvolvida entre as pessoas que vivenciaram aquela cultura escolar.

O marco da formação da identidade gammonense aconteceu quando seus ex-alunos formaram a “Associação dos Ex-Alunos do Instituto Gammon”, em 24 de março de 1931, cujo presidente foi o ex-aluno Jorge Goulart, pastor da Igreja Presbiteriana de Lavras. De acordo com o Estatuto da Associação, aprovado na assembleia geral realizada em 21 de abril de 1931, ficavam estabelecidos os fins da organização com sede na cidade de Lavras:

- A) **Cultivar o respeito de cooperação e amizade** entre todos os que passaram pelo instituto Gammon;
- B) **Sustentar os ideais do Instituto**, a promover a grandeza do Brasil;
- C) **Perpetuar a memória dos fundadores** e de quantos tiveram contribuído para o progresso do instituto;
- D) **Prestar todo o auxílio moral** a qualquer sócio necessitado e, limitante, auxílio material;
- E) **Celebrar, anualmente, o Dia Instituto** com o programa de cunho cívico e educativo. Este o será fixado, cada ano, pela diretoria da Associação, em entendimento com a do Instituto (A **GAZETA**. Associação..., 12 jul. 1931, destaque nosso).

Este “Espírito Gammonense” nasceu dentro de uma instituição que estava inserida em um contexto de difusão dos ideais modernos, de higiene, de urbanização, e regeneração do Brasil via agricultura científica, principalmente para a formação do pessoal técnico para o campo. Além do mais, a variedade de pessoas que passaram pela instituição trouxe consigo valores, atitudes e hábitos que, por sua vez, também caracterizaram a cultura própria do Instituto Gammon, configurada na velha frase da associação criada pelo aluno Osmundo Miranda: “a gente sai do Gammon, mas o Gammon não sai da gente” (INSTITUTO GAMMON. Arquivo Pró-Memória).

É possível que inspirados pelas iniciativas dos alunos quanto à associação, os professores também organizaram no mesmo dia, 24 de março de 1931 o “Grêmio dos Professores” do Instituto Gammon, tendo como diretoria: Presidente: Gastão Mury;

²⁹ O termo “Espírito Gammonense” foi utilizado pelo jornal “O Instituto” em dezembro de 1931, na ocasião das festas finais do Instituto.

Secretária: Senhorinha Tulda Seckert e Thesoureiro: Oswaldo Emrich (GRÊMIO... **O Instituto**, anno II, n. 1 e 2, mar./abr. 1931, p. 4).

Em 1938, Sílvio Moreira, secretário do Instituto Gammon, escreveu para o jornal “O Instituto”, definindo o termo “espírito gammonense”:

[...] se o espírito gammonense consiste em amar ao Instituto importa saber o que é o Instituto.

E isso vocês todos sabem.

Vocês sabem que o Instituto não são apenas os prédios, que constituem sua estrutura material. *Não são apenas a chácara do Ginásio, o pátio do Kemper, os terrenos da Escola.* Mas é tudo que dá vida a esses prédios, tudo que dá alegria a essa chácara, a esse pátio, a esses terrenos.

Os prédios não passariam de meros acidentes materiais se não se levasse em conta a finalidade para a qual foram construídos, se por eles não perpassassem esse espírito de que falamos.

O Instituto são, com efeito, as salas de aula, os dormitórios, os refeitórios, as magnólias perfumosas, os “ficui” sombrios, os ciprestes merencóleos, as palmeiras altivas, o acolhedor jatobá, os amplos e iluminados campos de esporte.

Mas não são apenas essas coisas materiais. Que seriam elas sem essa força misteriosa que lhes dá vida, que lhes fornece vibração, que lhes empresta poesia, assegurando-lhes a nossa benquerença, a nossa estima, a nossa admiração, o nosso amor?

Ah! Meus amigos, o espírito do Instituto é a tradição de tudo isso. A tradição, sim. Quantas gerações já se abrigaram sob aquele teto, quantas outras já sorveram o ar saudável purificado por aquelas árvores amigas, e quantas já gravaram o seu nome no velho e pitoresco jatobá?!

A tradição, sim. Nós somos fruto de uma árvore que foi semente nas mãos de Samuel Gammon. Que força estranha e poderosa foi essa que garantiu a germinação dessa semente, que permitiu o desenvolvimento do tenro arbusto, transformando-o nesta belo e frondosa árvore, a cuja sombra de abriga a juventude brasileira? Essa força se chama *espírito gammonense*. E só ela – força eternal – aciona o organismo dessa instituição para que esta se torne também eterna.

O espírito do Instituto são as salas, os dormitórios, os refeitórios, é a própria cidade. Explico-me: nascido e criado em Lavras, eu quero bem à minha terra. A tal ponto que me darei por muito feliz se Deus quiser que aqui se sepulte. Pois bem. Dentro do Instituto, eu sou lavrense. E aqui fora, eu sou gammonense. Porque eu não posso compreender Lavras sem o Instituto, assim como não consigo entender o Instituto fóra de Lavras. Bem dizia Augusto Gotardelo, no seu discurso de despedida em dezembro do ano passado: “Lavras é a Atenas d o Instituto é a Acrópole. Como lembrar-se de uma, sem recordar da outra? [...]

Que seria [...] da aula sem os mestres? E sem os colégas?

E os internatos sem a energia disciplinadora do professor Castelo, de d. Antonieta e do professor Jaziel?

E os dormitórios sem as visitas diárias e as vassouradas profiláticas do João Felizardo, do Chico Esmério e da Izabel?

E os refeitórios sem o feijão com arroz preparado pelo Juscelino, pela “sá” Isidora e pela Honorina?

E as salas de aulas sem as providências do Antônio Cândido, do Jó e do Zé Pedro?

[...] Tudo estaria morto se não houvesse essa gente toda.

Vaga... vaga... vaga... – que vidinha bôa? – se não houvesse o professor Sinval e d. Dalila, o dr. Wheelock e o professor Luís Mendes, e a d. Margarida para preparar os horários.

O espírito gammonense são todas essas coisas e outras coisinhas mais.

É o “parlez vous français?” do dr. Palhano. O “dou you speak English?” do professor Lawrence. O latinório do rev. Francisco. O “nosso idioma” do professor Roberto e de d. Maria Rosa. O “a+b” e o encontro das paralelas do professor Camargo. A ilusão de ótica dos professores Tautimil e Ângelo. Os reagentes do professor Hermeto. O “dó-ré-mi” do professor Cirilo e das professoras Iole e Azená. O “a terra é redonda” do professor Osório. Os cubos e cilindros do professor Gastão. O “caixa a Mercadorias” do professor Tércio. A História e não as histórias do professor Castelo. O “No princípio era o verbo” do ver. Calhoun. Os arabescos de d. Dalila. A cultura microbiana do professor Ezequias. Os coleópteros do professor Lázaro. Os arados e as charruas do professor Constantino e do Zé Um. As aulas práticas de laticínios do Gerente. Os zângãos e as rainhas do professor Sinval. A pedagogia de d. Leonor. A sala liliputeana de d. Loelia. Os bolos e as guloseimas de d. Alice. O “direita volver” do sargento Mena Barreto. O “passa a bola” do professor Erasto., etc., etc., etc.,

E as reuniões e festas do Retiro, do Centro Acadêmico de Agronomia e do Grêmio Olavo Bilac? E as tardes esportivas? E as provas parciais?

E a volta aos estudos? E a revoada quando chegam as férias?

[...] **O espírito gammonense é essa porção de coisas pequeninas, que hoje não significam nada, mas amanhã significarão muitíssimo.**

Quantos gammonenses não dariam a vida para voltar a beber nesta fonte de sabedoria? Para recordar pequenos fatos, que, outrora, lhes passaram quase despercebidos. Eu não me queixo porque gozo o privilégio de estar em contacto com a mocidade vivificadora de vocês. Mas quantos outros não sentem o coração ficar pequenininho de comoção quando a sorte lhes propicia uma visita a Lavras, onde reverão os recantos ditosos onde escoaram meses e anos de sua mocidade despreocupada e feliz!

Há-de chegar o dia de vocês desejarem e sentirem a mesma coisa. Escutem o que lhes estou dizendo. E vocês me dirão mais tarde se estou ou não falando verdade.

Muita coisa que hoje lhes causa aborrecimento, enfado, será por vocês lembradas, com saudades.

E quando isso acontecer, é sinal de que já estão imbuídos desse espírito gammonense.

Nós aqui vivemos como em família. Formamos, mesmo, a família gammonense. E como irmãos, a alegria de um passa a ser alegria de todos. Choramos quando este sofre, cantamos vitória quando aquele triunfa.

Espírito gammonense, espírito de boa vontade, de cooperação, de simpatia, de amor aos semelhantes, aquele espírito que foi a razão de ser da vida de Samuel Gammon. [...] (MOREIRA, *O Instituto*, abr./maio 1938, p. 1-2. Destques nossos)

O fortalecimento dos laços entre alunos, professores e funcionários esteve diretamente ligado ao que a Escola Agrícola ou qualquer departamento do Instituto Gammon apresentou em seus prospectos, uma relação familiar, ou uma disciplina da família, branda e firme. Na

verdade, os relatos sempre apontaram a escola como pertencente a uma grande família, chamada muitas vezes de “minha casa”. Todos os alunos, professores e funcionários tinham na escola esta identidade, a qual vai constituir um dos traços importantes do “Espírito Gammonense”, e de fato, contribuiu para formar sentimentos como cooperação e civismo, ao enaltecer a participação cívica e a convivência social, além dos sentimentos de solidariedade, respeito e justiça.

Não é em vão que a formação apresentada pelos alunos de Lavras sempre foi enaltecida pelo caráter moral de seus alunos e pelo compromisso destes com o trabalho, onde estivessem (GAMMON, 2003, p. 130). A formação da “Associação dos Ex-alunos do Instituto Gammon” fortaleceu estes laços familiares, daí a luta do Instituto Gammon ser a luta de todos aqueles que passaram pela escola. A associação encontrou no estabelecimento a sua legitimação, sendo respeitada e ouvida pela direção do estabelecimento.

Foi iniciativa da Associação dos Ex-alunos, em 04 de julho de 1933, inaugurar a estátua do busto do Dr. Gammon em sua homenagem, na Praça Dr. Augusto Silva. O orador do evento foi o gammonense e Secretário da Agricultura do Estado Dr. Carlos Luz (posteriormente, em 1955, Presidente da República). O Instituto divulgou o êxito desta campanha exaltando a contribuição daqueles que se comprometeram para a concretização da homenagem³⁰:

O êxito de nossa campanha

Está de parabéns a Associação dos Ex- Alunos, como de parabéns está a cidade de Lavras, pelo êxito suprehendentemente rapido que teve a campanha financeira em favor do monumento em homenagem ao fundador do Instituto [...]

Figura admirável pelo seu pacifismo christão e pela elevação e sinceridade dos seus ideais e generosos, o Dr. Gammon até hoje não encontrou uma só opinião que viesse destoar do côro de admiração ante a sua obra, nem mesmo entre aqueles que discordavam dos seus princípios religiosos.

Desta sorte, a praça publica é o logar mais próprio para perpetuação de seu vulto alterario, porque ninguém mais do que ele pode captar a confiança e o respeito da colectividade.

E foi obedecendo ao imperativo desta vontade collectiva que Associação dos Ex-Alunos abriu mão dos seus sentimentos afectivos e particularista, e permitiu que a idea inicial e restricta de homenagem ao mestre passasse para o campo mais largo e reconhecido ao bemfeitor de humanidade [...]

Ao professor Benevenuto Berna, o ilustre esculptor do monumento, ao digno prefeito local, ao venerado presidente dos Estados e seus ilustres secretarios, ao Dr. Washington Pires, ministro da Educação, consignamos particularmente o nosso apreço, pelas facilidades e auxilios que nos concederam, bem como pelo apoio moral com que cercaram o nosso empreendimento (O ÊXITO..., **O Instituto**, abr. 1933, p. 1).

³⁰ Em 31/07/1933, o tesoureiro da Associação dos Ex-Alunos do Instituto Gammon, Túllio Aquino de Pádua, recebeu da Prefeitura Municipal a importância de 240 mil réis, para auxiliar nas despesas das homenagens a memória de seu patrono.

Ao falarmos deste contexto, estamos trazendo em foco a identidade coletiva, desenvolvida pelo “espírito gammonense”, ao qual fez o aluno se sentir parte da história, do lugar e da admiração de seus líderes.

Os alunos manifestaram a admiração por estes homens como se fossem “heróis”, contemplados pelo exemplo, portadores de ideias modernas e do ideário protestante. Se não existiram conversões ao protestantismo, ficaria a admiração pelo exemplo de vida destes homens. Retornando ao pensamento de Carvalho (1990)

Heróis são símbolos poderosos, encarnações de idéias e aspirações, pontos de referências, fulcros de identificação coletiva. São por isso, instrumentos eficazes para atingir a cabeça e o coração dos cidadãos a serviço da legitimação de regimes políticos [...] Herói que se preze tem de ter, de algum modo a cara da nação. Tem de responder a alguma necessidade ou aspiração coletiva, refletir algum de personalidade ou de comportamento que corresponda a um modelo coletivamente valorizado (CARVALHO, 1990, p. 55).

Os mestres foram referências, ao ponto que iniciativas foram lançadas, tanto por alunos como por professores, para que outros estabelecimentos fossem criados aos moldes de Lavras.

No decorrer dos anos, tanto a Escola Agrícola ao homenagear pessoas que marcaram a Escola dando seus nomes aos edifícios/monumentos, como a iniciativa da Associação dos Ex-alunos do Gammon ao construir uma herma em homenagem ao Diretor, foram atos que desenvolveram a identidade da instituição educativa com o local. Esta identidade e convicção desenvolvidas pelo “Espírito Gammonense” foi o tema do artigo publicado pelo **O Instituto**, (novembro/dezembro, 1934): *O Instituto e sua Propaganda*, evidenciando a participação ativa dos alunos neste processo:

O fator maior deste conceito, que forma o Instituto Gammon inextinguível na gloriosa atividade que desenvolve nesta zona do Estado, é, mais do que a sua luminosa tradição, o testemunho irrecusável dos seus ex- alunos, que por toda parte, atestam as excelências de sua organização e, sobre tudo, os elevados princípios que norteiam a diligência e os esforços dos seus dirigentes e docentes. Agora, como sempre, o Instituto confia aos seus ex-alunos a propagação da sua capacidade educativa, certo de que nenhum outro meio ultrapassará, em eficiência o testemunho pessoal daqueles que nele se habitaram para o viver completo. (O INSTITUTO e sua propaganda. **O Instituto**. Lavras, nov./dez. 1934, p. 3).

Os alunos seriam os principais responsáveis pela disseminação do ideário educativo de Lavras – da Escola Agrícola, pelos diversos contextos do Brasil. Cria-se desta forma, um sentimento de cumplicidade por aqueles que passaram pela instituição.

Outras práticas foram incentivadas pela Associação de Ex-alunos, conduzidas pelo “Espírito Gammonense”. O Dia do Instituto foi outra festa que contribuiu para a constituição da ESAL como uma grande família. O objetivo da comemoração foi especialmente destinado a confraternização dos seus consórcios. Assim, o dia foi dividido entre almoços, confraternização entre os presentes.

O que nos chama a atenção, é que este dia foi marcado pelo que chamavam de “Romaria”, os ex-alunos, professores, alunos e toda a família gammonense presente fazia uma romaria em direção aos túmulos do “Dr. Gammon, o patrono da associação e Dona Carlota Kemper, admirada pelos alunos como símbolo de mulher culta e abnegada.” De tal modo dizia o Prof. Vittorio Bergo, orador oficial da Associação dos Ex-Alunos do Instituto, por ocasião da romaria aos túmulos do Dr. Gammon e de D. Carlota Kemper:

[...] Mas, meus amigos, todo nós que aqui nos encontramos, buscando neste preito de saudade a revivência espiritual dos gestos e da bondade dos nossos homenageados, sabemos, mercê do privilégio que foi para nós o convívio destes santos, que a elevação da sua generosidade e a medida da sua tolerância era demasiado grandes para se conterem neste mesmo jazigo em que se encerram os seus despojos queridos! [...] (BERGO, Vittorio. Oratória por ocasião... **O Instituto**. Lavras, dez. 1931, p. 4).

Assim ficava estabelecido o programa para a comemoração de 1931: a) visita ao túmulo do Dr. Gammon e Carlota Kemper; b) Almoço no Hotel Central; c) Assembléia Geral no mesmo local para leitura dos relatórios e eleição da nova Diretoria; d) Partida de Volley-Ball entre ex-alunos e professores (DIA do Instituto. **O Instituto**, dez. 1931, p. 1-2).

O “Espírito Gammonense” foi caracterizado por muitos como “Religião Gammonense”, principalmente por aqueles que não conheciam a instituição ou não tiveram um contato, seja direto ou indiretamente:

Soubemos que um visitante disse a um gammonense: Você fala do Gammon como se o Gammon fosse uma religião! Não posso compreender esse quase fanatismo de vocês, pelo colégio!

Durante três dias o visitante cansou de ouvir o nome do “Berço amado”; cansou de ouvir o nome querido na boca de milhares de pessoas.

E se ele soubesse que sempre – mas especialmente no Dia do Instituto – milhares de outros gammonenses espalhados pelo Brasil estão com aquele doce nome no coração, sentindo, à distância, as emoções provocadas pela data?

E se ele visse as centenas de telegramas, cartas, cartões, encaminhando mensagens de saudade e de alegria, de gratidão e de esperança daqueles que não puderam vir trazer o seu abraço de parabéns ao seu “lar espiritual”?

Ah! Se ele soubesse e visse essas coisas, ele certamente seria um irmão na “fé gammonense”, como muitos que, mesmo não tendo estudado no Gammon, sentiram os reflexos desta instituição em suas vidas!
Se ele soubesse seria mais “um irmão em I. G.” (OLIVEIRA, 1979, p. 9).

As festas de finais de ano do Instituto foram momentos de confraternização, não somente entre os alunos, mas para toda a sociedade lavrense, em que o Instituto apresentava os formandos dos seus cursos e da Escola Agrícola de Lavras. Geralmente a comemoração era realizada em três dias consecutivos, dividido em atividades: Banquete aos diplomandos nos refeitórios do Collegio Carlota Kemper. No dia seguinte, todos se dirigiam ao templo “Presbiteriano” para ouvirem o sermão oficial. Finalmente, a solenidade de colação. Em 1931, foi realizada no recinto do Cinema Internacional. Não podemos nos esquecer do dia do Plantio de árvores, estabelecido pelo Grêmio Agrícola, fortalecendo o compromisso dos alunos com o meio ambiente. Enfim, tais atividades faziam-se como importante instrumento ideológico de engajamento de alunos, professores, famílias e a comunidade de Lavras.

Em 1933, o jornal *O Instituto* escrevia sobre o tema: *O Instituto Gammon e a sua obra evangélica*, ressaltando os resultados da instituição diante do seu caráter confessional:

- A) Ensino dos princípios básicos da fé cristã a alguns milhares de moços e moças de quase todos os Estados da República e, particularmente, o ensino da Escritura Sagrada sem preocupação dogmática ou sectária.
- B) Preparo de um grande número de candidatos ao ministério, mediante condições financeiras muito favoráveis e num meio propício ao cultivo das vocações. Destes, mais de cinquenta se acham no ministério ativo, exercendo alguns, pastorados de importância e, outros, altos cargos da Igreja como sejam: a diretoria do Seminário presbiteriano, a direção da Imprensa Oficial, da obra missionária no estrangeiro, de colégios evangélicos em vários pontos do País, etc. Atualmente fazem o seu preparo no Instituto cerca de vinte jovens esperançosos.
- C) O preparo de um grande número de professores e professoras que estão prestando o seu concurso às escolas evangélicas do Brasil, sendo que muitos exercem o magisterio nas escolas secundárias e oficiais.
- D) A formação moral de um número elevado de moços que estão exercendo cargos de responsabilidade em várias esferas políticas e administrativas [...].
- E) A contribuição direta à igreja de um grande número de crentes convertidos mediante a influência do Instituto por meio da igreja local e de serviços especiais de pregação.
- F) Contribuição mediante a imprensa Gammon a obra de divulgação do Evangelho, por meio de folhetos, livros, lições bíblicas, catecismo, jornais evangélicos, etc. [...] (O INSTITUTO Gammon..., **O Instituto**, Anno IV, n. 27, nov. 1933, p. 1).

O testemunho narrado no jornal expressou a admiração dos alunos pelo trabalho educativo e religioso desenvolvido na Escola, evidenciando que os alunos internalizaram os objetivos de uma escola confessional. Mesmo aqueles que não aderiram ao protestantismo

reconheciam o caráter proselitista na formação dos alunos, embora eles mesmos soubessem do respeito da instituição por aqueles que não se convertiam.

A descrição evidencia, de forma clara, que os objetivos da missão com a propaganda indireta – educação – foram alcançados, influenciando jovens que iriam atuar em diferentes esferas da vida com a fé protestante. A escola era o local de formação de obreiro, mesmo que de forma indireta, por isso um importante veículo para a igreja nacional.

A partir destes relatos, compreendemos que a história das instituições escolares trabalha com a memória coletiva e individual. As experiências dos alunos, as biografias dos professores, os sentimentos envolvidos neste processo, contribuem para a compreensão da instituição como experiência e apropriação. De tal modo, as instituições constituem-se como este banco de relatos de experiências vivenciadas construídas e legitimadas por determinado grupo. Aqui, especificamente, a vida da Escola Agrícola de Lavras.



Figura 35 - 1933 - Inauguração do busto do Dr. Gammon, na Praça Dr. Augusto Silva
Fonte: Arquivo Museu Bi Moreira.

**RESUMO DOS PRINCIPAIS ACONTECIMENTOS DA ESCOLA AGRÍCOLA DE LAVRAS
(1918-1938)**

- 1919 - O curso de Agronomia passou a ser de quatro anos.
- 1920 - Em julho foi feito o lançamento da pedra fundamental do Prédio Álvaro Botelho.
- 1921 - Em 29 de agosto de 1921 foi criado o Grêmio Agrícola cujo presidente era o aluno Jaime Ferreira de Brito.
- 1922 - Em junho surgiu a revista “O Agricultor”. No dia 14 de julho foi inaugurado o Prédio Álvaro Botelho. Nos dias 4 a 7 de setembro foi realizada no Prédio Álvaro Botelho a 1ª Exposição Agropecuária e Industrial de Minas Gerais.
- 1928 - No dia 4 de julho faleceu Samuel Rhea Gammon.
- 1930 - Em 15 de outubro foi oficializado o curso de Engenheiro Agrônomo, pela Lei nº 1.196.
- 1933 - Pela primeira vez foi promovida pela Escola Agrícola a Semana do Fazendeiro.
- 1935 - Em junho aconteceu a Primeira Semana do Ruralista de Lavras.
- 1937 - No dia 3 de dezembro foi inaugurado o Pavilhão Odilon Braga.
- 1938 - Por resolução da Congregação, a 18 de maio, por sugestão do Professor Tancredo Paranaguá, a Escola Agrícola passou a se chamar Escola Superior de Agricultura de Lavras.
- 1951 - Arlete Veiga Pádua foi a primeira mulher a se formar em Agronomia.

Quadro 25 – Resumo dos principais acontecimentos da ESAL (1918-1938)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo da pesquisa é um desafio ao pesquisador, é o momento de inquietações e até mesmo de angústias. É este retorno ao passado, o lidar com as fontes e se debruçar sobre os arquivos na busca pela documentação, neste caso, aquela que registra a história de nossa instituição: a Escola Agrícola de Lavras. Depois de tantas reflexões e análises, este é o momento de “costurar os retalhos”, dar resposta às nossas indagações. Ou o momento da chegada depois de uma longa caminhada entre o pesquisador e o seu objeto de estudo, um caminho complexo, intrigante, mas apaixonante. Afinal, a pesquisa ou o texto monográfico surge a partir desta busca ou caminhada, a partir da reflexão crítica. Daí abrimos o nosso olhar para as surpresas que a pesquisa aponta.

Ao longo do presente trabalho entendemos que a instituição escolar é o lugar que se preocupa com a formação do indivíduo, este espaço é historicamente produzido e nele são reproduzidos modelos sociais. Uma relação de poder, que molda e, ao mesmo tempo, inova ou que transmite e produz culturas. Pois a instituição como um todo (padrões disciplinares, administração, docentes, etc) educa e seus objetivos educacionais são resultados da relação externa da instituição com a comunidade, seja ela micro ou macro. Por isto, cada instituição responde aos seus múltiplos interesses (político, econômico, moral, cultural, religioso, etc), estes interagem entre si, dando a esta instituição um caráter de legitimação diante da sociedade. É o olhar para além dos muros escolares, considerando os acontecimentos a vinculá-los. Esse olhar exige considerar não somente o contexto histórico da instituição, mas a história de vida dos indivíduos envolvidos, uma tensa relação intra e extramuros.

Descrevemos as relações históricas da instituição Escola Agrícola de Lavras, considerando o seu desdobramento histórico e valorizando a consolidação das fases pelas quais a escola se desenvolveu em consonância com a sua relação com a comunidade, para atrair e incentivar o seu público alvo. O que possibilitou compreender as rupturas, tensões, continuidades e inovações presentes neste corte cronológico.

No primeiro momento vale destacar que a gênese da Universidade Federal de Lavras - UFLA, não estava ausente de seu contexto histórico de Minas Gerais e, evidentemente, dos ideais políticos e econômicos do Brasil. Assim, fazer a leitura desta instituição de ensino é compreender a dimensão da presença de uma escola de agricultura de ensino médio/superior para Minas Gerais, cujo objetivo era vincular o moderno ao campo para promoção do

desenvolvimento econômico, pois a perspectiva educacional das escolas agrícolas era criar novas formas de relação do homem com o campo, mais científica e técnica, desvinculando-se do “caipira” ou do estereótipo “Jeca Tatu”. Para este objetivo o ensino superior seria o caminho para tal racionalização.

O discurso mineiro, acentuadamente a partir do Governo de João Pinheiro, preconizou uma república do trabalho, valorizando a institucionalização do ensino agrícola como propulsor da produção do campo por meio do ensino de métodos racionais. No entanto, o Governo do Estado só despertou para o ensino médio e superior a partir dos anos 1920, principalmente sob a direção do Governador Arthur Bernardes, tendo como marco a Escola Agrícola e Veterinária de Viçosa. Até este período, somente iniciativas particulares foram perceptíveis à demanda da educação.

Embora o início da escola apresentou-se como simples, passando por diferentes períodos de adaptação de móveis e espaços físicos, a formação pedagógica e científica de seus alunos foi vista como sólida e exaltada em muitos momentos. Somente nos anos 1930, a escola alcançou seu ápice com a consolidação do ensino superior pelo reconhecimento do Governo Federal. A partir deste período há um acréscimo do número de alunos formados na instituição.

Desde a sua fundação a escola ofereceu ensino elementar, preparando a mão-de-obra culta para o campo, cujos alunos estavam aptos para desenhar projetos, ler e explicar máquinas, utilizar a linguagem técnico-científica, promover a policultura e, enfim, dominar a arte da agricultura e da diversidade do campo: pecuária, horticultura e laticínio. O que evidenciou, num primeiro momento, a formação de um profissional com conhecimentos básicos em nível médio e elementar (os cursos rápidos de um ano ou oficinas buscavam atender as necessidades imediatas dos agricultores).

A instituição ofereceu uma formação mais complexa, o ensino superior, preparando o pessoal para o quadro profissional do Governo, trabalhos administrativos e especialistas capazes à inovação técnica e às pesquisas científicas. Afinal, estes alunos deveriam estar aptos, quando formados, para qualquer aperfeiçoamento no exterior.

O desenvolvimento destas capacidades valorizava não somente a introdução de técnicas e de demonstrações em sala de aula, mas a abertura da classe para o seu exterior: o campo ou a natureza, proporcionando as aulas de experimentação, vinculando o contato mais direto entre o aluno e a terra. O que evidenciava o caráter prático da formação do engenheiro agrônomo. Verifica-se que o grande interesse pela experimentação científica influenciou a

pedagogia da escola, daí a valorização pelo contato direto do aluno com o seu campo de trabalho e com a utilização dos estágios.

Portanto, o projeto educativo da Escola Agrícola não resultou de objetivos neutros em si mesmos, mas seus laços atrelavam-se com o contexto mais amplo em Minas Gerais, que buscava, por meio de políticas educacionais, a modernização do campo e a formação de um profissional competente para atender esta demanda, daí a preocupação com o vínculo entre trabalho manual e intelectual no âmbito do ensino técnico agrícola. Por outro lado, esta realidade apresentava as fragilidades e omissão do Estado em deixar nas mãos de particulares a formação a nível médio e superior, pelo menos até a primeira metade dos anos 1920. Ficou evidente que o discurso educativo respondeu às finalidades políticas relacionadas.

Ainda é preciso considerar que o projeto educacional protestante em Lavras continha um ideal de universidade, por isto propôs, em integração com outras escolas protestantes, a “Federação de Escolas Evangélicas” que seria o centro administrativo da tão projetada “Universidade Evangélica.” Assim, registraram-se as primeiras iniciativas protestantes a nível interdenominacional para a organização de uma universidade no Brasil. A iniciativa da Universidade Evangélica vinculava-se à formação profissionalizante e científica, o que reproduziu em seu contexto escolar, a pedagogia norte-americana. As denominações protestantes, a exemplo da experiência reformada, conheciam a força do papel ideológico das escolas.

Tratamos de uma instituição educativa confessional, a qual se adequou às necessidades da missão presbiteriana, a divulgação da sua fé. A análise histórica mostrou que o processo de doutrinação esteve presente tanto na prática educativa, como no discurso dos missionários educadores, não deixando dúvidas quanto à fé ou a confissão da própria escola diante da comunidade, das famílias e, claro, dos alunos.

A Escola Agrícola de Lavras apresentou de forma expressiva os seus objetivos ideológicos e/ou doutrinários. Assim, este ideário convertido em modelo pedagógico-didático selecionou conteúdo, métodos e o público alvo. É visível a preocupação da escola em atender alunos protestantes, bem como utilizar deste espaço escolar para despertar o interesse do aluno pela sua vocação religiosa, daí a relação existente entre vocação, instrução e educação, pois buscava por meio da escola preparar líderes e pastores para a igreja nacional.

Numa perspectiva doutrinária, a escola herdou os princípios calvinistas, valorizando a formação integral do aluno, atrelada ao uso das ciências, da pesquisa e valorização da vocação do indivíduo. Em muitos momentos, a direção da escola deixou evidente a sua relevância social no sentido de fornecer ao Estado ou ao Governo Federal e a qualquer outra instância

social e econômica, profissionais técnicos qualificados para atender a demanda do trabalho. Por isto seu projeto se identificou com a educação liberal e humanista. Existiu na instituição, como fruto do próprio pensamento da reforma protestante, ênfase quanto ao conceito de trabalho: dignifica o homem porque este constitui uma reverência a Deus, por isso ao atender à sua vocação deve desenvolvê-la para a glória de Deus.

Num ponto de vista calvinista, a fé do indivíduo estava presente em todos os âmbitos de sua vida, não havendo a dicotomia entre vida secular e vida religiosa, porque o homem deveria glorificar a Deus em todas as esferas de sua vida ou em todas as atividades desenvolvidas. Além disto, a perspectiva educacional dos idealizadores do projeto educativo para Lavras, Dr. Gammon e Dr. Benjamin Hunnicutt, estava vinculada à própria missão social da igreja que deveria agir e interagir diante das necessidades de seu contexto social.

Evidenciamos na abordagem que uma leitura da cosmovisão religiosa e cultural, a partir dos Estados Unidos, possibilitou uma atenção específica para o processo de inserção do presbiterianismo no Brasil e de suas escolas. Esta realidade valorizou o modelo econômico-político-educacional-religioso dos Estados Unidos, no qual o Brasil deveria espelhar-se como propulsor do progresso. Neste sentido, o ensino agrícola, tão bem sucedido no contexto norte-americano, assumiria este mesmo estereótipo na realidade brasileira. Esta dimensão é bem viabilizada pelos missionários, adotando as características educacionais de seus países no projeto educativo para a Escola Agrícola de Lavras, como é percebida pelo próprio Governo de Minas Gerais, anos mais tarde, ao convidar o americano Peter Rolfs para a consolidação da escola de Viçosa.

Tratamos do ideal de progresso promulgado pela escola. Para os missionários educadores, o sentido de progresso foi entendido numa perspectiva religiosa, pois o protestantismo, como religião moderna, seria o propulsor do progresso vinculado à formação educacional dos jovens ou à ilustração do campo pela educação agrícola. É visível como os protestantes souberam utilizar em seu discurso o ideal de homem civilizado em contraposição a um povo tão marcado pelo analfabetismo no contexto brasileiro. Isto possibilita-nos entender que para aquele contexto rural e rudimentar, progresso significava o saber fazer a partir de práticas simples da agricultura: usar a terra, o maquinário, diversificar o plantio e atentar para os hábitos de higiene, entre outros; assim como a utilização científica e mais complexa da arte da agricultura. Portanto, o lema gammonense confirmou os seus ideais “glória de Deus” (propagação da fé, vocação) e progresso humano (ciência, trabalho, introdução de técnicas e maquinário agrícola, modernidade e a formação integral do indivíduo). Tais objetivos evidenciam como a Escola Agrícola de Lavras desenvolveu-se

como estratégia de evangelização das missões modernas, o que confirma o papel de reformadores religiosos e sociais assumidos pelos missionários para a formação de uma sociedade cristã protestante.

Os documentos sobre os quais direcionamos nosso olhar revelaram que o projeto educacional desenvolvido pela Missão Leste caracterizou-se como estratégia de evangelização protestante ou evangelização indireta (protestantismo de influência), vista por ela como uma forma mais eficaz para alcançar a sociedade. O estudo confirmou a hipótese acerca do papel da Escola Agrícola de Lavras na evangelização protestante: por ser uma escola confessional, seu objetivo maior foi apresentar a base de sua fé (glória de Deus), anunciando o protestantismo como a religião social e moderna, propulsora do progresso. Tal hipótese, em nossa opinião, pode ser afirmada primeiramente a partir dos escritos do Dr. Gammon quando escreveu o seu livro, *A half century of Evangelical Missions in the Lands of the Southern Cross* (A Invasão Evangélica do Brasil: meio século de missões evangélicas na terra do Cruzeiro do Sul), defendendo a causa educacional no interior das missões no Brasil.

Igualmente, para o diretor da Escola Agrícola Benjamin Hunnicutt a preocupação com a participação da Igreja na comunidade voltava-se para o próprio enriquecimento da humanidade ou do indivíduo, o que resultava na promoção da causa de Cristo, o glorificar a Deus. Assim, as escolas protestantes foram chamadas por ele de “escolas missionárias”, importantes para a propagação da fé e para a divulgação dos métodos modernos de ensino. Atendendo as necessidades políticas e educacionais de Minas Gerais.

Em um segundo momento, a nossa hipótese se justifica devido à inserção no currículo escolar da disciplina religião, denominada pela escola como História Sagrada e, posteriormente, Sociologia Cristã. De fato, a introdução desta disciplina no currículo significou a preocupação maior do projeto educativo para Lavras: o ensino da fé protestante para os alunos. Neste sentido, a evangelização indireta (via educação) assumiu um caráter doutrinário, evidenciando o aspecto ideológico da instituição. Além disto, era obrigatória aos alunos a participação nos cultos da Igreja Presbiteriana de Lavras. Evidentemente este pré-requisito estabeleceu sobre os alunos uma hierarquia, uma relação de poder, a qual destina ao discente apenas a obediência, pois, apesar de os professores apresentarem uma relação paternalista com os alunos, esta relação era autoritária e não estava ausente de conflitos. Este caráter confessional não se diferenciou do projeto proselitista da Igreja Católica, o que indicou, apesar das inovações presentes no programa da escola, características de uma educação tradicional.

Dadas as contradições da educação protestante, ao inovar a prática educativa com a introdução do método intuitivo, da prática esportiva, do estudo científico, ao mesmo tempo em que problematizava as necessidades sociais vigentes, através do seu trabalho de extensão juntamente com a comunidade, necessitava manter padrões autoritários para o estudo doutrinário da sua fé, não permitindo aos alunos escolhas quanto à participação nestas aulas e nos cultos da Igreja Presbiteriana local.

A participação dos missionários no projeto educativo da realidade brasileira acarretou prejuízos para o próprio trabalho em Lavras, pois tiveram que lidar constantemente com o discurso em defesa das escolas missionárias diante da Igreja Presbiteriana do Sul dos Estados Unidos e diante da Igreja Presbiteriana do Brasil. A visão educadora da missão nem sempre foi compartilhada por todos os missionários e membros da missão norte-americana, o que resultou em muitos esforços para aquisição de verbas. Dr. Samuel Gammon defendeu a presença das escolas na missão, entendendo que seria o meio mais eficaz para a penetração do Evangelho na “Terra do Cruzeiro do Sul”. Devido a esta ideia, a missão em Lavras desvinculou-se da missão do oeste de Minas Gerais, desdobrando-se em duas: com sede em Lavras, a Missão Leste e, com sede em Campinas, a Missão Oeste, evidenciando as primeiras crises entre os missionários no país, bem como as divergências quanto às estratégias missionárias e educativas.

Nossa análise mostrou que a prática educativa da Escola Agrícola de Lavras reproduziu modelos sociais presentes no discurso dominante do país, pela valorização da pátria, do amor à terra, a introdução do esporte e a higiene do corpo, desenvolvendo nos alunos o civismo, a disciplina militar (Tiro de Guerra) e o serviço da pátria. Essa perspectiva valorizou a disciplina da escola, vista como familiar, mas que deveria ser rigorosamente seguida pelos alunos.

O ponto alto dessa apropriação resume-se nas associações criadas pelos alunos do Instituto Gammon e da Escola Agrícola de Lavras. Exemplificamos a “Associação dos Ex-alunos”, cujo objetivo era manter fraternalmente a relação entre os alunos após o período escolar, perpetuar os ideais da escola e a memória dos fundadores da instituição. Assim, entendemos que os indivíduos alimentaram uma identidade atrelada à instituição, compartilhando solidariedade e integração, que vão além do tempo em que permaneceram na instituição, como no caso das associações.

Quanto à formação pedagógica é preciso considerar que o método intuitivo esteve presente na ação pedagógica da instituição, inovando a prática educativa e valorizando a experiência, ao considerar a educação como aquela que prepara o indivíduo para o

desenvolvimento autônomo das suas capacidades cognitivas e sociais. Daí a preocupação da escola pelo uso de seus laboratórios, a utilização da biblioteca, na tentativa de colocar o aluno numa relação direta com a aprendizagem. Por consequência, valorizou o trabalho de extensão dirigido à comunidade de agricultores, proporcionando-lhe atualização, conhecimento científico, manejo quanto à utilização do maquinário, plantio e utilização das sementes. A imprensa contribuiu com o discurso escolar na divulgação de princípios básicos para a formação do agricultor e da informação científica do campo junto à população. Essa veiculação de saberes presentes nos impressos desejava a vulgarização de novas práticas para o ensino agrícola e para a agricultura moderna.

Não foi possível identificar os “frutos colhidos” pela Igreja Presbiteriana com o desenvolvimento da escola, mas é visível, quando analisamos os jornais e documentos escritos pelos alunos, que estes compreenderam os objetivos confessionais da instituição e, se não se converteram ao protestantismo, tornaram-se simpatizantes. Desta forma, os alunos em diferentes regiões do país foram “testemunhas” deste trabalho educativo e alguns, conforme citamos no desenvolvimento do estudo, idealizaram iniciativas semelhantes quanto a uma escola agrícola em suas regiões. Estes dados lançam subsídios para apreendermos que os alunos da Escola Agrícola de Lavras apropriaram-se de saberes, interiorizaram normas, valores e papéis ensinados nesta relação educativa, pensando no profissional qualificado, no discurso do progresso.

A singularidade do presente estudo volta-se para a configuração desse projeto educativo, visando compreender a proposta educacional da escola a partir do pensamento religioso, político, social e econômico de seus idealizadores. Pouco se explorou até o momento os seus escritos (livros escritos por Dr. Gammon e Benjamin Hunnicutt), o que de certa forma ficou no “senso comum” foram os fatos reproduzidos sobre a história da escola.

A crença de que o ensino agrícola além de vulgarizar o conhecimento técnico, também seria o meio de organização do mercado de trabalho, útil para o desenvolvimento dos recursos naturais, ainda não explorados para o Brasil até aquele momento não foi apenas um ideário mineiro, mas esteve presente no pensamento destes missionários educadores que se espantaram ao verem no Brasil um país tão dependente da produção externa. Por isso, o próprio Hunnicutt participou ativamente de iniciativas do Governo quanto ao desenvolvimento agrícola no Brasil. Da mesma forma, vivenciou em sua formação o discurso americano voltado para a educação agrícola como promotora do progresso, recebendo em sua formação uma visão educacional prática, por isto profissional e científica. Acompanhar esta trajetória nos permitiu apreender que o tripé educação-religião-progresso amalgamou a

trajetória de vida da instituição configurada em nosso corte cronológico, daí o lema da instituição: “Dedicado à Glória de Deus e ao Progresso Humano”.

Finalmente, cabe dizer que a história de uma instituição educativa busca apreender elementos que conferem identidade à instituição educacional, ou do que lhe confere um sentido único no cenário social do qual fez ou ainda faz parte, mesmo que ela sofra mudanças ao longo dos tempos. Em 2008 a Escola Superior de Agricultura de Lavras, hoje Universidade Federal de Lavras, tornou-se uma instituição centenária, de certo há muitas histórias para serem reveladas, as quais definem a instituição em sua identidade sócio-histórica. O período de federalização da escola, nos anos 1960, constitui-se um objeto importante para esta exploração. Muitas histórias estão por vir.

REFERÊNCIAS

1. Fontes Primárias

1.1 Documentos da Escola Agrícola de Lavras

ECOS da inauguração da Escola Superior de Agricultura e Veterinária. Belo Horizonte, Minas Gerais, 2 set. 1926. Folheto.

ESCOLA AGRÍCOLA DE LAVRAS. Boletim da 10ª Exposição Agro-Pecuária Regional de Lavras, 1937.

_____. Estatuto. Lavras: Imprensa Gammon, 1928. In: INSTITUTO EVANGÉLICO. Prospecto do Instituto Evangélico. Lavras: Typ. do Instituto Evangélico, 1928.

_____. Estatuto. Reformado a 9 de janeiro de 1937. In: INSTITUTO GAMMON. Prospecto do Instituto Gammon, Lavras: Imprensa Gammon, 1937.

_____. Formulário de Pedido de Empréstimo.

_____. Livro de Visitas da Escola Agrícola de Lavras, 1909-1924

_____. Regimento Interno da Escola Agrícola de Lavras. Lavras: Imprensa Gammon, 1927.

_____. Termo de Compromisso de Empréstimo.

ESCOLA SUPERIOR AGRÍCOLA DE LAVRAS. Livro de Visitas do Instituto Gammon, 1954-1958.

ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA DE LAVRAS. Livro de Visitas da Escola Superior de Agricultura de Lavras, 1958.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS. Livro de Registros de Diplomas Expedidos, 1911-1913.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS. Registro de alunos da Escola Agrícola de Lavras – 1908 a 1938.

1.2 Documentos do Instituto Evangélico/Instituto Gammon

GAMMON, Samuel Rhea. **Diário**, 1893-1922.

_____. A importância da fundação de uma escola agrícola. [190-]

INSTITUTO EVANGÉLICO. Auxílio-Próprio no Instituto Evangélico, nº II. Lavras: Imprensa Gammon, 1926.

_____. Estatuto da Associação Athletica do Instituto Evangélico. Lavras: Typ. Do Gymnasio de Lavras, 1919.

_____. Livro de Visitas do Instituto Evangélico, 1909-1924.

_____. Programa do Curso de Agronomia, 1908.

_____. Prospecto do Instituto Evangélico. Lavras: Typ. Do Gymnasio de Lavras, 1908.

_____. Prospecto do Instituto Evangélico. Lavras: Casa Editora Presbiteriana, 1909.

_____. Prospecto do Instituto Evangélico. Lavras: Typ. Do Gymnasio de Lavras, 1912.

_____. Prospecto do Instituto Evangélico. Lavras: Typ. Do Gymnasio de Lavras, 1913.

_____. Prospecto do Instituto Evangélico. Lavras, 1917.

_____. Prospecto do Instituto Evangélico. Lavras: Papelaria e Typ. Lavrense, 1920.

_____. Prospecto do Instituto Evangélico. Lavras: Typ. do Instituto Evangélico, 1922.

_____. Prospecto do Instituto Evangélico. Lavras: Typ. do Instituto Evangélico, 1923.

_____. Prospecto do Instituto Evangélico. Lavras: Typ. do Instituto Evangélico, 1924.

_____. Prospecto do Instituto Evangélico. Lavras: Typ. do Instituto Evangélico, 1925.

_____. Prospecto do Instituto Evangélico. Lavras: Typ. do Instituto Evangélico, 1927.

_____. Prospecto do Instituto Evangélico. Lavras: Typ. do Instituto Evangélico, 1928.

_____. Regulamento da Eschola Gratuita, 1895.

INSTITUTO GAMMON. Arquivo Pró-Memória.

_____. Boletim da Escola Agrícola de Lavras. Lavras: Imprensa Gammon, 1950.

_____. Hinos Patrióticos e Cânticos Escolares. Lavras: Imprensa Gammon, 1933.

_____. História das Competições, [199-]

_____. Prospecto do Instituto Gammon. Lavras: Imprensa Gammon, 1929.

_____. Prospecto do Instituto Gammon. Lavras: Imprensa Gammon, 1930.

_____. Prospecto do Instituto Gammon. Lavras: Imprensa Gammon, 1931.

_____. Prospecto do Instituto Gammon. Lavras: Imprensa Gammon, 1932.

_____. Prospecto do Instituto Gammon. Lavras: Imprensa Gammon, 1933.

_____. Prospecto do Instituto Gammon. Lavras: Imprensa Gammon, 1934.

_____. Prospecto do Instituto Gammon. Lavras: Imprensa Gammon, 1935.

_____. Prospecto do Instituto Gammon. Lavras: Imprensa Gammon, 1936.

_____. Prospecto do Instituto Gammon. Lavras: Imprensa Gammon, 1937.

_____. Prospecto do Instituto Gammon. Lavras: Imprensa Gammon, 1938.

_____. Prospecto do Instituto Gammon. Lavras: Imprensa Gammon, 1939.

_____. Prospecto do Instituto Gammon. Lavras: Imprensa Gammon, 1950.

1.3 Atas:

CONSELHO TÉCNICO DA ESCOLA AGRÍCOLA DE LAVRAS. **Ata da oitava reunião do Conselho Técnico realizada no dia 16 mar. 1935.** Lavras, 1935. Livro de atas.

CONSELHO TÉCNICO DA ESCOLA AGRÍCOLA DE LAVRAS. **Ata da oitava reunião do Conselho Técnico realizada no dia 28 abr. 1936.** Lavras, 1936. Livro de atas.

FEDERAÇÃO DAS ESCOLAS EVANGÉLICAS DO BRASIL. **Estatutos.** Reformado a 9 de janeiro de 1937. Lavras: Imprensa Gammon, 1937.

FEDERAÇÃO UNIVERSITÁRIA EVANGÉLICA. **Atas de 1917.** Lavras, Imprensa Gammon, 1917.

_____. **Atas de 1927 e 1928.** Lavras, Imprensa Gammon, 1929. Folheto editado por I. L. KANDEL.

1.4 Cartas:

ABRANTES, Sebastião. **[Carta].** Lavras, 15.11.1916. Carta dirigida ao Dr. Gammon relatando a benevolência do Dr. Gammon e fazendo a solicitação de bolsas de estudos.

BEZERRA, José. **[Carta].** Lavras, [191-]. Carta do Ministro da Agricultura, Indústria e Comércio dirigida ao Dr. Benjamin Hunnicutt, relatando a postura patriótica da escola juntamente com seus alunos e professores.

BAKER, Frank F. [Carta]. Lavras, 31.03.1939. Carta dirigida ao Dr. Paiva relatando as dificuldades da Escola Agrícola de Lavras e solicitando orientação do professor Dr. Paiva.

COSTA, Firmino. [Carta]. Lavras, 22.02.1928. Carta dirigida a Samuel Gammon relatando suas condolências quanto às condições de saúde do Dr. Gammon.

ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA E VETERINÁRIA DE VIÇOSA. [Carta]. Lavras, 09.12.1932. Carta dirigida ao Dr. Benedicto de Oliveira Paiva relatando o convite para a direção do Departamento de Biologia da Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Viçosa.

GAMMON, Samuel Rhea. [Carta]. Lavras, 1924. Carta aos amigos do Instituto Evangélico de Lavras relatando o desenvolvimento da Escola Agrícola de Lavras e a capacidade dos seus professores.

MENEZES, Américo. [Carta]. Lavras, 12.11.1917. Carta dirigida ao Dr. Gammon solicitando ao Dr. Gammon desconto nos estudos de Perosi, candidato a aluno do Instituto Evangélico.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA. [Carta]. Rio de Janeiro, 10.11.1925. Carta dirigida ao Sr. Benedicto de Oliveira Paiva sobre a transferência para a Estação Experimental do Rio Grande do Sul.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA. [Carta]. Rio de Janeiro, 30.11.1936. Carta de designação ao Assistente do Serviço Técnico do Café, Benedicto de Oliveira Paiva.

MOREIRA, Delfin. [Carta]. Belo Horizonte, 26.11.1917. Carta do Presidente do Estado de Minas Gerais ao Dr. Benjamim Hunnicutt relatando as condolências enviadas pela Escola diante da participação imposta do Brasil na Guerra contra a Alemanha.

MOREIRA, Sílvio. [Carta]. Lavras, 05.10.1961. Depoimento sincero sobre um tema atual. Carta expedida por Sílvio Moreira justificando a federalização da instituição.

NASCIMENTO, Franklin. [Carta]. 30.12.1916. Carta dirigida ao Dr. Gammon relatando os agradecimentos sobre o progresso da educação dada ao seu filho.

OLIVEIRA, Benedito Francisco. [Carta]. Belo Horizonte, 02.02.1914. Carta dirigida ao Dr. Gammon relatando a premiação do aluno Benedito Francisco de Oliveira pelo recebimento por parte do Estado de Minas Gerais de uma bolsa de estudos na Escola.

1.5 Apostilas/Boletins:

GAMMON, Samuel. A importância da fundação de uma escola agrícola. [190-].

HUNNICUTT, Benjamin Harris. Agriculture in the Program of Modern Missions. **Student Volunteer Movement**, New York, série 2, n. 9, [191-?a].

_____. **Instituto Evangélico, Lavras Agricultural College: Lavras, Minas, Brazil – foundend 1908**. Nashville, Tennessee: Presbyterian Church in The United States, Educational Department, [191-?b].

_____. **Our School Work at Lavras**. Executive Committee Foreign Missions, Nashville, Presbyterian Church, [192-?].

_____. “And so What”, In: HUNNICUTT JUNIOR, Benjamin Harris. **Os 80 anos da Escola Superior de Agricultura de Lavras**. Coleção Mossoroense, 1992.

HUNNICUTT JUNIOR, Benjamin Harris. **Os 80 anos da Escola Superior de Agricultura de Lavras**. Coleção Mossoroense, 1992.

INSTITUTO EVANGÉLICO. **The Lavras Schools**, [191-?].

LIMA, Moraldino. **Discurso pronunciado em Lavras em 29 de novembro de 1922**. Folheto.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Arquivo da SEAV - Superintendência do Ensino Agrícola e Veterinário. Arquivo Morto do MEC, Brasília, [193-].

OLIVEIRA, Júlio. **O Desmascarador**, 5 ago. 1909. Folheto.

SALVIANO, M. **A formação histórica dos Campos de Sant’Ana das Lavras do Funil**. Lavras: Museu Bi Moreira, [199-].

_____. **Instrução e Formação Educacional**. Lavras: Museu Bi Moreira, [199-]. Apostila.

SILVEIRA, Álvaro Astolfo. **O Pioneirismo da ESAL**. Discurso proferido pelo paraninfo da turma de 1911. Escola Agrícola de Lavras. Minas Gerais. Belo Horizonte, 21 jan. 1911.

1.6 Outras Fontes:

IGREJA PRESBITERIANA DE LAVRAS. Histórico da Igreja Presbiteriana de Lavras. Arquivo da Igreja Presbiteriana.

2. Fontes Secundárias

2.1 Leis:

BRASIL. Decreto-lei nº 19.851, de 11 de abril de 1931. Regulamento Geral do Ensino Agrícola no Brasil. **Imprensa Oficial**, Rio de Janeiro, 1931.

_____. Decreto nº 23.979, de 8 de março de 1934. A Escola Agrícola de Lavras é Reconhecida e Fiscalizada pelo Governo Federal. **Imprensa Oficial**, Rio de Janeiro, 1934.

_____. Decreto nº 1.072, de 1º de setembro de 1936. Concede à Escola Agrícola de Lavras a fiscalização provisória do Governo Federal. **Imprensa Oficial**, Rio de Janeiro, 1936.

MINAS GERAIS. **Coleção de Leis e Decretos do Estado de Minas Gerais.** Belo Horizonte: Imprensa oficial, 1906.

_____. Decreto de nº 3.356, de 11 de novembro 1911. Regulamento Geral do Ensino Agrícola no Estado de Minas Gerais. **Coleção de Leis e Decretos do Estado de Minas Gerais.** **Imprensa Oficial**, Belo Horizonte, 1911.

_____. Decreto nº 690, de 10 de setembro de 1917. Reconhecimento da Escola Agrícola de Lavras. **Imprensa Oficial**, Belo Horizonte, 1917.

2.2 Periódicos:

2.2.1 Jornais

Associação dos Ex- Alunos do Instituto Gammon, fundado em 24 de março de 1931. **A GAZETA.** Lavras, n. 30, 12 jul. 1931.

A SAGA da Família Hunnicutt. **Olho Vivo**, Guarulhos, 8 dez. 2001.

BENJAMIN HARRIS HUNNICUTT. **Entrevista**. O Agrário: Órgão de Divulgação do Centro Acadêmico de Agronomia da Escola Superior de Agricultura de Lavras. Lavras, ano XII, n. 52, set. 1958.

CRIAÇÃO da Escola Agrícola de Lavras. **Folha de Lavras**, Lavras, anno XVIII, 7 set. 1911.

CUNHA, Carlos; PAIVA, Marília Caleffi. O Pão nosso com trigo nosso, ensinou Benedito. **O Nacional**, Passo Fundo, segunda-feira, 19 jun. 2000.

DANTAS, Garibaldi. Escola Agrícola de Lavras. **A República**, jun. 1917. Arquivo do Museu Bi Moreira.

DR. SAMUEL R. GAMMON. **O Município**, Lavras, anno XV, n. 8, 9 jul. 1928.

ESCOLA AGRÍCOLA DE LAVRAS. **A Gazeta**, anno VI, n. 289, 16 ago. 1936.

MOREIRA, Silvio do Amaral. Dr. Jonh Wheelock. **A Gazeta**, Lavras, ano XXVII, n. 1529, 19 mar. 1961.

_____. Fruto do Idealismo. **Acrópole** : Órgão de divulgação cultura do Museu de Lavras. Lavras, ano V, n. 24, jun. 1979, p. 1.

O CINEMATÓGRAFO a serviço da agricultura: uma valiosa iniciativa da ESAL. **Boletim de Agricultura, Zootecnia e Veterinária**. Belo Horizonte, Secretaria de Negócio, Agricultura, Indústria, Terras e Obras Públicas, v. I, p. 53-59, fev. 1929.

OLIVEIRA, Delva Emerick Portilho. Lavras 111 anos. A influência americana na história e na cultura de Lavras. **Acrópole: Separata da Tribuna de Lavras**, Lavras, anno 5, n. 22, p. 4-5, 19 ago. 1979.

O REGISTRO dos diplomas de engenheiros agrônomos pela Escola Agrícola de Lavras. **Jornal Minas Gerais**, Belo Horizonte, 16 out. 1930.

RECONHECIMENTO da Escola Agrícola de Lavras. **O Município**, anno IV, 9 set. 1917.

SEMANA Ruralista. **Lavras Cultura**, Lavras, n. 8, set. 1996.

10ª EXPOSIÇÃO Regional Agro-pecuária de Lavras. **A Gazeta**, anno VII, n. 323, 25 abr. 1937.

2.2.1.1 Jornal O Instituto

ASSOCIAÇÃO Athletica do Instituto Gammon: Campeã Inter-Collegial de 1931. **O Instituto**. Lavras, anno II, n. 5, jul. 1931.

BERGO, Vittorio. Oratória por ocasião da romaria aos túmulos do Dr. Gammon e de D. Carlota Kemper. **O Instituto**. Lavras, anno II, n. 9/10, dez. 1931.

DIA do Instituto. **O Instituto**. Lavras, anno II, n. 9/10, dez. 1931.

GRÊMIO dos Professores. **O Instituto**. Lavras, anno II, n. 1 e 2, mar./abr. 1931.

MOREIRA, Silvio do Amaral. Espírito Gammonense. **O Instituto**. Lavras, ano IX, n. 56-57, abr./maio 1938, p. 1 -2.

_____. Os treze Bravos. **O Instituto**. Lavras, anno V, n. 31/32, nov./dez. 1934.

O 2 DE JUNHO nos nossos esportes. **O Instituto**, anno III, n. 13, jun. 1932, p. 3-4.

O ÊXITO de nossa campanha. **O Instituto**. Lavras, anno 4, n. 20, abr. 1933.

O INSTITUTO e a sua propaganda. **O Instituto**. Lavras, anno 5, n. 31/ 32, nov./dez. 1934.

O INSTITUTO Gammon e a sua obra evangélica. **O Instituto**. Lavras, anno IV, n. 27, nov. 1933.

O VOLLEY-BALL dos Professores. **O Instituto**. Lavras, anno III, n. 11, out. 1932.

RECONHECIMENTO da Escola Agrícola de Lavras. **O Instituto**. Lavras, anno VII, n. 47/48, ago./set. 1936.

SEMANA RURALISTA e Exposição Agro-Pecuária. **O Instituto**. Lavras, anno VI, n. 33, jun, 1935.

1ª SEMANA dos Fazendeiros em Lavras. **O Instituto**, ano IV, n. 25, set. 1933.

12ª EXPOSIÇÃO Agro-pecuária de Lavras e 3ª Semana Ruralista de Lavras. **O Instituto**. Lavras, ano IX, n. 61-62, jul./ago. 1939.

2.2.2 Revistas

COSTA, Firmino. **Boletim Vida Escolar**. Lavras, anno I, n. 1, 1º maio 1907.

_____. **Boletim Vida Escolar**. Lavras, anno I, n. 2, 15 maio 1907.

_____. **Boletim Vida Escolar**. Lavras, anno I, n. 3, 1º jul. 1907.

_____. **Boletim Vida Escolar**. Lavras, anno I, n. 5, 1º jul. 1907.

_____. **Boletim Vida Escolar**. Lavras, anno I, n. 11, 1º out. 1907

_____. **Boletim Vida Escolar**. Lavras, anno I, n. 13, 1º nov. 1907.

_____. **Boletim Vida Escolar**. Lavras, anno II, n. 22, 15 maio 1908.

MUNICIPIO de Lavras. **Revista do Archivo Publico Mineiro**. Belo Horizonte, anno IV, p. 588-608, 1899.

2.2.2.1 Revista O Agricultor

ALVARENGA, José. Discurso de apresentação. **O Agricultor**. Lavras, ano I, n. 1, jun. 1922.

_____. Atitudes do Governo para com a Agricultura. **O Agricultor**. Lavras, ano I, n. 4, out. 1922.

APRESENTANDO-NOS. **O Agricultor**. Lavras, ano I, n. 1, jun. 1922.

DIVULGAÇÃO de Folhetos. **O Agricultor**. Lavras, ano VI, n. 5, 1927.

EMRICH, Oswaldo. Especializações. **O Agricultor**. Lavras, ano V, n. 2, mar. 1926.

ESTATUTO do Grêmio Agrícola da Escola Agrícola de Lavras. Lavras, ano I, n. 1, jun. 1922.

EXPOSIÇÃO Agro-Pecuaria. **O Agriculto**. Lavras, anno I, n. 3, set. 1922.

HUNNICUTT, Benjamin H. Número especial – O Milho. **O Agricultor**. Lavras, anno V, n. 4, jul. 1926.

_____. A Escola Agrícola de “Cornell”. **O Agricultor**. Lavras, ano VI, n. 5, set. 1927.

_____. Consultas. **O Agricultor**. Lavras, anno II, n. 10, dez. 1923.

_____. Duas Décadas do Desenvolvimento Agrícola no Brasil. Conferência Realizada na Sociedade Nacional de Agricultura em 30 de setembro de 1926. **O Agricultor**. Anno VI, n. 1, jan, 1927.

KNIGHT, C. Estradas de Rodagem. **O Agricultor**. Lavras, ano II, n. 10, dez. 1923.

MENICUCCI, Paulo. Instrução e Hygiene. **O Agricultor**. Lavras, ano I, n. 2, ago. 1922.

O ÁLCOOL Industrial. **O Agricultor**. Lavras, ano II, n. 9, nov.1923.

PRINCIPAIS causas do atrazo da vida rural. **O Agricultor**. Lavras, ano I, n. 5, nov. 1922.

RELATÓRIO ANNUAL DO “GRÊMIO AGRÍCOLA”: BIBLIOTECA. **O Agricultor**. Lavras, ano I, n. 5, nov. 1922.

ROLFS, Peter. Algumas considerações sobre o ensino agrícola no Estado de Minas Geraes. **O Agricultor**. Lavras, ano VIII, n. 1, jan. 1929.

_____. O Pomar da Família. **O Agricultor**. Lavras, anno V, n. 2, mar. 1926.

SAUR, Walter Wolf. Construção Moderna da Fazenda. **O Agricultor**. Lavras, anno V, n. 6, nov. 1926.

_____. A Oficialização da Escola Agrícola de Lavras. **Agricultor**. Lavras, anno XVI, n. 7 e 8, jul./ago. 1936.

VILHENA, Mário. Higiene Individual. **O Agricultor**. Lavras, ano VII, n. 3, maio 1928.

2.3 Outras fontes:

ACM. ASSOCIAÇÃO CRISTÃ DE MOÇOS. Disponível em: <<http://www.acmsp.com.br>>. Acesso em: 30 nov. 2007a.

_____. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Associação_Cristã_de_Moços>. Acesso em: 30 nov. 2007b.

BERNARDES, Arthur. **Discursos do Presidente Arthur Bernardes, 1920**. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1920.

CÂMARA MUNICIPAL DE LAVRAS. **Relatório do Agente Executivo Municipal**, Álvaro A. Botelho. Lavras, 7 de janeiro de 1903. Typ. de “O Municipal”, 1903. Relatório.

_____. **Relatório do Agente executivo apresentado a Câmara**. Lavras, janeiro de 1903. Typ. de “O Municipal”, 1903. Relatório.

CARVALHO, Afrânio. Aspectos culturais do Estado de Minas Gerais. Serviço de Estatística educacional da Secretaria de Educação de Belo Horizonte. In: **Actualidade Mineira**, por Afrânio Carvalho, Secretário da Agricultura. Belo Horizonte: Imprensa oficial, 1929.

GAMMON, Samuel R. **Relatório apresentado pelo Diretor do Instituto Evangélico, Sr. Samuel Rhea Gammon ao Sr. Major Candido Prado, Inspector Regionnal da 14ª Circumscrição**. Lavras, 12 de dezembro de 1917. Relatório.

LAVRAS. Efemérides de Lavras, [199-].

MINAS GERAIS. Registro de Grupos Escolares, n. 7, 1912.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE. O Ensino no Brasil no quinquênio 1932-1936. Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, 1939. Boletim nº 1.

MUSEU BI MOREIRA. A História da EAL, [199-].

PRATES, Carlos. **Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Dr. Juscelino Barbosa, Secretário das Finanças, pelo Engenheiro Dr. Carlos Prates, Diretor da Agricultura, Comércio, Terras, e Colonização referente ao ano de 1908.** Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1908. Relatório.

ROSADO, Vingt-Un; MOREIRA, Bi. **Os Quatro Grandes da História da ESAL.** Mossoró, RN: Fundação Vingt-Un Rosado, 1992. (Coleção Mossoroense).

SALLES, Francisco Antonio. **Plano Geral do Ensino Agrícola para o Estado de Minas Gerais,** elaborado em 10 de dezembro de 1896.

SILVA, João Pinheiro da. **O País.** Rio de Janeiro, 17 set, 1906. Folheto.

_____. **Mensagem dirigida pelo Presidente do Estado Sr. João Pinheiro da Silva** ao Congresso Legislativo Mineiro em sua primeira sessão ordinária da quinta legislatura. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1907.

SOUZA, José Gonçalves. **Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Presidente do Estado de Minas Gerais pelo Sr. José Gonçalves de Souza, Secretário da Agricultura, Terras, Viação e Obras Públicas, referente ao ano de 1913.** Belo Horizonte, Imprensa oficial, 1913. Relatório.

WHEELLOCK, John Henry. **Chave para a classificação das famílias de microorganismos phytopathologicos e uma lista alfabetica dos gêneros e a sua respectiva classificação.** Folheto avulso nº 9. Lavras: Serviço de Publicações da Escola Agrícola de Lavras, 1935.

2.4 Livros:

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia.** São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2000.

ALPÍZAR, José Solano. **Educación y desarrollo en América Latina: un análisis histórico-conceptual.** Heredia, C. R.: Euna, 2001.

ANDRADE, Thiago de Oliveira. **Memória e História Institucional: o processo de constituição da Escola Superior de Agricultura de Lavras – ESAL (1892-1938)**. 2006. Dissertação (Mestrado em Administração)- Programa de Pós-graduação em Gestão Social Ambiente e Desenvolvimento, Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2006.

ARAÚJO, José Carlos Souza. Progresso, Educação e História Local: uma longa duração. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, Unicamp, n. 15, p. 1-12, set. 2004.

_____. O professor e a educação: de sua genealogia às expressões no Triângulo Mineiro. In: SCHELBAUER, Anaete Regina; ARAÚJO, José Carlos S. (Org.). **História da Educação pela Imprensa**. Campinas: Alínea, 2007.

ARIÈS, Phillipe. Prefácio. In: ROTERDÃO, Erasmo. **A Civilidade Pueril**. Lisboa: Estampa, 1978.

AZEVEDO, Fernando. **Sociologia educacional: introdução ao estudo dos fenômenos educacionais e de suas relações com os outros fenômenos**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1951.

BANDEIRA, Luis Alberto Moniz. **Presença dos Estados Unidos no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

BARROS, Roque Spencer Maciel de. **Ensaios sobre educação**. São Paulo: Edusp, 1986.

BASTIAN, Jean-Pierre. **Protestantismos y modernidad latinoamericana: historia de unas minorías religiosas activas en América Latina**. México: Ed. Fondo de Cultura Econômica, 1994.

BIÉLER, André. **A força oculta dos protestantes**. São Paulo: Cultura Cristã, 1999.

_____. **O pensamento econômico e social de Calvino**. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1990.

BOAVENTURA, Elias. **A Educação Metodista no Brasil**. Piracicaba: Edição do Autor, 2005.

BUFFA, Ester; NOSELLA, Paolo. **A Escola Profissional de São Carlos**. São Carlos: Ed. UFSCar; FAPESP, 1998.

CALVINO, João. **As Institutas da Religião Cristã**. Tradução de Waldyr Carvalho Luz. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1985. v. 1.

_____. **As Institutas da Religião Cristã**. Tradução de Waldyr Carvalho Luz. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1985. v. 2.

_____. **As Institutas da Religião Cristã**. Tradução de Waldyr Carvalho Luz. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1989. v. 3.

_____. **As Institutas da Religião Cristã**. Tradução de Waldyr Carvalho Luz. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1989. v. 4.

_____. **Instrução na Fé**. Goiânia: Logos Editora, 2003.

_____. **The Sermons of M. John Calvin**. Tradução de Arthur Golding. London: This Banner of Truth, 1583.

CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

CANDIDO, Antonio. A estrutura escolar. In: PEREIRA, Luis; FORACCHI, Marialice (Org.). **Educação e Sociedade**. 9. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1978. p. 107-128.

CÂNDIDO, Rones Alves. **A complexidade plural das “pedagogias” reformadas presbiteriana e norte-americana no Brasil: um estudo de suas origens (1870-1900)**. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação)- Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007.

CAPDEVILLE, Guy. **O ensino superior agrícola no Brasil**. Viçosa: Imprensa Universitária/UFV, 1991.

CARVALHO, José Murilo de. **A Formação das Almas: o imaginário da República no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. **A escola de Minas de Ouro Preto: o peso da glória.** São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1978.

COENEN, Lothar; BROWN, Colin (Org.). **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento.** Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2000.

CORREIA, Ovídio Valois. **A extensão Universitária no Brasil: um resgate histórico.** Organizado por Marta Vieira Cruz e Maria Elisa da Cruz. São Cristóvão: Editora UFS; Fundação Oviêdo Texeira, 2000.

COSTA, Hermistem Maia Pereira. A Reforma Protestante. In: LEMBO, Cláudio (Org.). **O Pensamento de Calvino.** São Paulo: Editora Mackenzie, 2000 (Série Colóquios, v. 2).

CUNHA, Luis Antônio. **A Universidade Temporã.** Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1980.

CUNHA, Marcus Vinícius (Org.). **Ideário e Imagem da Educação Escolar.** Campinas: Autores Associados, 2000.

DICIONÁRIO Histórico-Biográfico de Minas Gerais: período republicano. Belo Horizonte: Centro de Estudos Mineiros/UFMG/ASLMG. No prelo.

DURKHEIM, Emile. **Educação e Sociologia.** 6. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1965.

ENCICLOPÉDIA Barsa. Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica do Brasil, 1970.

EMRICH, Oswaldo. **Suinocultura.** Lavras: Imprensa Gammon, 1933.

FARIA, Maria Auxiliadora. **“A Política da gleba”;** as classes conservadoras mineiras. Discurso e prática na Primeira República. 1992. Tese (Doutorado em História)- Programa de Pós-graduação em História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.

FARIA FILHO, Luciano Mendes. **História do Instituto João Pinheiro: 1909-1934.** 1991. Dissertação (Mestrado em Educação)- Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1991.

_____. **Arquivos, fontes e novas tecnologias: questões para a história da educação.** Campinas: Autores Associados, 2000.

FERREIRA, José Felipe Souza Pessanha Brito. **A Evangelização pela Educação Escolar: Embates entre Presbiterianos e Católicos em Patrocínio, MG (1924-1933)**. 2004. Dissertação (Mestrado)- Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2004.

FERREIRA, Júlio Andrade. **História da Igreja Presbiteriana do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1992. v. 1.

_____. **História da Igreja Presbiteriana do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1992. v. 2.

FERREIRA, Wilson de Castro. **Ainda Floresce a Jabuticabeira**. Campinas: Luz para o Caminho, 1990.

_____. **Calvino: vida, influência, teologia**. Campinas: Luz para o Caminho, 1990.

_____. **Pequena História da Missão Oeste do Brasil**. Patrocínio: CEIBEL, 1996.

FEST, Klaus. **Auxiliar Mechanico do Agrônomo**. 2. ed.. São Paulo: Graphica da Revista dos Tribunais, 1936.

FONSECA, Taís Nívea de Lima e. O livro didático de História: lugar de memória e formador de identidades. In: SIMPÓSIO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE HISTÓRIA, 20., História: fronteiras. Florianópolis, SC, 1999. **Anais...** Associação Nacional de História. São Paulo: Humanitas; FFLCH; ANPUH, 1999.

FORSTER, H. D. Calvinists and education. In: MONROE, Paul. **A Cyclopedia of education (1911-1913)**. New York: Mac Millan, 1925. v. 1 apud LUZURIAGA, Lorenzo. **História da Educação e da Pedagogia**. 7. ed. São Paulo: Editora Nacional. 1975.

GAMMON, Clara. **Assim Brilha a Luz – A vida de Samuel Rhea Gammon**. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

GAMMON, Samuel Rhea. **The evangelical invasion of Brazil or a half century of evangelical missions in the land of Southern Cross**. Richmond: Presbyterian Committee of Publications, 1910.

GATTI JUNIOR, Décio. Entre políticas de estado e práticas escolares: uma história do livro didático no Brasil. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara (Org.). **Histórias e Memórias da Educação no Brasil**; século XX. Petrópolis: Vozes, 2005. v. III.

GEORGE, Timothy. **Teologia dos reformadores**. Tradução Gérson Dudus e Valéria Fontana. São Paulo: Vida Nova, 1993.

GOMES, Antonio Maspoli Araújo. **Religião, Educação & Progresso**. São Paulo: Mackenzie, 2000.

_____. O Pensamento de João Calvino e a Ética Protestante de Max Weber, aproximações e contrastes. **Fides Reformata**. São Paulo, Editora Mackenzie, v. 1, n. 1, jan./jun. 1996.

GONÇALVES NETO, Wenceslau. Imprensa, civilização e educação, Uberlândia (MG) no início do século XX. In: ARAÚJO, José Carlos Souza; GATTI JUNIOR, Décio (Org.). **Novos Tempos em História da Educação Brasileira**. Uberlândia: Autores Associados, 2002.

GONDRA, José Gonçalves. Medicina, Higiene e Educação Escolar. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive (Org.). **500 anos de Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 519-550.

GONZÁLEZ, Justo L. **A Era dos Novos Horizontes**. São Paulo: Vida Nova, 1988.

_____. **A Era dos Reformadores**. São Paulo: Vida Nova, 1995.

_____. **A Era dos Sonhos Frustrados**. São Paulo: Vida Nova, 1995.

_____. **Uma história do pensamento cristão**. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

GRIFFITH, Hugh. John Knox. In: ELWELL, Walter. **Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã**. São Paulo: Vida Nova, 1992. 3 v.

GURGEL, Roberto Mauro. **Extensão Universitária: comunicação ou domesticação?** São Paulo: Cortez; Campinas: Autores Associados, 1986.

HACK, Osvaldo Henrique. **Protestantismo e educação brasileira: Presbiterianismo e seu relacionamento com o sistema pedagógico**. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1985.

_____. **Mackenzie College e o ensino superior brasileiro**: uma proposta de universidade. São Paulo: Editora Mackenzie, 2002.

HILL, Christopher. **O Eleito de Deus**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

HUNNICUTT, Benjamin Harris. **Agrologia, o Estudo do Solo**. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, 1924.

_____. **O milho**: sua cultura e aproveitamento no Brasil. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro, 1924.

_____. **Algodão**: cultivo e comércio. São Paulo: Editora LTDA, 1936.

_____. **Brazil looks Forward**. Rio de Janeiro: IBGE, 1945.

_____. **Brazil**: World Frontier. New York: D. Van Nostrand Company, 1949.

INÁCIO FILHO, Geraldo. **A Monografia na Universidade**. 4. ed. Campinas: Papirus, 2000.

LAHUERTA, Milton. Os intelectuais e os anos 20: Moderno, Modernista, Modernização. In: LORENZO, Helena Carvalho; COSTA, Wilma Peres (Org.). **A década de 1920 e as origens do Brasil Moderno**. São Paulo: Ed. UNESP, 1997.

LANE, Tony. **Pensamento Cristão**; da Reforma à Modernidade. São Paulo: Abba Press, 1999. v. 2.

LARROYO, Francisco. **História Geral da Pedagogia**. 2. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1970. v. 1.

_____. **História Geral da Pedagogia**. 2. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1974. v. 2.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

LEITE, Sérgio Celani. Predestinação e Escolaridade: A Comunidade Presbiteriana e a Educação no município de Lagamar-MG. In: GATTI JR., Décio; INÁCIO FILHO, Geraldo (Org.). **História da Educação em Perspectiva**; ensino, pesquisa, produção e novas investigações. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

LEITH, John H. **A tradição reformada**: uma maneira de ser a comunidade cristã. Tradução de Eduardo Galasso Faria e Gerson Correia de Lacerda. Ed. Rev. São Paulo: Associação Evangélica Literária Pendão Real, 1996.

LEMBO, Cláudio (Org.). **O Pensamento de Calvino**. São Paulo: Editora Mackenzie, 2000. (Série Colóquios, v. 2).

LEWIS, Gillian. The Geneva Academy. In: PETTEGREE, Andrew; DUKE, Alastair. **Calvinism in Europe 1540-1620**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

LIBÂNIO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LLOYD-JONES, Martin. **John Knox**: O Fundador do Puritanismo. São Paulo: PES, 1997.

_____. Puritanismo, definição do termo. Disponível em: <<http://www.monergismo.com/>>. Acesso em: 27 jul. 2006.

LOPES, Augusto Nicodemos. Puritanismo. Disponível em: <<http://www.monergismo.com/>>. Acesso em: 27 jul. 2006.

LUZURIAGA, Lorenzo. **História da Educação e da Pedagogia**. 7. ed. São Paulo: Editora Nacional. 1975.

MAGALHÃES, Justino. Um contributo para a história do processo de escolarização da sociedade portuguesa na transição do antigo regime. **Revista Educação, Sociedade & Cultura**. Portugal, Edições Afrontamento, n. 5, p. 7-34, 1996.

_____. Um apontamento metodológico sobre a história das instituições educativas. In: SOUSA, Cynthia Pereira; CATANI, Denise Bárbara (Org.). **Práticas educativas, culturas escolares, profissão docente**. São Paulo: Escrituras, 1998. p. 51-59.

_____. **Tecendo Nexos**: História das Instituições Educativas. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2004.

MANACORDA, Mario Alighiero. **História da Educação**: da antiguidade aos nossos dias. Tradução de Gaetano Lo Monaco. Revisão da tradução Rosa dos Anjos Oliveira e Paolo Nosella. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MATOS, Alderi. **Os Pioneiros Presbiterianos do Brasil**. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

MEIRA, José Normando Gonçalves. **Ciência e Prática: Ensino Agrícola na Educação Presbiteriana em Minas Gerais (1908-1938)**. 2009. Tese (Doutorado em Educação)- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. **O Celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil**. São Paulo: ASTES, 1995.

MENDONÇA, Sônia Regina. **Ruralismo, Agricultura, Poder e Estado na Primeira República**. 1990. Tese (Doutorado em História)- Departamento de História, FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990. [mimeo].

MESQUIDA, Peri. **Hegemonia norte-americana e educação no Brasil**. Juiz de Fora: EdUFJF; São Bernardo do Campo: EDITEO, 1994.

MOURÃO, Paulo Krüger Corrêa. **O ensino em Minas Gerais no tempo da República**. Belo Horizonte: Centro Regional de Pesquisas Educacionais, 1962.

_____. **O Ensino em Minas Gerais no tempo do Império**. Belo Horizonte: Edição do Centro Regional de Pesquisas Educacionais, 1959.

NAGLE, Jorge. **Educação e sociedade na Primeira República**. São Paulo: EPU, 1974.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho. **Memória do Aprendizado: 80 anos de ensino agrícola em Sergipe**. Maceió: Edições Catavento, 2004.

NOSELLA, Paolo; BUFFA, Ester. **Schola Mater: a antiga Escola Normal de São Carlos**. São Carlos: EdUFSCar, 1996.

NÓVOA, António. Para uma análise das instituições escolares. In: NÓVOA, A. (Coord.). **As Instituições escolares em análise**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992. p. 15-43.

NÓVOA, António. Apresentação. In: CAMBI, F. **História da Pedagogia**. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

NUNES, Clarice. História da Educação Brasileira: novas abordagens de velhos objetos. **Teoria & Educação**. Porto Alegre, n. 6, p. 151-182, 1992.

OLIVEIRA, Sérgio Wagner de. **Instituto Presbiteriano Gammon**: um modelo da política da implantação do ensino protestante no Brasil. 2000. Dissertação (Mestrado)- Universidade Vale do Rio Verde de Três Corações - UNINCOR, Três Corações, 2000.

PAIVA, Ângela Rodolpho. **Católico, Protestante, Cidadão**: uma comparação entre o Brasil e Estados Unidos. Belo horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2003.

PAIVA, Benedicto de Oliveira. **Apontamentos de Genética**: Elementar e Applicada. Lavras: Typ. do Instituto Evangélico, 1925.

PEDRA, José Alberto. **Currículo, Conhecimento e suas Representações**. 7. ed. Campinas: Papirus, 2003.

PEIXOTO, Anamaria C. **Educação no Brasil anos Vinte**. São Paulo: Loyola, 1983.

_____. Triste Retrato: A educação Mineira no Estado Novo. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes; PEIXOTO, Anamaria Casasanta (Org.). **Lições de Minas**: 70 anos da Secretaria da Educação. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais, 2000.

PEREIRA, Luis; FORACCHI, Marialice (Org.). **Educação e Sociedade**. 9. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1978.

PESTALOZZI, Johann Heinrich. **Cartas sobre educación infantil**. Trad. José María Quintana Cabanas. Madrid: Tecnos, 1988.

_____. **Cómo enseña Gertrudis a sus hijos**. Tradução de Lorenzo Luzuriaga. [S.l.]: Ediciones de la Lectura, [19--].

PETITAT, André. **Produção da escola/produção da sociedade**: análise sócio-histórica de alguns momentos decisivos da evolução escolar no ocidente. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 1-15, 1992.

RAMALHO, Jether Pereira. **Prática Educativa e Sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

READ, William. R. **Fermento religioso nas massas do Brasil**. São Paulo: Imprensa Metodista, 1967.

RIBEIRO, Boanerges. **Protestantismo e Cultura Brasileira: aspectos culturais da implantação do protestantismo no Brasil**. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1981.

_____. **A Igreja Presbiteriana no Brasil, da autonomia ao Cisma**. São Paulo: O Semeador, 1987.

_____. **Igreja Evangélica e República Brasileira (1889-1930)**. São Paulo: O Semeador, 1991.

_____. **Mackenzie**. Disponível em: <<http://www4.mackenzie.com.br/7177.html>>. Acesso em: 10 nov. 2007.

RIBEIRO, Maria das Graças. Caubóis e Caipiras. Os *Land-Grant Colleges* e a Escola Superior de Agricultura de Viçosa. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 3., 7 a 10 de novembro de 2004, Curitiba. **Anais...** Curitiba: PUCPR, 2004.

RIBEIRO, Viviane. **Da ética protestante à finalidade do trabalho: os presbiterianos no contexto educacional do Alto Paranaíba-MG (1913-1966)**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação)- Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2005.

ROMANELLI, Otaiza Oliveira. **História da Educação no Brasil (1930-1973)**. Petrópolis: Vozes, 1998.

ROSSI, Michelle Pereira da Silva. **Educação da Mulher e Evangelização Católica: Um olhar sobre a Escola Normal N. Sra. do Patrocínio**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação)- Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2005.

ROTerdão, Erasmo. **A Civilidade Pueril**. Lisboa: Estampa, 1978.

SAVIANI, Dermeval. Instituições Escolares: Conceitos, história, historiografia e práticas. **Cadernos de História da educação**, Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia, n. 4, jan./dez. 2006.

SCHELBAUER, Anaete Regina. **A Constituição do Método de Ensino Intuitivo na Província de São Paulo (1870-1889)**. 2003. Tese (Doutorado em Educação)- Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

SCHULZ, Almiro. **Projeto de Universidade Protestante no Brasil**. 1999. Tese (Doutorado em Educação)- Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 1999.

_____. **Educação Superior Protestante no Brasil**. Engenheiro Coelho-SP: UNASPRESS, 2003.

SILVA, Fabrício Valentim. **Ensino Agrícola, Trabalho e Modernização no campo: a origem da Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Gerais (1920-1929)**. Dissertação (Mestrado em Educação)- Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007.

SILVA, Uiara. **Extensão universitária: a interação do conhecimento na Semana do Fazendeiro – UFV**. 1995. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural)- Departamento de Economia Rural, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 1995.

SILVA, Wilson Santana. Memórias de uma ausência: História da Igreja – disciplina ausente nos manuais de História do Brasil. **Fides Reformata**. São Paulo, Editora Mackenzie, v. X, n. 2, 2005.

SOLSONA, Mayos. Estudios Preliminares y notas. In: TURGOT, Anne-Robert-Jacques. **Discursos sobre el progreso humano**. Madrid: Editorial Tecnos, 1991.

SYDENSTRICKER, Margarida. **Carlota Kemper**. Tradução de Jorge Goulart. São Paulo: São Paulo Editora Limitada, 1941.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: História Oral**. 2. ed. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1998.

TORRES, João Camilo de Oliveira. **História das idéias religiosas no Brasil**. São Paulo: Editora Grijalbo, 1968.

TURGOT, Anne-Robert-Jacques. **Discursos sobre el progreso humano**. Madrid: Editorial Tecnos, 1991.

VEIGA, Cynthia Greive. Historiografia da Educação de Minas Gerais: Uma história regional? In: LOPES, Maria Amélia Borges de M.; GONÇALVES, Irlen Antonio; FARIA FILHO, Luciano Mendes; XAVIER, Maria do Carmo (Org.). **História da Educação em Minas Gerais**. Belo Horizonte: FCH/FUMEC, 2002.

VERÍSSIMO, José. **A Educação Nacional**. 3. ed. Porto Alegre: Ed. Mercado Aberto, 1985.

VIDAL, Diana Gonçalves; FARIA FILHO, Luciano Mendes. **As Lentes da História**: estudos de história e historiografia da educação no Brasil. Campinas: Autores Associados, 2005.

VIEIRA, David Gueiros. **O Protestantismo, A Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil**. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1980.

VILAS-BÔAS, Ester Fraga. **Origens da educação protestante em Sergipe: 1814-1913**. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, 2000.

_____. A influência da pedagogia norte-americana na educação em Sergipe e na Bahia: reflexões iniciais. **Revista Brasileira de História da Educação**. São Paulo, n. 2, p. 9-38, jul./dez. 2001.

WALLACE, Ronald. **Calvino, Genebra e a Reforma**; um estudo sobre Calvino como um reformador social, clérigo, pastor e teólogo. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003.

WARDE, Mirian Jorge. Americanismo e educação: um ensaio no espelho. **São Paulo em Perspectiva**. São Paulo, v. 14, n. 2, abr./jun. 2000.

WATT, Jeffrey R. Calvinism, Childhood, and Education: The Evidence from de Genevan Consistory. **Sixteenth Century Journal; The Journal of Early Modern Studies**. Truman State University, Kirsville, MO, v. XXXIII, n. 2, p. 437-463, summer 2002.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. 9. ed. São Paulo: Pioneira, 1994.

WINTHROP, John. Quem foram essas pessoas chamadas de “Os Puritanos”. Disponível em: <<http://www.monergismo.com/>>. Acesso em: 27 jul. 2006.

WIRTH, John D. **O Fiel da balança**: Minas Gerais na Federação Brasileira 1889/1937. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.